ÉPOCA
www.epoca.com.br
EDITORA GLOBO

PANCADÃO
Será que o Brasil resiste à crise?

ROCK'N'ROLL
As revelações de Renato Russo sobre sexo e drogas

MÚSICA DE ELEVADOR
Os tucanos sacodem as penas, mas não bicam



A GUARDA DO PALÁCIO

Pode não parecer, mas é o PMDB de Renan, Temer e Eduardo Cunha que protegerá Dilma da ameaça do impeachment

Promoção Vip no Rock in Rio_

Você e 5 amigos curtindo o festival na maior mordomia.

Cadastre-se e participe: itau.com.br/rockinrio



AFRICA

viver a música #issomudaomundo

Imagem ilustrativa. Certificado de Autorização SEAE/MF nº 04-0225/2015.
Participação de 15/6/2015 a 19/8/2015. Consulte o regulamento completo em www.itau.com.br/rockinrio

promoção no VIP Rock in Rio

Patrocinador Oficial
do Rock in Rio.

Itaú

Tecnologia, conforto e segurança. Chassis de ônibus rodoviário Mercedes-Benz, o Mercedes-Benz da galera.

Pensando no coletivo. Pensando no futuro.



Quando a Mercedes-Benz produz um chassi ela pensa em tudo, especialmente no passageiro. É por isso que hoje ela oferece as mais diversas opções de chassis rodoviários, para longas e médias distâncias, como também para aplicação em fretamento. Isso tudo porque a Mercedes-Benz tem a mais completa linha do mercado, com produtos que oferecem conforto, qualidade e respeito ao meio ambiente, para você chegar a seu destino com segurança.

mercedesbenzonibus

CRC: 0800 970 9090 | www.mercedes-benz.com.br

IBAMA PROCONVE HOMOLOGADO

Na cidade somos todos pedestres.


120
ANOS DE
ÔNIBUS
NO MUNDO
Uma marca do Grupo Daimler.
Mercedes-Benz
A marca que todo mundo confia.

FAZER O CERTO É A NOSSA CARA.

VENHA TRABALHAR NA BRF.



Caroline Dias
Gente – São Paulo

DM9

Se você quer crescer do jeito certo e acredita em um caminho sem atalhos, venha trabalhar com a gente.

A 7ª maior empresa de alimentos do mundo, presente em mais de 120 países, nos 5 continentes.

Nós somos uma das 100 empresas mais inovadoras do planeta, com 104 mil pessoas construindo o futuro juntas.

Sim, somos grandes, mas queremos ser muito mais com você.

Envie seu currículo pelo www.sonhadoresbrf.com.br

Vamos juntos realizar o sonho de uma BRF ainda maior.

VIVA BRF



Sadia · PERDIGÃO · Qualy · brf

SUMÁRIO

EDIÇÃO 892 | 13 DE JULHO DE 2015

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 12

PERSONAGEM DA SEMANA 13
Euclid Tsakalotos, novo ministro das Finanças da Grécia

A SEMANA EM NOTAS 16

A SEMANA EM FRASES 18

EXPRESSO 20
Joaquim Levy adora usar a expressão "troca de fiação" para falar de mudanças estruturais

GUILHERME FIUZA 22
Só a Grécia salva Dilma

SUA OPINIÃO 24

NOSSA OPINIÃO 26
Os danos que a China pode causar ao Brasil

TEMPO

TEATRO DA POLÍTICA 28
O PMDB é a tropa de choque de Dilma ....

A marcha lenta no reino dos tucanos 36

ENTREVISTA 38
Luís Inácio Adams, advogado-geral da União

INVESTIGAÇÃO 42
O caminho do dinheiro da Lava Jato no exterior

CENAS BRASILEIRAS 44
O arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta, é assaltado

IDEIAS

DEBATES E PROVOCAÇÕES
O tamanho da crise que o governo Dilma enfrenta 46

O cientista social **Luiz Werneck Vianna,** otimista sobre as instituições brasileiras 50

O economista **João Sayad**, cético em relação ao atual cenário político 52

PARADOXOS E CONTRADIÇÕES 54
O que chamam de "reação conservadora" é, na verdade, moralismo popular

HELIO GUROVITZ 58
O homem que tentou deter o nazismo, em *Estado secreto*, de Jan Karski

VIDA

MÚSICA EM PERFIL 60
Novo livro traz relatos sinceros do período de internação de Renato Russo

MENTE ABERTA
Exposição sobre François Truffaut revela o universo dos filmes – e as musas – do diretor 64

O novo visual dos heróis dos quadrinhos 68

MARCIO ATALLA 70
Fazer abdominal não elimina as gordurinhas

BRUNO ASTUTO 72
Thiago Soares, o brasileiro que se tornou primeiro-bailarino da Royal Ballet, de Londres

WALCYR CARRASCO 75
Sonho que é pesadelo

OBSERVADOR DA MODA 76
O visual pós-andrógino chega para revolucionar o guarda-roupa deles e delas

12 HORAS 80

RUTH DE AQUINO 82
O golpe é só uma fantasia



EDITORA GLOBO

DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE Alexandre Barsotti
DIRETOR DE MERCADO LEITOR Luciano Touguinha de Castro

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Marcos Coronato
Editor-Colunista: Bruno Astuto
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Danilo Venticinque, Flávia Yuri Oshima, João Luiz Vieira, Marcela Buscato, Marcelo Moura, Rodrigo Turrer
Repórteres Especiais: Cristiane Segatto, José Fucs
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Flávia Tavares, Graziele Oliveira, Júlia Azevedo Korte, Leopoldo Mateus, Marcelo Sperandio, Nina Finco, Pedro Marcondes de Moura, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa, Thais Lazzeri, Vinicius Gorczeski
Estagiários: Ana Helena Rodrigues, Ariane Teresa de Freitas, Felipe Hideki Yatabe, Gabriel Lellis, Gabriela Varella, Harumi Visconti, Igor Utsumi, Patricia Peres
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Praça Floriano, 19 – 8º andar – Centro – CEP 20031-050
Diretora: Cristina Grillo; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Daniela Barbi, Marcelo Bortoloti;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Raphael Gomide;
Estagiária: Lívia Cunto Salles | **BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br**
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber; **Editor:** Leandro Loyola;
Repórteres: Filipe Coutinho, Murilo Ramos, Thiago Bronzatto
FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica
Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Editor de Infografia: Marco Vergotti; **Infografistas:** Luiz C.D. Salomão
SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel
REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Verginia Helena Costa Rodrigues
ÉPOCA ONLINE | epocaonline@edglobo.com.br
Editora: Liuca Yonaha; **Editora Assistente**: Isabela Kiesel;
Repórteres: Bruno Calixto, Marina Ribeiro, Rafael Ciscati; **Vídeo:** Pedro Schimidt;
Web Designer: Giovana Tarakdjian; **Estagiária**: Marina Salles Teixeira
CARTAS À REDAÇÃO: Nathalia Bianco **epoca@edglobo.com.br**;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno; **Assistentes:** Nathália Machado Garcia, Victória Miwa; **Pesquisa:** CEDOC/Globopress;
INOVAÇÃO DIGITAL: Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;
Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;
Gerente de Tecnologia Digital: Carlos Eduardo Cruz; **Gerente de Interfaces Digitais:** Valter Bicudo; **Designers:** Janaina Torres, Sheyla Amaral; Esley Henrique e Marcella Maia *(estagiários)* **Desenvolvedores:** Bruno Agutoli, Everton Ribeiro, Jeferson Mendonça, Leonardo Turbiani, Marcio Esposito, Tcha-Tcho, Victor Hugo Oliveira da Silva

MERCADO ANUNCIANTE: Diretoria de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn, Marcia Soter; **Executivos de negócios multiplataforma:** Fabio Ferri, Cristiane Paggi, Selma Pina, Ciro Hashimoto, Ana Silvia Costa, Milton Luiz Abrantes; **Gerente de negócios multiplataforma Pequenas e médias agências e Grupo Casa, Galileu e Monet:** Sandra Melo; **Executivos de negócios multiplataforma Grupo Casa, Galileu e Monet:** Ana Silvia Costa, Marco Antônio Costa Gandares, Milton Luiz Abrantes, Cristiane Nogueira, Valquiria Blasioli Leite, Keila Ferrini; **Gerente multiplataforma Pequenas & Médias Agências e Grupo Moda:** Andreia Santamaria; **Executivos de negócios multiplataforma Moda:** Eliana Lima Fagundes, Neusi Maria Brigano, Rosa Maria Martini Barreira; **Gerente de negócios multiplataforma Marie Claire:** Graziela Daiuto; **Diretora de Negócios Digitais:** Renata Simões de Oliveira; **Executivos de negócios digitais:** Andressa Bonfim, Lilian Ramos Jardim, Bianca Ramos Piovezana; **Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **Diretor de negócios multiplataforma Regional, PEGN, AE, GR e Época Negócios:** Renato Augusto Siniscalco; **Executivos de negócios multiplataforma:** Andressa Aguiar, Diego Fabiano; **Gerente multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executiva multiplataforma:** Alexandra Caridade Azevedo; **Diretor de negócios multiplataforma sucursais RJ e BSB:** Ricardo Rodrigues; **Gerente de negócios multiplataforma RJ:** Rogério Pereira Ponce de Leon; **Executivos de negócios multiplataforma RJ:** Andrea Muniz, Daniela Lopes, Maria Cristina Machado, Katia Correia, Pedro Paulo Rios, Suellen de Aguiar; **Gerente de negócios multiplataforma BSB:** Fernanda Requena; **Executivas de negócios multiplataforma:** Barbara Costa, Camila Amaral; **Diretor Estúdio Globo:** Rafael Kenski; **Gerente:** Eduardo Watanabe; **Gerente de eventos:** Daniela Valente; **Opec on-line:** Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Henrique Fermino, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero; **Opec off-line:** José Soares, Carlos Roberto Alves de Sá, Douglas Vieira da Costa

MERCADO LEITOR: Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos;
Ger. de Vendas de Assinaturas: Reginaldo Moreira da Silva;
Ger. de Operações e Planejamento de Assinaturas: Ednei Zampese

ANER IVC FIPP

ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Av. Jaguaré, 1.485, São Paulo (SP), CEP 05346-902. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Log & Print Gráfica e Logística S.A.** – Rua Joana Foresto Storani, 676 – Distrito Industrial – Vinhedo, São Paulo, SP – CEP 13280-000. **Gráfica Santa Marta Ltda.** – Rua Hortêncio Ribeiro de Luna, nº 3333, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba – CEP 58081-400.

Atendimento ao assinante

Disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e sábado, das 8 às 15 horas.

- **Internet: www.editoraglobo.com.br/atendimento**
- **São Paulo: 11 3362-2000**
- **Demais localidades: 4003-9393***
- **Fax: 11 3766-3755 (notificações da Justiça devem ser enviadas para 11 3767-7292)**

*Custo de ligação local. Serviço não-disponível em todo o Brasil.
Para saber da disponibilidade do serviço em sua cidade, consulte sua operadora local

Para anunciar ligue: SP: 11 3767-7700/3767-7489
RJ: 21 3380-5924, e-mail: **publiepoca@edglobo.com.br**

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, Época. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – e-mail: **epoca@edglobo.com.br**

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. Época reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Edições anteriores: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

PETRONAS SYNTIUM. PROTEJA O MOTOR DO SEU CARRO COM A TECNOLOGIA DAS PISTAS DE F1.

PETRONAS
reimagining™ energy



ATOMO

PETRONAS SYNTIUM
DESENVOLVIDO POR EXPERTS

THE WINNING FORMULA FOR THE WORLD CHAMPIONS 2014



Agora você pode ter o mesmo lubrificante testado e aprovado pelos experts da equipe MERCEDES AMG PETRONAS de Fórmula 1 no seu carro. PETRONAS SYNTIUM é mais performance para o seu motor.

PETRONAS. PRESENTE NO MUNDO. NO BRASIL. NA SUA VIDA.

FLUID TECHNOLOGY SOLUTIONS DEVELOPED FOR
Technology Partner MERCEDES AMG PETRONAS FORMULA ONE™ TEAM

MAIS DE 100 ANOS DE INOVAÇÃO EM FLUIDOS.

www.pli-petronas.com.br

COM 4 MESES DE ALUGUEL* DESTA:





Peça já a sua, acesse ou ligue:

pagseguro.com.br

4003-6624

Atendimento 24 horas, todos os dias da semana.

VOCÊ COMPRA UMA DESTA:



moderninha

A nova maquininha do PagSeguro

- Sem aluguel.
- Sem taxa de adesão.
- Não precisa de celular.
- Frete grátis.

ACEITA AS PRINCIPAIS BANDEIRAS, INCLUINDO:

MasterCard | VISA

pagseguro UOL

A maquininha sem aluguel.

*Preço total à vista da Moderninha: R$ 598,80, equivalente a menos de 4 meses de custo médio mensal com taxa de adesão (R$ 150,24) das máquinas GPRS dos concorrentes (Fonte: preços dos principais credenciadores em março/2015, coletados nos sites e por telefone.). **Preço promocional de 12X de R$ 49,90 válido até o fim do estoque. Preço regular: 12X de R$ 59,90. Consulte condições em pagseguro.com.br.

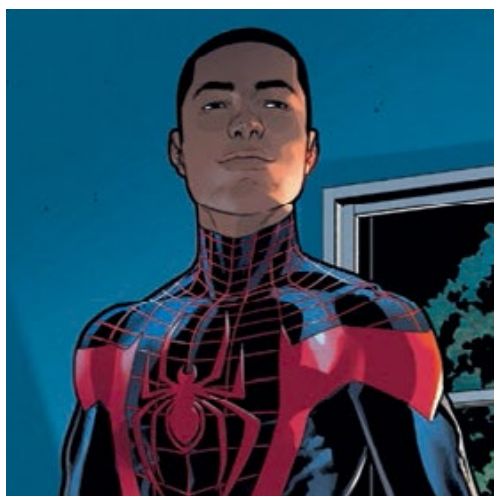
Uma ideia errada de heroísmo

Na era de ouro dos quadrinhos – as décadas de 1930 e 1940 – acreditava-se que os super-heróis influenciavam o comportamento das crianças e dos jovens. Por isso, era necessário que personagens como Super-Homem, Capitão América e Homem-Aranha tivessem condutas impecáveis. Como é recorrente na cultura pop, o surgimento desses super-heróis também refletia tendências da sociedade. Não foi por acaso que, em 1941, o psicólogo William Marston criou a Mulher Maravilha. Ele se inspirou no movimento feminista que explodiu nos Estados Unidos nos anos 1910 e 1920. A Mulher Maravilha lutava, nas palavras de seu criador, em favor "da liberdade, da democracia e das mulheres".

O mundo mudou para melhor em vários aspectos, na virada do século XX para o XXI. Um deles foi na área dos direitos civis. Por causa disso, a editora americana Marvel decidiu mudar o visual de alguns de seus super-heróis. Surgiram, assim, um Homem-Aranha hispânico *(ao lado)* e um Capitão América negro. O poderoso Thor, viking que brandia um martelo em sua luta do bem contra o mal, ganhou versão feminina. Como relata a repórter Nina Finco nesta edição, os novos super-heróis refletem os tempos em que vivemos e a diversidade da sociedade americana. E, super-heróis que são, continuam a ser modelos impecáveis de conduta.

A reflexão sobre os quadrinhos – a importância de criar modelos para a sociedade – pode ser aplicada à política. Ao longo da história, os governantes que marcaram época defendiam ideias claras e eram, à maneira humana, exemplos de conduta. Na história americana, os primeiros nomes que vêm à mente são Abraham Lincoln, Franklin Roosevelt e John Kennedy. Os três superaram crises graves com pensamento claro e ação tenaz. Em tempos mais recentes, os britânicos Tony Blair e Margaret Thatcher redefiniram as noções de esquerda e direita em democracias modernas. O Brasil atual anda carente de governantes com tal estatura. Em entrevista publicada nesta edição, o economista e ex-ministro João Sayad lamenta a falta de lideranças na política brasileira. Mas isso talvez nem seja o pior.

O pior é quando os partidos elevam suspeitos de corrupção, ou mesmo corruptos condenados, à categoria de heróis. Quando foi para a cadeia depois de ser condenado no escândalo do mensalão, o ex-ministro José Dirceu cerrou o punho diante dos fotógrafos que documentavam a cena histórica. O gesto, surgido entre as duas grandes guerras no partido comunista alemão, foi celebrizado nos anos 1960 pelos radicais do grupo Panteras Negras, que lutavam contra o racismo. Ao cerrar o punho, Dirceu queria dizer que sua prisão – por um dos crimes mais comuns e antigos da humanidade, diga-se – tinha conotações políticas.



REPAGINADO
O novo Homem-Aranha. Os heróis são exemplos para os jovens. Os políticos, não

Tal conduta é estimulada pelos próprios partidos. O nome do tesoureiro do PT, João Vaccari, foi aplaudido de pé no encontro nacional da legenda, no mês passado. Vaccari é suspeito de corrupção e, desde abril deste ano, está em prisão preventiva. Na semana passada, a principal sigla da oposição, o PSDB, adotou conduta parecida. Convidou para a área VIP da convenção do partido o ex-deputado e ex-governador Eduardo Azeredo. Ele é investigado por um triste pioneirismo: o esquema que Marcos Valério tornaria célebre no mensalão apareceu pela primeira vez em seu governo.

Não se exige que os políticos se comportem como o Homem-Aranha ou o Capitão América. Mas ajudaria se PT e PSDB, situação e oposição, não elevassem corruptos ou suspeitos de corrupção ao status de super-heróis. É por causa disso que alguns brasileiros perdem a fé no país, na política – e nos próprios partidos.



João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

Foto: reprodução

PERSONAGEM DA SEMANA

EUCLID TSAKALOTOS

Euclid, fala com a Merkel

O novo ministro das Finanças da Grécia terá a missão de reabrir o diálogo com os alemães, a União Europeia e o FMI. Se conseguir, será um herói de nosso tempo

DEUS EX MACHINA **Tsakalotos chega a uma reunião com credores, em Atenas, na quarta-feira, dia 8. Ele é a esperança grega**

Foto: Yannis Behrakis/Reuters

Rodrigo Turrer, com **Gabriel Lellis**

O grito foi alto – e ouvido na Europa inteira. O "não" da população grega no referendo sobre os termos de um novo acordo com os credores do país tem repercussões imediatas e pode afetar as próximas gerações. Logo de cara, pode resultar na saída da Grécia do Euro. Se as previsões mais catastróficas se confirmarem, pode ser apontado no futuro como o primeiro sinal de esfacelamento do projeto europeu. O homem com a missão de evitar isso, estancar a sangria da Grécia e conseguir ajuda externa é um pacato economista de 55 anos, formado na Universidade de Oxford, casado com uma britânica e portador de dupla nacionalidade, holandesa e grega. Euclid Tsakalotos é conhecido por seu estilo despojado e temperamento ameno – o exato oposto de seu antecessor, o extravagante e mercurial Yannis Varoufakis, que deixou o cargo na semana passada. "Depois do resultado do referendo, eu soube de uma certa preferência de participantes do Eurogrupo pela minha... 'ausência' de suas reuniões", escreveu Varoufakis em seu blog pessoal. "Uma ideia que o primeiro-ministro considera potencialmente útil para ele chegar a um acordo. Por essa razão, estou deixando o Ministério das Finanças." Assim, sobrou para Tsakalotos convencer a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, a União Europeia e o Fundo Monetário Internacional a ajudar os gregos.

O ministro que saiu é um especialista em Teoria dos Jogos e ajudou o governo grego a fazer uma aposta que parecia maluca, mas se revelou correta: o chamado às ruas e a força do voto de um referendo aumentaram o poder dos negociadores gregos diante do Eurogrupo, que reúne ministros de Finanças e outras autoridades da Zona do Euro. Mas, com seu estilo truculento e agressivo, o ex-ministro estava identificado demais com as posturas intransigentes adotadas pela Grécia nas negociações dos últimos meses. "A saída de Varoufakis é um aceno aos credores feito pelo governo grego", escreveu Mujtaba Rahman, especialista em Europa da consultoria de risco Eurasia. "*(O novo ministro)* Tsakalotos conhece seu partido profundamente e pode ajudar a construir uma ponte entre os objetivos europeus e os objetivos gregos."

Tsakalotos anda de moto, usa mochila e dispensa terno e gravata, mas não segue o abrasivo discurso radical de seu antecessor. Nascido em Roterdã, na Holanda, em 1960, filho de um engenheiro civil e uma dona de casa gregos, Tsakalotos passou 30 anos na Inglaterra – onde estudou no colégio St. Pauli, um reduto da aristocracia britânica, antes de cursar política, filosofia e economia em Oxford, outro reduto aristocrático. Ph.D. em economia e política, começou a dar aulas na Universidade de Kent, ainda na Inglaterra, onde conheceu a economista Heather Gibson. Os dois se casaram e tiveram três filhos, antes de se mudar para a Grécia, em 1994, quando Tsakalotos virou docente na Universidade de Atenas.

O novo ministro difere do anterior em forma e conteúdo. Ao contrário de Varoufakis, que se proclama um "marxista errático", Tsakalotos – que também se define como marxista – é adepto da chamada "Nova Esquerda". Ou seja, como Tony Blair, nome mais reluzente da tendência, dispõe-se aparentemente a assumir compromissos com a realidade capitalista sem perder de vista seus objetivos sociais. Começou a militar no Partido Comunista da Grécia nos anos 1980 e se tornou um dos principais ativistas do Synaspismos – uma coalizão de esquerda fundada em 1991, que abarcava trotskistas, socialistas e verdes, e deu lugar, em 2013, ao Syriza, do atual primeiro-ministro, Alexis Tsipras. Desde o começo do Syriza, Tsakalotos é um de seus principais ideólogos, disposto a tudo para ajudar – até a ficar no caixa do souvlaki, um espetinho grego, nas festas para arrecadar fundos. Em 2012, foi eleito para o Parlamento grego. Antes de Varoufakis ser nomeado ministro das Finanças, Tsakalotos era o favorito para o cargo. Teve de se contentar com o posto de ministro adjunto de negócios estrangeiros e aguardou sua chance.

A paciência será uma virtude importante nas próximas rodadas de negociação – e a mudança no estilo é nítida. Na última quarta-feira, dia 8, depois de meses de impasse, Tsakalotos adotou um tom humilde e cumpriu a primeira condição para evitar a saída da Grécia da Zona do Euro: enviou o pedido para um terceiro programa de ajuda financeira. Atenas solicitou um resgate de € 50 bilhões, em troca de três concessões. A primeira é aceitar um programa completo de resgate, o que implica se submeter a revisões contínuas por parte do Eurogrupo. A segunda é a eleva-



PAPO NO FIM **Alexis Tsipras *(à esq.)* e Angela Merkel *(à dir.)* em Berlim. A Grécia tem dívidas a vencer no dia 20**

Foto: Guido Bergmann/picture-alliance/dpa/AP Images



Tsakalotos é um marxista com modos informais. Seu preparo e temperamento permitem algum otimismo

ção do IVA (imposto sobre consumo) e uma reforma no sistema de aposentadorias a partir da semana que vem – um entrave nas negociações até agora. Por fim, Atenas deixou de pedir uma completa "reestruturação da dívida" e aceita discutir a questão até o fim do ano.

Ainda é pouco. Os gregos terão muito trabalho pela frente antes de dar fim ao período de tormento. E, qualquer que seja o desfecho dos acordos dos próximos dias, será amargo. Se houver algum tipo de acordo e a Grécia continuar no Euro, evita-se a catástrofe – mas persiste o problema da dívida dificílima de honrar, a pesar sobre uma economia já esmagada. Um novo empréstimo, como o pedido por Tsakalotos, inflará o montante da dívida para € 350 bilhões, quase o triplo do PIB.

O domingo, dia 12, foi fixado como um prazo para o acordo. Se não houver acordo, a saída da Grécia da Zona do Euro é uma opção concreta. O efeito afugentaria o investimento nos demais países europeus, uma vez que haverá maior insegurança sobre o futuro da moeda comum. Um estudo da firma de advocacia Baker & Mackenzie estima em US$ 1,4 trilhão o efeito da derrocada do euro na economia mundial. O problema econômico levaria a um problema político ainda maior. O euro sempre foi mais do que uma moeda: é a joia do projeto de unificação europeu. Uma eventual saída da Grécia poderia abrir a porteira para a fuga – ou expulsão – de outros endividados, como Portugal e Itália. Seria o fim prático da moeda comum de 19 países, fundamental para cimentar o projeto. A incerteza política aumentaria. O projeto de integração regional mais bem-sucedido do mundo ficaria rachado. Ganhariam voz nacionalistas e extremistas contrários à União Europeia em todo o continente. Como disse Donald Tusk, presidente do Conselho Europeu: "Um fracasso será doloroso para o povo grego e pode ter um impacto geopolítico em toda a União Europeia. Quem pensar o contrário é ingênuo".

Os líderes europeus precisam encontrar rapidamente uma solução. Os sócios procuram uma fórmula para evitar o calote de uma dívida de € 3,3 bilhões que precisa ser paga ao Banco Central Europeu no próximo dia 20. A Grécia provavelmente se comprometerá com novas medidas (cortes ou reformas). Enquanto isso, a Europa deverá dar alguma segurança a bancos e instituições financeiras gregas que estejam no rumo do colapso, pela contínua fuga de capital.

Em uma tragédia grega clássica, problemas aparentemente insolúveis podem ser resolvidos pela entrada em cena de um elemento radicalmente novo, como um deus com poderes para consertar o que está errado. O recurso se chama de *deus ex machina*. É injusto depositar esse tipo de responsabilidade sobre um homem. Mas é o que se espera, agora, de Tsakalotos. ◆

SETE NOTAS

QUE RESUMEM A SEMANA

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
6	7	8	9	10	11	12



Alívio para os times gastões

A Câmara dos Deputados aprovou a Medida Provisória do Futebol, sobre o refinanciamento da dívida dos times de futebol com a União, de R$ 4 bilhões. A aprovação dá aos clubes 20 anos para parcelar as pendências, caso cumpram exigências como estar em dia com questões trabalhistas e publicar na internet as prestações de contas. Os deputados ligados à CBF conseguiram abrandar a MP. Retiraram do texto final punições aos clubes e alteraram um artigo que tentava fortalecer os clubes, ao mudar o processo eleitoral das federações estaduais.



Pagou por quê?

Depois de uma auditoria, o Grupo Pão de Açúcar não encontrou confirmação de ter recebido serviços em troca do pagamento de R$ 8 milhões ao advogado **Márcio Thomaz Bastos** e ao ex-ministro **Antonio Palocci**, entre 2009 e 2011. O Pão de Açúcar fez a investigação para rastrear a origem dos pagamentos, depois que ÉPOCA revelou que Palocci justificara o recebimento de milhões com consultorias-fantasmas. A reportagem está no site de ÉPOCA.

O VOO DO DRAGÃO

A inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) chegou a

8,89%

nos últimos 12 meses

O aumento de

0,79%

do IPCA em junho foi o maior desde

1996

É o maior IPCA acumulado em 12 meses desde 2003

Atrás até entre os Brics

Nossas universidades pioraram, numa comparação entre 200 instituições de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. A Universidade de São Paulo (USP) caiu do sétimo para o nono lugar

Ranking da consultoria britânica QS

1 | CHINA
Universidade Tsinghua

2 | CHINA
Universidade de Pequim

3 | CHINA
Universidade Fudan

4 | RÚSSIA
Universidade Lomonosov (Moscou)

5 | ÍNDIA
Instituto de Ciência Indiano

Universidades brasileiras entre as 50 melhores do ranking

9 | USP
12 | Unicamp
25 | UFRJ
27 | Unesp
37 | Unifesp
41 | UFMG
42 | UFRS
47 | PUC-São Paulo
47 | PUC-Rio de Janeiro

Fotos: Gustavo Lima/Ag Senado, Marcos Brindicci/Reuters,reprodução, Ben Gabbe/Getty Images,D.A Press, Getty Images/iStockphoto (2)



O FIM DE 105 ANOS DE JEJUM A seleção do Chile, conhecida como La Roja, conquistou seu primeiro título oficial em 105 anos de história no sábado, dia 4, ao derrotar a Argentina. Os argentinos, que não ganham um título profissional há mais de 20 anos, amargaram mais um vice. Nas redes sociais, foram chamados de "o Vasco do mundo".



Pobreza censurada

O ex-diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) **Herton Araújo** contou à Justiça Eleitoral que foi impedido de divulgar, durante as eleições do ano passado, dados que mostravam um aumento da pobreza extrema no Brasil, entre 2012 e 2013. O depoimento, divulgado pela *Folha de S.Paulo*, faz parte de uma ação movida no final do ano passado pelo PSDB contra Dilma Rousseff e Michel Temer no TSE. Araújo diz que a alegação de seus superiores, para a proibição, era a legislação eleitoral.

A volta aos "tempos modernos"

O Palácio do Planalto apresentou, na semana passada, o Plano de Proteção ao Emprego (PPE), uma Medida Provisória que permite reduzir jornadas de trabalho, com corte de salários em até 30%, para evitar demissões. O governo ajuda as empresas interessadas e calcula que gastará menos com o programa do que gastaria com o aumento do desemprego. Mas o Planalto cometeu um ato falho no lançamento do PPE: publicou numa rede social uma mensagem sobre o plano ilustrada com uma cena do filme ***Tempos modernos*****, de Charles Chaplin**, com a legenda: "Jornada de trabalho menor... e meu emprego garantido". O filme é de 1936 e retrata as más condições de trabalho dos operários. Foi uma lambança de comunicação. Era necessária, no entanto, uma resposta ao avanço do desemprego, que chegou a 8,1% em maio. Baseia-se no programa alemão Kurzarbeit – "trabalho curto" –, usado entre 2008 e 2009 e que cobriu 1,4 milhão de assalariados durante a crise europeia.



ONZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA



“Estou definitivamente supercansada de pedir desculpas por ser negra”

Nykhor Paul,
modelo. Ela diz que costuma levar sua própria maquiagem, porque maquiadores não têm produtos para seu tom de pele

Fotos: Frazer Harrison/Getty Images for Mercedes-Benz Fashion Week, Iano Andrade/CB/D.A Pres, Dida Sampaio/Estadão Conteúdo

“Eu não vou cair. Isso aí é moleza, é luta política”

Dilma Rousseff, presidente

“Não existe golpe nenhum”

Augusto Nardes, ministro do Tribunal de Contas da União

“Eu saúdo a colaboração premiada, muito mais que a mandioca”

Carlos Ayres Britto, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, em referência à reverência de Dilma pela mandioca e o desrespeito a delatores

“Era importante não humilhar os brasileiros”

Joachim Löw, técnico da Alemanha, um ano após os 7 a 1 sobre o Brasil, na Copa do Mundo

“Não se explica o inexplicável”

Carlos Alberto Parreira, coordenador técnico da Seleção na Copa, sobre a goleada

“Jovens gregos não são mais culpados por erros do passado do que jovens alemães nos anos 50 e 60”

Thomas Piketty, economista. Ele diz que a Alemanha já teve dívidas perdoadas, como a Grécia reivindica hoje. O problema é que, em caso de perdão, quem pagaria a conta seria o contribuinte alemão

“Vocês querem mais, nós vamos dar mais!”

Damon Albarn, cantor do Blur, na Dinamarca. Após cinco horas de show, o grupo foi expulso

“Chico Buarque foi um recordista de proibidões”

Marcos Augusto Peixoto, juiz da 37ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, ao criticar a censura a letras de funk

DEDO NA CARA

“O presidente do PSDB deveria se inspirar mais na figura democrática e visceralmente antigolpista de seu avô Tancredo Neves”

Humberto Costa (PT-PE), líder do partido no Senado

“Tudo que contraria o PT, e os interesses do PT, é golpe!”

Aécio Neves (PSDB-MG), senador



LIDERANÇA PARA TEMPOS DE GRANDES DESAFIOS

O Brasil passa por um momento de transição. Há enormes desafios tanto nas empresas quanto na gestão pública. Como desenvolver líderes capazes de resolver **“Equações Impossíveis”** a partir de ideias **fora da caixa** e **inovações radicais** de forma altamente participativa?

Uma efetiva mudança e transformação só ocorrem quando os principais líderes da organização decidem construir um **futuro muito diferente** do que existe hoje. Um futuro que **transcende** os problemas que são gerados por **sistemas superados** que ainda vigoram nas áreas pública e privada.



APG AMANA-KEY
Programa de Gestão Avançada

Preparando os líderes para criar o inédito.
Somente na sede da Amana, em São Paulo.
Informações completas em:
amana-key.com.br/apg

AMANA-KEY

atendimento@amana-key.com.br
Telefones: 0800 770 2328

EXPRESSO

expresso@edglobo.com.br

Por **Murilo Ramos**, com **Marcelo Sperandio** e **Teresa Perosa** e reportagem de **Cristiane Segatto, Filipe Coutinho, Flávia Tavares** e **Thiago Bronzatto**



Óleo na pista

Dilma e o delator

A fim de se desvencilhar de um dos delatores da Lava Jato, o empreiteiro Ricardo Pessôa, a presidente **Dilma Rousseff** disse em entrevista que jamais recebeu o empresário no Palácio do Planalto, em seu primeiro mandato. Verdade. Mas Dilma deixou de dizer que conhece Pessôa e que esteve reunida com ele duas vezes em 2008, quando era ministra da Casa Civil e, ele, representante da Associação Brasileira de Engenharia Industrial. Entre os assuntos, Petrobras.

O embrião

Nas reuniões com Dilma, falou-se sobre a construção de 28 sondas de perfuração para a Petrobras. Era o prenúncio da Sete Brasil, empresa criada em 2011, abastecida pelos fundos de pensão de estatais e objeto da cobiça das empreiteiras. O destaque das reuniões foi o senador e ex-ministro de Minas e Energia, **Edison Lobão**. Disse que o governo acompanharia o assunto de perto. Não exagerava. É acusado no petrolão.



Extrema-unção

É incrível, mas apadrinhados de próceres do PMDB hesitam em assumir cargos no governo Dilma. Quando o PMDB recusa cargos, é hora de chamar o padre.

Sementinha

O senador Aécio Neves procurou ministros do Supremo Tribunal Federal em busca de avaliações sobre o impeachment de Dilma.

Hora extra

Não é só o ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante, que cansa o vice-presidente Michel Temer. Horas trabalhadas também. Difícil o dia em que o expediente de Temer não comece às 7 horas e não termine às 23 horas.

Toco I

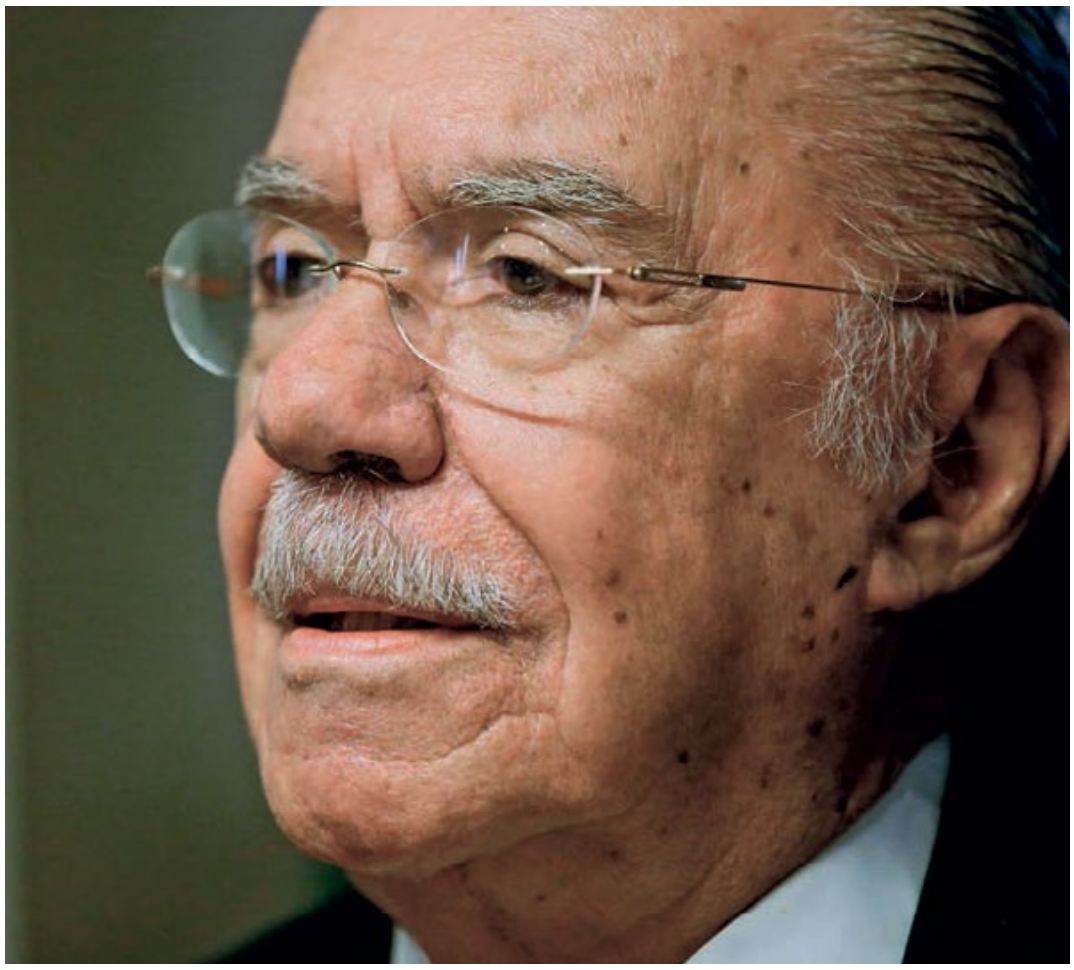
O relator do processo das contas do governo Dilma no Tribunal de Contas da União, ministro Augusto Nardes, se estranhava com a presidente desde os tempos em que ambos moravam no Rio Grande do Sul. Dilma bem que tentou queimar a indicação de Nardes para o TCU quando chefiava a Casa Civil. Não fez cosquinha.

Toco II

Dilma também jamais morreu de amores por outro ministro do TCU, José Múcio Monteiro, que contestou as contas do governo. Dilma queria indicar Erenice Guerra para a função. Lembra dela? Pois é, mas quem definiu a escolha de Múcio foi Lula.

Fotos: Bruno Domingos / Reuters, Pedro Ladeira/Folhapress, Paulo Whitaker / Reuters, Dida Sampaio/Estadão Conteúdo

Fragilidade



Sob cuidados

O ex-senador **José Sarney**, de 85 anos, foi internado no Hospital Sírio-Libanês, na terça-feira, com um mal-estar gástrico. Foi submetido a uma endoscopia, que não revelou nenhuma alteração importante. Mas como mal-estar gástrico pode ser sintoma de infarto e Sarney já tivera obstruções na artéria (colocou um stent no passado), os médicos decidiram fazer um checkup cardíaco na quarta-feira. Ele fez um cateterismo, que não revelou nada demais. Deixou o hospital na quinta-feira.

Arquivo aberto

O governo chegou ao entendimento de que as informações sobre o uso das contribuições sindicais dos trabalhadores por sindicatos e centrais sindicais são públicas. Espera-se agora que essas entidades sejam obrigadas a divulgá-las. O assunto é uma das maiores caixas-pretas do país.

Queima de arquivo

A Aeronáutica tem o estranho hábito de descartar as informações sobre passageiros de aviões da FAB logo após os voos. Assim fica impossível saber quem pegou carona nas viagens bancadas com dinheiro público.

Lá no alto

O empresário Josué Gomes, da Coteminas, vai finalmente importar o jatinho luxuoso Falcon 2000, que usa há tempos. Hoje a aeronave está registrada no exterior.

Os números errados

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, até hoje não está convencido do diagnóstico médico de que teve uma embolia pulmonar, há duas semanas, apesar de os exames terem sido claríssimos nesse sentido. Costuma brincar que os exames não eram dele.

Chora, Valdemar

O bilionário senador Blairo Maggi, hoje no PR, vai para o PMDB em agosto: "Quero ir para um partido sem dono".

Rumo ao pré-sal

A Schahin tem poucas esperanças de retomar seus contratos de construção de plataformas para a Petrobras. Sem esses contratos, a empresa, que está em recuperação judicial, não sairá do fundo do poço.

O eletricista

Virou moda para **Levy** utilizar a expressão "troca de fiação" para se referir às mudanças estruturais que a economia brasileira deverá encarar, tais como incentivo à concorrência e modelos de investimentos em obras de infraestrutura. Quando quer falar sobre a correção de algo pontual, ele diz que basta "encapar o fio". Haja fita isolante.



Leia a coluna Expresso em epoca.com.br



GUILHERME FIUZA

Só a Grécia salva Dilma

Do alto de seus 9% de aprovação, Dilma Rousseff abriu as janelas do palácio e bradou ao povo: "Eu não vou cair". A presidente afirmou que a Operação Lava Jato nunca vai provar que ela roubou. E que "todo mundo neste país sabe" que ela não roubou. É um pouco constrangedor quando a argumentação chega a esse ponto. Lembra aquele político de Brasília que, apanhado fraudando o painel de votação do Senado, reagiu: "Eu não matei! Eu não roubei!". Acabou preso.

Se Dilma chega ao ponto de declarar que não é ladra, o brejo está mesmo se aproximando da vaca. Até aqui, a presidente tem contado com a formidável blindagem do STF, coalhado de companheiros que chegaram lá graças a décadas de bajulação ao PT. A dobradinha com o procurador-geral da República, de fazer inveja à dupla Messi-Neymar, impediu até agora que Dilma fosse sequer investigada. E, se não for investigada, realmente jamais será provado que ela roubou.

Vamos economizar trabalho aos investigadores: Dilma não roubou. É apenas a representante legal de um grupo político que depenou o país. Que, entre outras façanhas, estuprou a maior empresa nacional – naquele que foi possivelmente o maior roubo da história, chegando pelas últimas estimativas à casa dos R$ 20 bilhões. Com um currículo desses, que inclui o assalto cinematográfico do mensalão, muitos petistas não se sentem ladrões. E estão sendo sinceros. Eles acham que expropriar recursos do Estado em benefício do partido governante é uma espécie de mal necessário – um meio não muito nobre que justifica o mais nobre dos fins: manter a esquerda no poder, em nome do povo.

Ninguém jamais localizará essa procuração dada pelo povo aos iluminados do PT, autorizando-os a sugar a economia popular para montar uma casta governante com estrelinha no peito e figurino revolucionário. Há quem diga que o falsário mais perigoso é o que acredita na própria falsidade. A impostura involuntária é contagiosa. Basta ver quantas personalidades respeitáveis mantêm o apoio ao governo delinquente, de peito estufado e latejante orgulho cidadão. Um país está em maus lençóis quando perde a capacidade de distinguir os inocentes úteis dos parasitas convictos.

A crise na Grécia veio mostrar que a demagogia do oprimido está longe de ser desmascarada. Na apoteose da mistificação populista, boa parte do mundo culto resolveu se convencer de que os gregos são vítimas da austeridade – o palavrão da moda. Como disse Mario Vargas Llosa: a Grécia deve € 26 milhões à Espanha, e a culpa é dos espanhóis. A receita é genial: você gasta mais do que tem, pede emprestado para cobrir o rombo, faz um plebiscito para oficializar o calote e, quando lhe cobram a dívida, você alega desrespeito à soberania.

E eis a bancada do PT querendo enquadrar a Polícia Federal. A Lava Jato é realmente um flagrante desrespeito da soberania petista, ferindo seu direito de ir e vir entre os cofres públicos e o caixa do partido. A PF tem de se submeter a quem tem voto, argumentou um deputado do PT. É uma espécie de tráfico de democracia – o criminoso com voto vira vítima.

E aí, embebido da inocência aguda que o eleitor lhe concedeu, o Partido dos Trabalhadores decide atacar a política de juros altos praticada pelo governo do Partido dos Trabalhadores. Basta de austeridade, vociferam os mandatários oprimidos. Tudo sob as bênçãos de Caloteus, o deus grego do almoço grátis. A sobremesa de demagogia caramelada é por fora – tratar com o tesoureiro.

AUSTERIDADE É O PALAVRÃO DA MODA. A GRÉCIA DEVE € 26 MILHÕES À ESPANHA, E A CULPA É DOS ESPANHÓIS

O problema é que o tesoureiro está preso. Entre outras acusações, responde pela suspeita de roubar a Petrobras para financiar a eleição da presidente – que jura não ter roubado um tostão. Mandato roubado não tem problema. O PT montou uma casta de nababos, nadando em verbas piratas, propinas oficiais, altos cargos e altíssimos subsídios partidários, mas ninguém roubou um tostão. É tudo dinheiro da revolução – a tal procuração popular para essa gente sofrida desfalcar o contribuinte e padecer no paraíso.

O site Sensacionalista revelou por que Dilma disse que não vai cair: "As pedaladas foram dadas com rodinhas". E acrescentou que ela não sabia quem estava pedalando sua bicicleta. É isso aí. O jeito é continuar falando grego, língua oficial dos caloteiros do bem. ◆

Guilherme Fiuza é jornalista. Publicou os livros *Meu nome não é Johnny,* que deu origem ao filme, *3.000 dias no bunker* e *Não é a mamãe – Para entender a era Dilma*. Escreve quinzenalmente em ÉPOCA. **gfiuza@edglobo.com.br**

gshow.com

Não é recomendada para menores de 10 anos.

O PERDÃO ESTÁ ALÉM DA FRAQUEZA, ALÉM DA IRA.

Felipe Camargo é Bernardo



Irene Ravache é Vitória



Ana Beatriz Nogueira é Emília



Nívea Maria é Zilda

Vem_aí
seu novo
tempo das 6.
Estreia dia
13 de julho.

Além do Tempo

Uma novela
de Elizabeth Jhin
com direção de núcleo
de Rogério Gomes.

SUA OPINIÃO



Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

COMBATE À CORRUPÇÃO

Em "Nada vai pará-lo" (891/2015), ÉPOCA retratou o avanço da Operação Lava Jato a comando do juiz Sergio Moro

O juiz Sergio Moro é um exemplo de pessoa. Um ser humano de caráter e que esse exemplo sirva para muitos juízes corruptos e medrosos. Para os que são covardes, medrosos e corruptos, só digo uma coisa: tudo nesta vida é passageiro.

Denison Lima,
via Facebook

Em *Batman*, Harvey Dent começou assim. Mas é preciso cuidado. Muitos paladinos da justiça revelam ter duas caras.

Marcio Marcello,
via Twitter

A atuação do juiz Sergio Moro em relação à chamada Operação Lava Jato é motivo de alguma polêmica. É que os brasileiros não estavam acostumados à apuração de ilegalidades cometidas não apenas pela classe política. Está comprovada a participação de empresários e servidores públicos de altos cargos. E isso vem de muito longe e de governos municipais, estaduais e federais. Que essa operação sirva para diminuir as operações ilegais.

Uriel Villas Boas,
Santos, SP

Combater corrupção nesse território é o mesmo que enxugar gelo. É uma doença que começa no berçário.

Jesus Aparecido,
via Twitter

Nada vai pará-lo. Assim como os lendários Super-Homem, Zorro e Robin Hood, o juiz Sergio Moro é o justiceiro, que luta por nossa sociedade.

Abel Rodrigues,
Rio de Janeiro, RJ

COMENTÁRIO DA SEMANA

"É sempre bom ver que no meio de tanta corrupção existem nomes que se importam com nosso país e que fazem dele um lugar melhor. É uma luta do bem contra o mal"

Miguel Souza,
São Paulo, SP



PESADELO SEM FIM

"O oitavo gol da Alemanha" (891/2015) narrou o difícil caminho de Dunga à frente da Seleção Brasileira depois do 7 a 1 na Copa do Mundo

Se a fórmula da Seleção com o Dunga já não funcionou uma vez, por que insistir no erro? Somos, ou já fomos, o país do futebol. Não deveria ser tão difícil achar um técnico com a cara deste time.

Carla Sotero,
São Paulo, SP

A reportagem pegou pesado com o Dunga. Injustamente, diga-se de passagem. Afinal de contas por que críticas tão contundentes? Por que tentar ridicularizar o técnico da Seleção? Ele já conquistou alguns títulos como uma Copa América e uma Copa das Confederações. Ganhou dez jogos amistosos de modo seguido. Por que não elogiar mais tais conquistas?

Rose Brasileiro,
Fortaleza, CE



DERROTA **Dunga, no Chile, na Copa América. A Seleção foi eliminada nos pênaltis contra o Paraguai**

MAIS COMENTADAS

1. **Laep Investments, uma empresa que deu um golpe de R$ 5 bilhões**
2. **Juiz do Distrito Federal quer que advogados fiquem de...** (Coluna Expresso)
3. **Caindo na real** (Coluna de Ruth de Aquino)
4. **O juiz Sergio Moro lidera uma revolução no combate à corrupção no Brasil**
5. **Gatas compartilhadas** (Coluna de Ivan Martins)

MAIS LIDAS

1. **Laep Investments, uma empresa que deu um golpe de R$ 5 bilhões**
2. **Menina se descobre vegetariana e rouba o...** (Bombou na web)
3. **Glória Maria sai em defesa de Maju em caso de...** (Coluna de Bruno Astuto)
4. **Cristiano Araújo: um ídolo da Seattle sertaneja**
5. **O juiz Sergio Moro lidera uma revolução no combate à corrupção no Brasil**

MAIS COMPARTILHADAS

1. **Juiz do Distrito Federal quer que advogados fiquem de...** (Coluna Expresso)
2. **O juiz Sergio Moro lidera uma revolução no combate à corrupção no Brasil**
3. **Menina se descobre vegetariana e rouba o...** (Bombou na web)
4. **Chiado do sotaque carioca se torna patrimônio...** (Coluna Expresso)
5. **Michel Temer: "Não há crise política no Brasil"**



INSTAGRAM DO LEITOR

@alitiburri venceu o tema **"Descanso"**. Confira mais fotos e o tema da próxima edição no site de ÉPOCA: **glo.bo/bombou**



O perigo é a China, não a Grécia

A queda violenta da Bolsa de Xangai nos últimos dias mostra fragilidades na economia chinesa. Se não forem consertadas, provocarão estrago no Brasil

Quem costuma se deslumbrar com o crescimento e a capacidade de execução do governo na China teve, na semana passada, uma amostra instrutiva do que significa investir num ambiente não democrático. Assustado por uma queda prolongada nos valores das ações, mesmo depois de tentar injetar dinheiro no mercado para puxá-los para cima, o governo chinês jogou bruto com os investidores. Proibiu acionistas com fatias superiores a 5% nas companhias de vender suas ações pelos próximos seis meses. A autoridade do setor, a Comissão Reguladora de Valores Mobiliários, afirmou que será rígida na fiscalização da determinação. Grandes companhias chinesas vieram a público afirmar que não venderão ações. A polícia começou a investigar o que considera operações suspeitas e prendeu um homem por difundir histórias de suicídio de investidores. A decisão de comprar ou vender, que deveria ser tomada de acordo com as estratégias de cada um, ganhou matizes de cumprimento de dever cívico ou de flerte com a traição. O vigor da reação mostra quanto o governo autoritário da China se preocupa com o cenário. O bom-senso manda que o Brasil se preocupe também.

As fragilidades na economia chinesa vêm sendo apontadas há anos. O episódio que culminou na semana passada tornou-se o maior e mais recente indício da existência de problemas. O índice da Bolsa de Xangai, o principal do país, atingiu um pico em 12 de junho e, a partir daí, entrou em queda livre, num mergulho que durou até a quarta-feira, dia 8. Despencou mais de 30% nesse período. Na quinta-feira, a Bolsa voltou a subir, numa arrancada da ordem de 6%, exagerada como quase tudo o que diz respeito à China. A despeito do susto, o índice da Bolsa de Xangai ainda registra valorização da ordem de 80% nos últimos 12 meses (no mesmo período, os índices nos Estados Unidos não chegaram a 5% e o Ibovespa, do Brasil, avançou menos de 1%). Parte do efeito montanha-russa interessa especificamente aos chineses e a quem investe lá. Tem a ver com as oscilações naturais de um mercado ainda não maduro, pouco transparente e repleto de pequenos investidores empolgados com a chance de enriquecimento rápido. Mas o efeito montanha-russa tem outro aspecto, mais profundo, que interessa a todos.



A SOMBRA ORIENTAL
Dilma e o líder chinês, Xi Jinping, na semana passada na cúpula dos Brics. Os chineses são nossos maiores parceiros comerciais

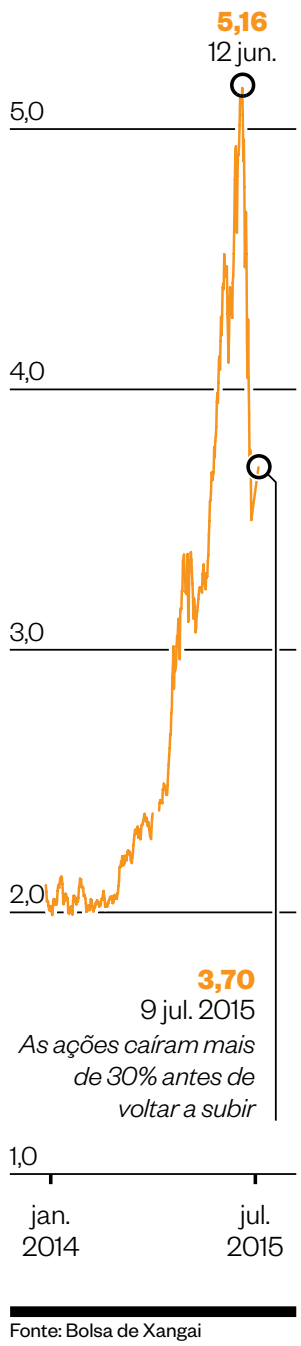
A economia chinesa ainda é fortemente influenciada pela atuação de empresas estatais nem sempre orientadas pela melhor lógica de negócios e por um mercado de crédito paralelo, fora da supervisão do governo. O valor total de mercado das companhias listadas nas Bolsas chinesas cresceu 68% entre maio de 2014 e maio deste ano. A valorização não ocorreu pelo aumento no número de companhias listadas, que ficou praticamente estável. O fenômeno tem cara de bolha – um inchaço dos valores das empresas, sem correspondente em seus resultados nem em suas expectativas. O governo chinês teve papel nisso. Ao incentivar obras desnecessárias e bombear crédito para o mercado de imóveis, sem a devida avaliação de risco, pode ter inflado a bolha.

A China é o maior parceiro comercial do Brasil, destino de pelo menos um quinto do total exportado. Ao longo dos anos 2000, o crescimento brasileiro foi impulsionado por uma combinação benfazeja de preço alto das principais mercadorias que vendemos – soja e minério de ferro – e da necessidade chinesa de comprá-las, para sustentar seus trepidantes processos de crescimento e urbanização. Nesta década, porém, o cenário mudou muito, e para pior. Além de as matérias-primas terem barateado, a China passou a desacelerar e a se programar para novas desacelerações no futuro. O crescimento chinês está, atualmente, em 7% ao ano. Há consenso de que ele cairá nos próximos anos, e os mais pessimistas afirmam que se encaminhará para níveis baixos como 3%. Mesmo uma queda muito menor poderá ter efeito ruim sobre o Brasil, se ocorrer rápido demais.

A presidente Dilma Rousseff e o líder chinês Xi Jinping se encontraram, na semana passada, na cúpula dos Brics em Ufa, na Rússia. Dos cinco grandes países subdesenvolvidos que compõem o grupo, somente a Índia se encontra em boa situação econômica. A China é o parceiro crucial para o Brasil. Precisará administrar a passagem de um ciclo de forte crescimento para outro, mais moderado, e menos dependente de exportação industrial. Para o bem do Brasil, é bom que os chineses sejam mais competentes em consertar a economia deles do que nós temos sido em consertar a nossa. ◆

QUEDA LIVRE
Após uma valorização impressionante até junho, a Bolsa chinesa despencou

Índice da Bolsa de Xangai
Em 1.000 pontos



Fonte: Bolsa de Xangai

Foto: Roberto Stuckert Filho/PR

TEMPO

TEATRO DA POLÍTICA



A GUARDA I



LINHA DE FRENTE **Renan Calheiros, Michel Temer e Eduardo Cunha. Eles impedem que a crise suba de vez a rampa do Planalto**

DO PALÁCIO

Os caciques do PMDB resolveram preservar Dilma. Não é por lealdade a ela. É por interesse próprio

Leandro Loyola

Entre as muitas reuniões que manteve na semana passada, o vice-presidente da República, Michel Temer, teve tempo de confidenciar a um amigo seu desconforto. Os dois políticos tratavam, óbvio, do que todos falavam em Brasília – as possibilidades postas na mesa de, diante da crise, a presidente Dilma Rousseff não terminar seu mandato. Sempre discreto e com meias palavras, inclusive com os mais próximos, Temer se permitiu dizer que "não se sentiria confortável" se tivesse de assumir o comando do país numa conjuntura como a atual. Temer não desperdiça palavras. Formal até nesses contatos, ficou claro que usou o argumento para transmitir um recado incisivo: vai rechaçar qualquer especulação sobre um possível afastamento de Dilma antes da transmissão do cargo, em 2019. Mas só o fato de essa possibilidade ser tema de uma conversa a sério, com Temer, demonstra o grau de incerteza a que chegou o Brasil – e o risco a que está submetido o mandato de Dilma.

Fotos: Dida Sampaio/Estadão Conteúdo, Igo Estrela / Editora Globo, Gustavo Serebrenick/Brazil Photo Press/ Folhapress e Lucas Jackson / Reuters



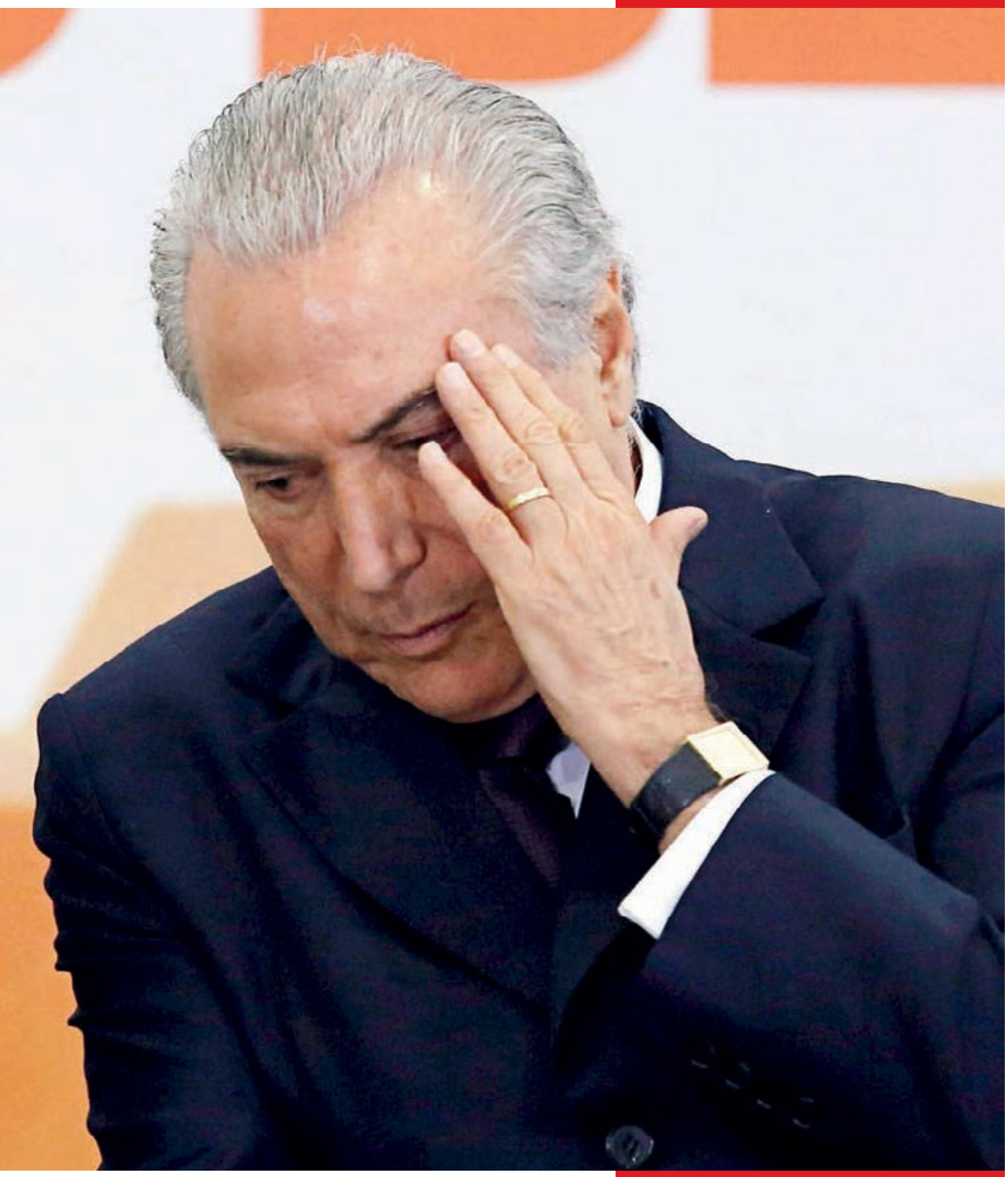
Para evitar essa derrocada, o combalido governo Dilma depende cada vez mais de Temer e dos outros dois políticos mais poderosos do PMDB: os presidentes da Câmara, Eduardo Cunha, e do Senado, Renan Calheiros. Sozinha, ou com o PT, Dilma tem mais problemas do que soluções, como ficou demonstrado nos últimos dias. À primeira vista, depender de Renan e Eduardo Cunha significaria que Dilma está liquidada. Renan impõe derrota após derrota ao governo, manobrando os senadores com facilidade. Não só age contra Dilma, como fala abertamente mal dela e do Planalto, quase todo dia. Eduardo Cunha age e fala de maneira semelhante a Renan. Num ambiente político conflagrado, os gestos de ambos parecem indicar que querem derrubar Dilma. Parecem. Na verdade, os dois querem mantê-la no cargo, embora fraca – cada vez mais fraca. Quanto menos poder Dilma acumular, mais poder sobrará para os dois. E, a depender das circunstâncias desse enfraquecimento, para Temer também.

O equilíbrio político perseguido por esse tripé da estabilidade institucional impedirá que a ameaça do impeachment suba a rampa do Planalto. A não ser que fatos fora do controle deles mudem o curso da história do segundo mandato de Dilma. O PMDB não controla as investigações da Lava Jato. E não controla, sobretudo, a presidente. Conforme a crise se agrava, a inescrutável inabilidade política de Dilma desafia os cálculos até de quem pouco ou nada espera dela. Na semana passada, Dilma reagiu mal a discursos proferidos numa convenção do PSDB, especialmente pelo senador Aécio Neves *(leia reportagem na página 36)*, e às pressões vindas de processos tocados no Tribunal de Contas da União e no Tribunal Superior Eleitoral – que embutem a possibilidade de a Justiça cassar-lhe o cargo.

Ao tentar dar uma demonstração de força, Dilma escorregou no raciocínio e nas palavras. Não só amplificou a crise latente como revelou quão palpável é para ela mesma a chance de ser tirada da Presidência por irregularidades cometidas em seu primeiro mandato ou por um crime eleitoral. Deu uma entrevista desastrosa à *Folha de S.Paulo*. Nela, diminuiu-se de todas as maneiras possíveis. Criticou indiretamente um juiz de primeira instância (Sergio Moro) e admitiu a existência do movimento pelo impeachment ("Eu não vou cair. Eu não vou, eu não vou. Isso aí é moleza, é luta política."). Acusou o golpe – ou golpismo, nas palavras dela *(leia a coluna de Ruth de Aquino na página 82)*. Foi belicosa, num momento em que o país precisa de conciliação e união. Se alguém ainda não falava em impeachment, Dilma tratou de botar o assunto na roda. Chamou a crise para si com incomum eficácia.

O EQUILÍBRIO POLÍTICO PERSEGUIDO PELO NOVO TRIPÉ IMPEDIRÁ QUE A AMEAÇA DO IMPEACHMENT SUBA A RAMPA DO PLANALTO

Temer agiu publicamente para desfazer o estrago provocado pelas palavras de Dilma. Falou que não há chance de quebra de ordem constitucional. Disse o



DIPLOMATA
Dilma e Temer em cerimônia em Brasília. Ele atua para desfazer os estragos das ações dela

que todos precisavam ouvir, aproximando-se da oposição: "Temos de fazer uma grande unidade nacional". Logo após a volta da viagem aos Estados Unidos, no final da semana anterior, Temer conversara com Dilma no Palácio da Alvorada. Fizera algumas sugestões. Trazer de volta as reuniões de articulação política com ministros que estavam afastados, como Jaques Wagner e Aldo Rebelo – o conselho político, grupo do qual eles fazem parte, não se reunia havia quase três meses. Temer sugeriu ainda fazer uma reunião com líderes de partidos da base de apoio, para orientá-los sobre como defender o governo no Congresso diante de um quadro de deterioração política e crise econômica. Surgiu daí a ideia de enviar ao Congresso o ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, e o advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, para explicar as "pedaladas", as manobras usadas pelo governo até o ano passado para gastar mais do que poderia e esconder a burla embaixo do tapete *(leia a entrevista de Luís Inácio Adams na página 38)*.

Essas ideias foram colocadas em prática. Mas, entre a sugestão e a ação, o calor da conversa sobre impeachment aumentou. Na segunda-feira, Dilma estava inquieta na reunião com os líderes que a apoiam, no Palácio do Planalto. Dilma passou a maior parte do tempo da reunião, entre 18h30 e 20h45, de pé, andando de um lado a outro ao redor da cabeceira da mesa. Anunciou aos líderes o Plano de Proteção ao Emprego, disse que pediria ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha, para adiar a votação de um projeto que muda o sistema de correção do Fundo de Garantia – que gera um aumento de gastos para os cofres públicos e reduz a possibilidade de financiamentos imobiliários – e passou a bola para Adams explicar os argumentos do governo para se defender das "pedaladas", no julgamento do Tribunal de Contas da União, marcado para o dia 22, mas que só deverá acontecer em agosto. Dilma não tocou no assunto "golpismo", como o governo chama as especulações sobre impeachment. Não passou recibo público. Nem precisava.

Até ali, o roteiro traçado com Temer ia bem. Mas, no dia seguinte, saía a entrevista de Dilma. Temer já havia combinado antes uma nova reunião com líderes de partidos que apoiam o governo, para tratar de coisas mais práticas. O clima beligerante, no entanto, entrou pela porta. O presidente do PT, Rui Falcão, chegou ao encontro com o rascunho de um texto de uma nota a ser divulgada na saída. Contudo, tratava-se apenas de uma reunião de trabalho; ninguém havia pensado em divulgar um manifesto. O texto levado por Falcão fazia ataques ao TCU, um órgão do Poder Legislativo, que só está cumprindo sua função, e falava em apoio e "solidariedade" a Dilma e Temer. Rui Falcão, fazendo política ao mesmo estilo de Dilma, só agravaria a crise. "Quanto a mim, não é necessário falar em ▶

Foto: Bruno Domingos/Reuters

solidariedade", disse Temer, e lembrou que sempre agradeceu, mas dispensou esse tipo de mesura quando era presidente da Câmara – afinal, explicou, quem precisa de solidariedade assume que está fraco. "Em geral, essas coisas se voltam contra a gente mesmo." Ao estilo petista pintado para a guerra, o texto era um complemento à desastrada fala de Dilma. O PMDB e os aliados começaram, então, o processo de desidratação do texto. Depois de retirar a menção à "solidariedade", foram limadas as pancadas no TCU. "Como podemos nos posicionar contra o TCU, se não há um resultado?", disse o líder do PMDB no Senado, Eunício Oliveira. "Não podemos afrontar. É hora do diálogo." Prevaleceram as sugestões, que resultaram em uma nota genérica, inócua, que falava em compromisso com a Constituição e a democracia. O PMDB, assim, protegeu Dilma da inabilidade de seu próprio partido.

Pelo menos por ora, o PMDB deverá se comportar publicamente como fez na reunião de terça. Não fará nenhum movimento para aderir à iniciativa da oposição de buscar maneiras de tirar Dilma do governo. "Não espere nem um peteleco do PMDB", diz um dos líderes do partido. Os mais comedidos líderes do PMDB avaliam que o governo Dilma é ruim e enfrenta um momento péssimo, graças à falta de liderança política e a uma crise econômica com todos os elementos negativos necessários – inflação, juros e desemprego em alta e retração em vez de crescimento do PIB –, que resultam nos piores índices de avaliação de um presidente em 20 anos *(leia o ensaio sobre a crise na página 46)*. Mesmo assim, quem tem voz de comando no PMDB não enxerga elementos concretos que justifiquem uma cruzada para a saída de Dilma, como havia no caso de Fernando Collor em 1992.

Os caminhos que se colocam para o governo e para os partidários do impeachment de Dilma são longos, desgastantes e traumáticos para o país. O Tribunal de Contas da União deverá adiar para agosto o exame das contas do governo Dilma em 2014, o caso das "pedaladas" fiscais. Em seu relatório, baseado em estudos de técnicos, o ministro Augusto Nardes concluiu que o governo feriu a lei. Ficou claro, para o ministro, que o Tesouro Nacional atrasou repasses a instituições como a Caixa Econômica Federal para o pagamento de programas como o Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida, em ano eleitoral. Com isso, os bancos estatais usaram seus próprios recursos para os pagamentos, o que caracterizou empréstimo ao governo federal, proibido pela Lei de Responsabilidade Fiscal.



O CAMINHO PARA O IMPEACHMENT DE DILMA É LONGO, DESGASTANTE E TRAUMÁTICO PARA O PAÍS

Por mais que o governo argumente, o abuso nas "pedaladas" pelo governo era público e notório entre técnicos da área econômica. Hoje, é bastante provável que o TCU rejeite as contas de Dilma. Se isso acontecer, o Congresso Nacional, que tem feito do governo Dilma uma presa fácil, terá todos os argumentos



SUSSURROS
Renan Calheiros e Eduardo Cunha, em São Paulo. Os dois batem em Dilma Rousseff em público, mas não querem derrubá-la

para rejeitar as contas e apontar crime de responsabilidade. Isso abriria a porteira para um pedido de abertura de processo de impeachment de Dilma. Na prática, Eduardo Cunha quer usar essa condenação para enfraquecer ainda mais a presidente, mas não para abrir um processo de impeachment. Essa estratégia mudará somente se Dilma se afundar de modo irreversível. Se ela for impedida, Temer assumiria em seu lugar, algo que ele já disse com veemência que não gostaria de ver acontecer, mas vai que...

O outro risco para Dilma está no Tribunal Superior Eleitoral. O ministro João Otávio Noronha requisitou acesso à delação premiada do empreiteiro Ricardo Pessôa, da UTC, presidente do "clube", o cartel de empresas que desviou bilhões da Petrobras e distribuiu propina ao PT, PP e PMDB. Pessôa diz ter pago R$ 7,5 milhões à campanha de Dilma em 2014 para não perder contratos na estatal. Pessôa diz que acertou tudo com Edinho Silva, então tesoureiro da campanha de Dilma e atual ministro da Secretaria de Comunicação Social. Segundo ele, Edinho insinuou que a UTC perderia contratos se não ajudasse o PT. A questão ainda é prematura, mas o que Pessôa diz pode significar que a campanha de Dilma foi abastecida com dinheiro roubado de uma estatal, o que poderia levar, em última instância, à cassação de sua chapa. Dilma e Temer perderiam seus cargos. O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, assumiria o governo por 90 dias e convocaria novas eleições. Em vez de assar uma presidente fraca enquanto se preparam para 2018, Eduardo Cunha, Renan e Temer se tornariam sócios subalternos de, talvez, um governo Aécio Neves.

A partir daí fica fácil entender por que o PMDB pode conversar com a oposição, se alinhar a ela em votações no Congresso, mas não vai se movimentar pela saída de Dilma. O único consenso que há nos cenários apresentados é que o PT e Dilma perdem. Fora isso, nenhum dos caminhos une todos os interessados, sejam da oposição, sejam do PMDB. A possibilidade de o TSE impugnar a chapa Dilma-Temer só agrada ao senador Aécio Neves, presidente do PSDB. No clima atual e com os 51 milhões de votos que teve no ano passado, Aécio seria um favorito em uma eventual nova eleição. É a opção que praticamente todo o PMDB rechaça, pois Temer seria varrido junto com Dilma. Nem o PSDB inteiro a apoia. O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, tem pretensões de ser candidato em 2018. "O Aécio está vendo a chance de ganhar a eleição que perdeu", diz um tucano.

A alternativa do impeachment de Dilma por causa da condenação das pedaladas no TCU tem mais simpatia no PMDB porque Temer se tornaria o presidente da República até 2018. Mas nem o partido todo gosta disso. O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, por exemplo, prefere outra alternativa. ▶

Foto: Marlene Bergamo/Folhapress



Cunha é um adepto do parlamentarismo, sistema pelo qual o governo é exercido por um primeiro-ministro, escolhido dentro do Congresso. Recentemente, Cunha encarregou seis parlamentares de sua confiança da tarefa de construir essa possibilidade. Eles resgataram uma antiga proposta de Emenda Constitucional feita pelo deputado Bonifácio Andrada, começaram a consultar juristas e até ex-parlamentares experientes para redigir uma proposta do tipo. Uma das alternativas examinadas é incluir a possibilidade de um senador exercer o cargo de primeiro-ministro, algo inusual, apenas para angariar o apoio do presidente do Senado, Renan Calheiros. "Parlamentarismo para quê? Para dar cargo de primeiro-ministro ao Eduardo Cunha?", diz um integrante da cúpula do PMDB.

A ideia do parlamentarismo funciona mais atualmente como um elemento de dissuasão de Cunha, uma maneira de ele mostrar que, apesar de ferido pelas investigações da Operação Lava Jato, precisa ser levado em conta. Ele e Renan devem ser denunciados pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, até setembro. Perderão prestígio e poder – muito ou pouco, depende deles e das lambanças de Dilma. Ambos sabem disso. É mais um elemento que equilibra o jogo político em Brasília, esvaziando as chances de impeachment.

O dinheiro já sentiu o cheiro desse deslocamento do poder para o PMDB, sabe que é dali que emanam as respostas

O PIB JÁ PERCEBEU QUE O PODER SE DESLOCA PARA O PMDB. EMPRESÁRIOS PROCURAM O PARTIDO PARA CONVERSAR



ORDEM NA CASA
Michel Temer lidera uma reunião com aliados do governo, em Brasília. Ele procurou esvaziar a crise

para o futuro. Na semana passada, o presidente da Fiesp, Paulo Skaf, procurou a cúpula do partido no Senado para organizar um almoço com cerca de 150 empresários. Um grupo de 20 empresários reuniu-se com lideranças do partido no Senado, na sala do senador Eunício Oliveira. Outros procuram o presidente da Casa, Renan Calheiros. Os demais senadores também perceberam. O tucano José Serra conversa bastante com o PMDB. É cortejado especialmente por Renan Calheiros. Ex-petista e opositora neófita e ferrenha, a senadora Marta Suplicy é outra que colou no PMDB em busca dos rumos do país.

A movimentação mais "radical" que o PMDB fará nos próximos meses já está coreografada. Temer deixará, aos poucos, o varejo da coordenação política. Até agora, a missão desgastou sua imagem devido às sabotagens do ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante. Cautelosamente, Temer se cercou de vários anteparos. Além do ministro Eliseu Padilha, repassou a divisão dos cargos ao ex-deputado Rocha Loures e, na semana passada, levou para o Palácio o ex-vice-governador do Distrito Federal Tadeu Filippelli. Eles cuidarão do embate diário de cargos e emendas. Temer ficará livre para cuidar apenas de negociações de níveis mais altos, até mesmo com a oposição.

Na semana passada, políticos em todos os cantos de Brasília discutiam as possibilidades de Dilma ser retirada do Palácio do Planalto. Alguns, maldosos, brincavam que ela seria capaz de amarrar-se à mesa do gabinete. Lembravam o que aconteceu com Collor. Faziam o que nunca se deve fazer: buscar analogias com o passado para tentar projetar o futuro. Esquecem-se das lições do matemático libanês Nassim Nicholas Taleb, que cunhou a teoria do cisne negro. Taleb é enfático ao mostrar que buscar traços em comum entre passado e o presente para definir o futuro não é uma boa ideia, pois a história é feita de imprevistos, os cisnes negros. Qualquer movimento pela retirada de Dilma que não seja pela inércia do tempo e da Constituição anima conversas de políticos, mas guarda incontáveis imprevistos, além de uma arriscada e traumática travessia em um momento particularmente perigoso. Grandes investidores internacionais se mostram mais apreensivos com o cenário político do que o econômico – para eles, o andamento da crise na parte financeira já era esperado; o esfacelamento do governo e das relações políticas, não. O Brasil flerta com o segundo impeachment em 20 anos em um momento em que o cenário internacional também é ruim. A unidade política da União Europeia e a recuperação econômica do bloco são ameaçadas pela crise da Grécia. A derrocada das Bolsas de Valores mostra um soluço temerário do capitalismo da China, sempre um incômodo para o Brasil. Em um cenário assim, alguns arriscam, um presidente a vir após Dilma não teria trégua nenhuma. Como disse Temer ao amigo, difícil alguém se sentir "confortável" numa situação assim. ◆

Foto: Ed Ferreira/Folhapress



O gogó está afiado...

...mas, como sempre, o PSDB fica apenas nele. Os tucanos continuam sendo o partido da "oposição a favor" e da autossuficiência insuficiente

Flávia Tavares

O PSDB, o partido que nunca sabe o quer, escolheu uma antítese como tema de seu encontro anual. "Oposição a favor do Brasil", dizia o imenso cartaz que ornamentava um hotel em Brasília, na manhã do domingo passado, na 12ª Convenção Nacional do partido. Na plateia e no palanque, homens com camisas de cor pastel circulavam com uma excitação incomum para um grupo fora do poder há 13 anos. Com uma presidente com 9% de aprovação, até os tucanos estão falando grosso. "Não perdemos a eleição para um partido político. Perdemos para uma organização criminosa", bradou o presidente reeleito do partido, Aécio Neves. "Se preparem. Dentro de muito pouco tempo, não seremos mais a oposição, vamos ser governo", ele disse – ou ameaçou, a depender do ponto de vista. Geraldo Alckmin, governador de São Paulo e rival de Aécio na disputa pela candidatura presidencial de 2018, evitou repetir a analogia entre PT e volume morto, usada pelo ex-presidente Lula. Mas a sede de bater nos petistas foi incontrolável. "O PT chegou ao fundo do poço e cabe a nós a missão de não deixar carregar o Brasil junto com eles", disse Alckmin, o especialista hídrico do tucanato. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ainda o principal líder da oposição, proclamou: "Estamos prontos a assumir, dependendo das circunstân-

Fotos: Luciano Freire/Futura Press e Pedro Ladeira/Folhapress





TETO DE VIDRO **Aécio discursa na convenção do PSDB *(no alto)*. O pivô do mensalão mineiro, Eduardo Azeredo, estava lá também**

cias, o que vem pela frente". Ninguém pronunciava a palavra maldita, mas, ainda assim, o PSDB aparentemente assumia a defesa do – apenas sussurre, por favor – impeachment de Dilma. Nem pareciam tucanos.

Mas eram. Os discursos na convenção eram só isto: discursos. O gogó afiado servia tão somente ao propósito de animar a plateia – os que estavam no hotel e os que, de longe, esperam em vão que os tucanos partam para a defesa do impeachment. Ainda naquela tarde, eles retomaram a moderação até no palavrório. "Não cabe ao PSDB antecipar a saída da presidente da República. Não somos golpistas", disse Aécio, quando perguntado sobre o impeachment. O grão-tucanato, tal qual uma nobiliarquia da política brasileira, aguarda o poder, em vez de trabalhar para chegar a ele. Esse estado de graça revela-se pela repetição incessante da frase "Presidência é destino", usada por Aécio e Alckmin para explicar inações e recuos políticos. Enquanto tucanos esperavam o destino, o PT, trabalhando sem parar, ganhava quatro eleições presidenciais.

Aécio parece acreditar tanto nessa coisa de destino que, em seguida, disse que fora reeleito presidente da República, e não do PSDB. O ato falho, se Freud não estiver errado, ao menos sugere que Aécio quer, de fato, a Presidência. Não são poucos os aliados próximos e amigos antigos que acreditam no contrário – que Aécio, no fundo, não quer ser presidente tanto assim. Queira Aécio ou não, o PSDB prossegue, para a maioria dos descontentes com o PT, como principal alternativa, a curto ou longo prazo, ao governo Dilma. "A temperatura política está subindo em função da decomposição do próprio governo. Eleva-se o tom, sob pena de perdermos nossa retaguarda. Somos cobrados pelo nosso eleitorado por uma posição mais radical", diz o senador Aloysio Nunes Ferreira, vice de Aécio na campanha do ano passado – e citado por Ricardo Pessoa, empreiteiro e delator na Lava Jato, como destinatário de R$ 200 mil em doações ilegais, quando concorreu ao Senado. Aloysio nega ter recebido qualquer doação ilegal. Mas a acusação enfraquece a autoridade moral dos tucanos para se contrapor ao governo do petrolão.

É uma dificuldade incômoda, com a qual o PSDB claramente não sabe lidar. Na convenção, o ex-governador de Minas Eduardo Azeredo, acusado de corrupção no mensalão mineiro, brilhava na fileira dos ex-presidentes do partido. Embora Azeredo tenha renunciado ao mandato de deputado para escapar de um julgamento no Supremo, os tucanos o protegem com uma lealdade não tão diferente da demonstrada pelo PT em relação, por exemplo, ao ex-tesoureiro Delúbio Soares *(leia mais em Da Redação)*. Os líderes do PSDB escondem lealdade semelhante aos empreiteiros do petrolão. Muitos têm relações camaradas com as principais empreiteiras denunciadas. A julgar pelo que é dito e, sobretudo, pelo que não é dito pelos tucanos, o petrolão é um esquema com corruptos, mas sem corruptores.

Se o tal destino não colaborar, o PSDB continuará fora do poder. Os dois principais problemas do partido, desde que virou oposição, permanecem: as divisões internas e a falta de um projeto alternativo ao do PT. Como o historiador Boris Fausto sugeriu na mesa mais aplaudida da Flip, tudo o que o PSDB tem a oferecer hoje é um governo sem o PT. Não diz claramente o que colocaria no lugar. No domingo, Alckmin propôs as perguntas: "O que compete a nós, o maior partido de oposição, nesse contexto? Qual deve ser nosso papel? Qual nosso dever?". Mas ele falhou nas respostas, com soluções, no mínimo, vagas. "Nós temos a responsabilidade de apoiar projetos que fortaleçam o país, independentemente da cor partidária de seus autores", acrescentou, sem explicar que projetos, que autores. Essa autossuficiência tucana é insuficiente. Eles próprios sabem disso. Por isso, apostam, mais uma vez, numa agenda externa para acelerar seu projeto. Pode ser nas investigações da Lava Jato, nos erros de Dilma, na boa vontade do PMDB... Esperam, enfim, que o destino, sempre a caminho, finalmente apareça. "O PSDB é o futuro", disse Aécio na convenção. Talvez seja. Falta combinar com o destino. ◆

LUÍS INÁCIO ADAMS

“Eu rejeito o termo ‘pedalada’”

O advogado-geral da União diz que está confiante na defesa das contas do governo – mas admite que não é fácil ser o defensor jurídico do governo Dilma Rousseff

Thiago Bronzatto

O ministro da Advocacia-Geral da União, Luís Inácio Adams, já passou por alguns maus bocados desde outubro de 2009, quando assumiu o dever de defender os interesses do governo perante os tribunais. Mas nada se compara ao momento atual. Sete quilos mais magro, ele tem a difícil tarefa de convencer o Tribunal de Contas da União (TCU) a aprovar as contas públicas de 2014. Em caso de derrota, Adams terá de se bater com o Congresso para evitar um pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Para ele, a pressão é tanta que, hoje em dia, estar ao lado do governo significa viver “sob risco de xingamentos”. Questionado sobre o grau de seu otimismo em relação ao sucesso que terá diante do TCU, no julgamento das pedaladas, Adams é confiante e logo diz “dez”, com o olhar fixo. Quando classifica o otimismo do governo, ele também fala “dez” – mas num tom mais baixo, com o olhar voltado para o chão.

ÉPOCA – Vocês já trabalham com o cenário que a presidente Dilma terá de se defender?
Luís Inácio Adams – Não. A presidente não será chamada pelo Tribunal de Contas da União. O que está em julgamento são as contas do governo, que é dirigido pela presidente. Mas uma coisa é a responsabilidade pessoal por cada processo de decisão, outra coisa são as contas como um todo. Não estamos julgando a presidente.

ÉPOCA – Mas o processo poderá respingar nela e levá-la a ter de se defender no Congresso.
Adams – O debate político subsequente poderá ser travado. Mas não acredito que tenha consistência, do ponto de vista do Direito, porque não é a primeira vez no Brasil que o tema “contas públicas” é objeto de deliberação e, eventualmente, reprovação. Isso não gera nada de responsabilização pessoal. Do ponto de vista de cassação de mandato, não tem nenhum fundamento. Do ponto de vista do processo específico, estamos muito confiantes. Porque os elementos que nós apuramos mostram pelo menos três fatores: existia uma realidade econômica que levou o processo decisório a acontecer do jeito que aconteceu; esse projeto decisório reproduziu sistemáticas repetidas em todos os anos anteriores; e o próprio Tribunal de Contas da União, em mais de uma oportunidade, reconheceu tais sistemáticas como legítimas.

ÉPOCA – A presidente parece mais otimista que os demais integrantes do governo em relação à decisão do TCU.
Adams – Claro que trabalho com a dificuldade do momento. Estou me preparando para o pior. Mas acho que temos muitos argumentos e esclarecimentos aos temas postos pela Corte que permitirão uma compreensão equilibrada da situação por parte do TCU. Não vou antecipar resultados. Isso só vai acabar quando acabar.

ÉPOCA – Como vocês estão se preparando para defender o governo?
Adams – A gente passou o primeiro período organizando os apontamentos. Eles foram apresentados no dia 17 de junho, o dia em que o tema foi levado ao TCU. Depois, quando fomos notificados, tivemos acesso ao relatório e aí começamos a trabalhar em cima dos 13 apontamentos levantados. Um deles, evidentemente, é esse repasse aos bancos públicos – eu rejeito o termo “pedalada” porque acho que, em que pese ter virado nome fantasia, ele na verdade não é representativo do que aconteceu. Não há uma intencionalidade de maquiagem. Até porque não faz sentido: o que se apresentou como prática ▶

Foto: Adriano Machado/ÉPOCA



INTOLERÂNCIA
O advogado-geral da União, Luís Inácio Adams. "Recebo e-mails ofensivos e até me xingam"

indevida é pagamento para benefícios sociais, só que esse processo todo é um fluxo que é zerado no final do ano. Então, do ponto de vista de meta fiscal, não faz nenhuma diferença.

ÉPOCA – O Ministério Público junto ao TCU discorda. Preparou um relatório duro e apontou uma série de irregularidades nas contas do governo Dilma. As contas do governo saíram do controle?
Adams – O Ministério Público junto à Corte faz afirmações levianas, sem consistência. O próprio plenário do TCU não as aceitou. Quando vi o memorial, entendi que era uma peça mais política que técnica. O procurador Júlio Marcelo chegou a dizer que eu conduzi uma campanha contra a aprovação de seu parecer. Eu tenho legitimidade para isso, a tarefa cabe à Advocacia-Geral da União. Mas esse tipo de informação politiza demais o debate. Quero me preocupar com a questão técnica.

ÉPOCA – Há um componente político no julgamento do TCU?
Adams – O componente político é externo ao TCU. Mas o TCU não é imune a isso, como ninguém é. É evidente que o debate político está muito aceso, muito intenso, está muito conturbado, está emocional. Os próprios ministros do TCU comentaram sobre mensagens, e-mails, de pessoas que dizem: "Ah, reprova". Eu acho que essa tem de ser uma decisão eminentemente técnica e não acredito que o debate político vai influenciar a decisão do TCU. O debate político depois se trava no Congresso.

"O debate político está muito intenso, o TCU não é imune – mas não acredito que influencie a decisão"

ÉPOCA – A próxima causa, então, será no Congresso?
Adams – A causa só termina quando o Congresso deliberar. O fato é que todo o debate será fatalmente transferido para o Congresso, porque é a instância decisória. Por isso eu e o ministro Nélson Barbosa estamos indo ao Congresso.

ÉPOCA – Ser a "cara" da defesa do governo causa problemas, como e-mails, hostilidades?
Adams – Até me xingam. Estar no governo hoje é assumir o risco de xingamentos. Mas essas mensagens são coisas que acontecem. O grande desafio da democracia é conviver com a diversidade de compreensões e opiniões, situação que pode abrir espaço para a intolerância. Infelizmente, o meio digital, os e-mails, potencializam o anonimato. E os anônimos muitas vezes se descontrolam. Teremos de enfrentar isso. A Constituição garante a liberdade de expressão, mas veda o anonimato. Não é porque a pessoa não gosta do governo que está autorizada a fazer agressões.

ÉPOCA – Então é difícil ser o advogado da presidente Dilma Rousseff?
Adams – Eu acho que quem está na função pública tem de aprender a conviver com isso. Se você se ressente, é melhor sair da função. A jurisprudência da Suprema Corte dos Estados Unidos ensina que a figura pública, que ocupa o espaço público, tem de conviver com um fato: somos tanto objeto de desejo quanto de animosidades. Mas não pode haver falta absoluta de responsabilidades. Vi pessoas agredidas... Veja o que aconteceu com o ex-ministro Guido Mantega, hostilizado em restaurantes em São Paulo.

ÉPOCA – Ele personificou, entre outras questões econômicas, justamente a crise das pedaladas do governo...
Adams – Personificaram a crise nele, o que chamo de fulanização do Estado. Ao identificar o Estado na figura do indivíduo, você acaba por concentrar nele todo o sentimento, a manifestação difusa na sociedade. As pessoas têm todo o direito a se manifestar, mas que não se tornem intolerantes.

ÉPOCA – Além do TCU, a presidente Dilma Rousseff enfrenta batalha jurídica no Tribunal Superior Eleitoral, que também pode culminar na cassação de seu mandato.
Adams – Essa é uma questão da campanha onde não atuo. Agora, as contas já foram aprovadas pelo TSE. E em relação à investigação conduzida pelo ministro João Otávio Noronha não apareceu nada de substancial. Os depoimentos tomados pelo TSE do doleiro Alberto Youssef são inconsistentes. Não participei da campanha, mas testemunhei que cautelas foram adotadas. Tenho confiança plena e não acredito que algo vá contaminá-la.

ÉPOCA – O senhor está cansado? Já pensou em partir para um novo desafio?
Adams – Todo dia, todo dia. Você não pode achar que essa função é para sempre. Eu tenho a data-limite, que é 2018. Evidentemente, nesta função, com as tensões constantes, muitas vezes você pensa: "Ah, vamos largar isso". Eu estou há cinco anos e meio aqui, sou o ministro mais longevo no cargo e no governo. É natural que neste trabalho, sobre quem recaem desejos e sentimentos públicos, a situação esteja mais exposta. Mas a liderança exige que se assumam as responsabilidades, as culpas, mesmo quando elas não são suas.

ÉPOCA – Esse comportamento vale também para a presidente Dilma Rousseff?
Adams – Vale em particular. O sistema presidencial consolida uma responsabilidade e um desafio muito grande na figura do mandatário. O poder presidencial não é só majoritário, mas contramajoritário. Ele é exercido também quando se rejeitam decisões populistas. Hoje, temos uma tensão constante entre Congresso e Executivo em torno de propostas como o ajuste fiscal, a questão da Previdência, decisões que procuram ser populares, mas que são negativas porque atingem o projeto de país no longo prazo. Tomar decisões que não são populares o coloca em situação de animosidade em relação a alguns setores. Mas é do processo, da vida, o Estado funciona assim. ◆

FÉRIAS com

The Looney Tunes Show

SEUS PERSONAGENS FAVORITOS!

PERNALONGA E SUA TURMA

ESPERAM VOCÊ PARA VIVER UMA GRANDE AVENTURA NO SET DE FILMAGEM DOS LOONEY TUNES.

DE 02/07 A 02/08

f /HOPIHARI

@HOPIHARI

@HOPIHARIOFICIAL

Consulte sempre a programação no site www.hopihari.com.br

HOPI HARI

COMPRE AGORA

WWW.HOPIHARI.COM.BR

OU PELO TELEFONE: 4007-1134

Alvará de Licença da Prefeitura de Vinhedo n.º 8729, válido por prazo indeterminado. Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros n.º 174448, válido até 23/01/2017. Renovações e alterações consulte www.hopihari.com.br/seguranca ou telefone 4007-1134 (custo de ligação local).

LOONEY TUNES SHOW and all related characters and elements are trademarks of and © Warner Bros. Entertainment Inc. (s15)

No rastro do dinheiro lá fora

135 telefonemas estabelecem o elo entre um executivo da Odebrecht e Bernardo Freiburghaus. O doleiro suíço se torna o centro das investigações da Lava Jato – e os procuradores decidem denunciar em breve os executivos da empreiteira

Thiago Bronzatto

Poucas pessoas na Lava Jato têm o potencial de demolir a construtora Odebrecht, além de seus próprios executivos. Um deles é o economista suíço-brasileiro Bernardo Schiller Freiburghaus. Apontado como o operador responsável por fazer repasses de propinas e lavar dinheiro em paraísos fiscais, Freiburghaus tinha uma relação muito próxima com Rogério Araújo, ex-diretor da Odebrecht Engenharia Industrial. Araújo era subordinado direto de Marcelo Odebrecht, presidente da empreiteira. Na semana passada, revelou-se que, entre julho de 2010 e fevereiro de 2013, Araújo e Freiburghaus se falaram 135 vezes por telefone, segundo levantamento dos procuradores da força-tarefa da Lava Jato. Em 15 dessas conversas, presume-se, o assunto predominante foram as transferências de recursos feitas por Freiburghaus para as contas de Paulo Roberto Costa, ex-diretor da área de Abastecimento da Petrobras. São 22 transações bancárias que somaram US$ 5,6 milhões entre março de 2011 e novembro de 2012. Elas ocorriam em até oito dias após o contato telefônico. À medida que se delimita o elo entre Freiburghaus, Araújo e Paulo Roberto Costa, mais a maior construtora do país se complica. E mais e mais as investigações da força-tarefa se debruçam sobre Freiburghaus.

O doleiro chegou ao foco das investigações da Lava Jato a partir da delação de Paulo Roberto Costa. Em seu depoimento, de setembro de 2014, o ex-diretor da Petrobras disse que foi apresentado a Freiburghaus por Araújo. "Paulo, você é muito tolo. Você ajuda mais os outros do que a si mesmo. Em relação aos políticos que você ajuda, a hora que você precisar de algum deles, eles vão te virar as costas", disse Araújo, segundo Paulo Roberto. Foi a senha para que o ex-diretor da Petrobras começasse a operar com o doleiro.

O esquema consistia em abrir contas bancárias de empresas em paraísos fiscais para, nessas contas, receber os recursos desviados da Petrobras. Segundo a delação de Paulo Roberto, Freiburghaus criou as offshores Sygnus Assets, Qinus Services e Sagor Holding, que tinham depósitos nos bancos PKB Privatebanck, HSBC, Julius Bear e Deutsche Bank. O objetivo da engenharia financeira era criar uma rede de companhias no exterior para a qual seriam transferidos os recursos pagos pela Odebrecht, entre 2009 e 2013, a título de "bom relacionamento". Neste momento, a Lava Jato rastreia o caminho do dinheiro no exte-





DUAS PONTAS
Marcelo Odebrecht *(no alto)* ao ser preso pela Polícia Federal. O doleiro Bernardo Freiburghaus *(acima)* está na Suíça



rior. Os procuradores avaliam já ter evidências suficientes para oferecer denúncia contra os executivos da empreiteira, inclusive Marcelo Odebrecht.

Os encontros entre Freiburghaus e Paulo Roberto ocorriam na Diagonal Investimentos, empresa do doleiro, no Rio de Janeiro. Ali, Freiburghaus apresentava os extratos das contas das offshores – e depois os triturava. O ex-gerente de engenharia da Petrobras Pedro Barusco, que admitiu ter recebido mais de R$ 100 milhões em pagamento de propinas, também era cliente de Freiburghaus. Usando o mesmo mecanismo que Paulo Roberto, Barusco recebia o dinheiro em contas bancárias de offshores. Duas delas, a Canyon View Assets e a Ibiko Consulting, tinham o doleiro como representante oficial. Segundo o juiz Sergio Moro, o fato de Freiburghaus ser o procurador dessas offshores indica o envolvimento do doleiro com a Odebrecht "no pagamento de propinas".

"Quando Bernardo estava no Brasil, ficava numa sala isolada no escritório da Diagonal. Ele era discreto, não falava muito e tinha seus clientes, e eu os meus. Não tínhamos muito contato um com o outro", disse a ÉPOCA o ex-sócio de Freiburghaus, que deixou a Diagonal em setembro de 2014 e pediu que seu nome ficasse em sigilo. "A Diagonal é uma empresa de agentes autônomos, que distribuía fundos no mercado e fazia corretagem. Não tem como ela receber dinheiro da Odebrecht. Só pode receber dinheiro de gestoras. Acredito que o Bernardo usava a estrutura da Diagonal para realizar negócios particulares para seus clientes, que nem sei quem são. Quando o nome dele apareceu na imprensa, fui pego de surpresa. Sou tão vítima como todo mundo", afirmou a ÉPOCA.

Conforme ÉPOCA revelou em fevereiro deste ano, Freiburghaus entregou à Receita Federal no dia 29 de outubro de 2014 uma declaração de saída do país, documento obrigatório para todos aqueles que vão deixar de vez por todas o Brasil ou se ausentar por um período superior a 12 meses. Na ocasião, Freiburghaus não informou seu paradeiro e apenas declarou que possuía 50 mil francos-suíços (R$ 171 mil, em valores atuais) depositados no banco Julius Baer. Dali em diante, passou a viver recluso num apartamento avaliado em R$ 11,2 milhões em Genebra, na Suíça, às margens do Rio Ródano. Freiburghaus deixou a Diagonal sob a responsabilidade de seu contador, Marcos Heronides, com quem costumava despachar por Skype. Antes de irromper novamente nos telefonemas revelados na semana passada, Freiburghaus voltara à evidência no dia 19 junho, depois que Marcelo Odebrecht e outros executivos da construtora foram presos pela Polícia Federal. Na ocasião, o nome de Freiburghaus foi citado no despacho do juiz Sergio Moro, que o chamou de "Alberto Youssef da Odebrecht". Procurada, a Odebrecht diz que desconhece os fatos e o teor dos supostos telefonemas apontados – e "questiona o vazamento seletivo de informações, vício que compromete o exercício do direito de defesa". Sobre o despacho do juiz Sergio Moro, a construtora informa que se manifestará dentro do prazo legal. Já a advogada de Freiburghaus, Fernanda Telles, classificou como "ilação" as afirmações do MPF e disse que iria esclarecer o caso à Justiça ◆

Fotos: Gisele Pimenta/Frame/Folhapress e reprodução

O roubo do crucifixo de prata

Bandidos assaltam o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro a 3 quilômetros do Estádio Olímpico. O crime na região cresce mais que no restante da cidade

Hudson Corrêa

Cardeal arcebispo do Rio de Janeiro entre 1971 e 2001, Dom Eugenio Sales, morto em 2012, usava uma tática para evitar assaltos na perigosa estrada do Sumaré, via que leva à residência oficial, no alto da Floresta da Tijuca. Ao voltar para casa à noite, pedia a seu motorista para deixar as luzes internas do carro acesas. Tomou a precaução depois de ser parado por bandidos armados em seu caminho. Ao perceber que tentavam assaltar um religioso, os criminosos pediram desculpas e liberaram o cardeal. Dom Eugenio os abençoou e seguiu em frente. Mas adotou as luzes acesas. Contava que depois disso, à sua passagem, os bandidos escondiam as armas. Na noite de domingo da semana passada, Dom Orani Tempesta, atual cardeal arcebispo do Rio, foi assaltado pela segunda vez em menos de um ano – a primeira ocorreu na mesma estrada onde Dom Eugenio encontrara bandidos há quase duas décadas. Dom Orani estava com as luzes do carro apagadas.

Dom Orani e um casal de amigos foram arrancados do carro pelos ladrões e largados em uma rua em Quintino, Zona Norte da cidade. O motorista foi levado como refém e liberado 2 quilômetros adiante. O grupo voltava de uma missa. De Dom Orani, os bandidos levaram o celular, o relógio e um crucifixo de prata, símbolo de sua posição na Igreja Católica e presente do papa João Paulo II. O mesmo crucifixo havia sido roubado em setembro, no primeiro assalto, e depois recuperado.

Também sinal da mudança dos tempos, o assalto ao cardeal foi filmado em um smartphone. As imagens feitas por uma testemunha mostram o religioso e o casal de amigos sendo obrigados a sair do carro. Já com os bandidos longe, a testemunha se aproxima e mostra Dom Orani parado na rua, vestido com o terno preto e o colarinho clerical inconfundível dos padres. "O que aconteceu comigo acontece com muita gente nesta cidade. Isso nos faz pensar no que devemos fazer para melhorar a situação", disse, no dia seguinte.

As estatísticas da Secretaria de Segurança Pública confirmam a expansão dos roubos de carros na cidade. Houve crescimento de 8% nos primeiros cinco meses de 2015 em relação ao mesmo período de 2014. Os assaltos tiveram alta de 3,7% e os roubos de celulares de 65%. As investidas dos ladrões recrudescem a pouco mais de um ano da Olimpíada, e a violência aumenta em áreas onde haverá trânsito de atletas e de público. O infortúnio de Dom Orani ocorreu a menos de 3 quilômetros





SEM EXCEÇÃO **Dom Orani, em vídeo de celular *(abaixo)* e em foto após o assalto. O Rio de Janeiro espera reforço federal antes da Olimpíada**



Fotos: Domingos Peixoto/Ag. O Globo e reprodução

do Estádio Engenhão, que sediará as provas de atletismo e partidas de futebol. Segundo o Instituto de Segurança Pública, a região de Quintino registrou um aumento bem acima da média da cidade: 27% nos roubos de carros e 16% nos assaltos no primeiro quadrimestre de 2015 em comparação com o mesmo período em 2014.

O secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, não considera a situação alarmante. Ele comemora a redução de homicídios, estupros e agressões, principalmente nas áreas com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Beltrame enfrenta, porém, o conhecido problema do cobertor curto para manter o policiamento em todas as áreas. Para a Olimpíada, as autoridades estaduais esperam o reforço de milhares de homens das tropas federais.

Antes da Copa do Mundo de 2014, o governo do Estado recebeu ajuda das Forças Armadas, que ocuparam o complexo de favelas da Maré, localizado entre as duas principais vias expressas da cidade e no caminho do Aeroporto Internacional Tom Jobim. Os assaltos diminuíram 23% com a presença do Exército e da Marinha. Os homicídios caíram de 37 casos para 17, na comparação entre janeiro e maio de 2014 e 2015. Em junho, os militares deixaram as favelas. Na primeira semana de julho, já houve um ferido por bala perdida. A Secretaria de Segurança Pública anunciou que instalará na Maré UPPs com 1.700 policiais até março de 2016, cinco meses antes da Olimpíada.

Estatísticas positivas, muitas vezes, ficam ofuscadas por casos específicos de crimes assombrosos. Na terça-feira passada, uma comerciante foi baleada na perna. Na fuga, o bandido abandonou a bolsa da vítima e pulou na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde acontecerão as provas olímpicas de canoagem e remo. Foi capturado quando tentava subir num ônibus. O local recebeu mais policiamento desde a morte do médico Jaime Gold, esfaqueado por um menor em maio. Parece não ter adiantado muito. A Dom Orani, resta agradecer por nada de mais grave ter acontecido a ele, seu motorista e seus amigos. E para que seu crucifixo reapareça mais uma vez. ◆

COMO O BRASIL VAI SUPERAR ESSE FURACÃO?

O país enfrenta uma tempestade perfeita. Mas a crise é de governo, não das instituições. E isso é razão para esperança em dias melhores

Guilherme Evelin

Em meteorologia, uma tempestade perfeita se forma quando há uma combinação rara de vários eventos climáticos que, em sua confluência, contribuem para aumentar o poder de devastação do vendaval. O Brasil está hoje no meio de uma tempestade perfeita. O país enfrenta uma convergência de crises nas esferas econômica, política e judicial que estão aumentando dramaticamente a intensidade das turbulências atuais.

Desde o começo do ano, as circunstâncias se agravaram em todas as frentes. Na economia, todas as projeções sobre a inflação, a queda do PIB, o aumento do desemprego e o estado das contas públicas pioraram em relação aos cenários iniciais de 2015 – que já eram sombrios. Na política, o governo Dilma Rousseff chegou ao nível mais baixo de apoio popular desde o governo José Sarney e perdeu o controle da agenda política. Sem sustentação, vem sendo submetido a sucessivas derrotas em votações no Congresso. No âmbito judicial, as investigações da Operação Lava Jato colocaram na cadeia acionistas e ▶

ROUPA SUJA
Investigados na Lava Jato, os presidentes da Câmara e do Senado pressionam o Planalto contra a recondução do procurador Janot para novo mandato



ESFERA JUDICIAL

Pedaladas fiscais

Campanhas eleitorais sob suspeita

Operação Lava Jato

DESEQUILÍBRIO NA PEDALADA
A contabilidade criativa do primeiro mandato minou a credibilidade de investidores e mascarou a urgência de cortar gastos

Desemprego e queda de renda

Inflação

Desequilíbrio fiscal



Juros

Reprovação popular

Máquina parada

OLHO DA RUA
Quando inflação e juros subiam, em 2014, Dilma alardeava a baixa taxa de desempregO. Esta também subiu, com a queda nos investimentos

Recessão

Grau de investimento

RESSACA
O corte de gastos indispõe o governo com o Congresso e com as ruas

Aumento de gastos públicos

Falta de confiança

Deterioração do cenário externo

Corte de investimentos

ESFERA ECONÔMICA

O TAMANHO DOS PROBLEMAS

Os desafios se acumulam porque uma crise alimenta a outra

Inflação
A explosão da inflação surpreendeu analistas e até o Banco Central. A previsão para 2015, que em janeiro era de 6,6%, passou para 9% no início de julho. A estimativa para 2016 melhou de 5,7% para 5,5%, mas ainda está longe do centro da meta, de 4,5%

Aumento de gastos públicos
Fim do fator previdenciário, correção de benefícios pelo índice do salário mínimo e reajuste para o Judiciário arriscam o ajuste fiscal

Nomeações do Judiciário
Nomear ministros de Tribunais e o procurador-geral da República virou briga política

Reprovação popular
Panelaços e manifestações na rua expõem os índices atuais de popularidade da presidente. Segundo pesquisa Ibope divulgada em julho, 68% dos brasileiros rejeitam sua gestão. É a pior avaliação de um presidente desde a redemocratização. Só 9% consideram seu governo ótimo ou bom

Rebeldia do Congresso
Às turras com Dilma, os presidentes Eduardo Cunha (Câmara) e Renan Calheiros (Senado) lideram a aprovação de aumento de gastos, dificultam a aprovação da reforma fiscal e desafiam o poder da presidente

Campanhas eleitorais sob suspeita
O TSE investiga doações ilícitas à campanha da chapa Dilma/Temer e a distribuição de material eleitoral, pelos Correios, sem registro. Presidente e vice podem ser cassados

Corte de investimentos
Os investimentos caíram 7,8% no primeiro trimestre, em relação a 2014

Juros
Com inflação alta e desconfiança sobre o Banco Central, os juros tiveram de subir. Segundo as previsões de mercado, a taxa básica (Selic), hoje de 13,75% ao ano, chegará a 14,5% em dezembro. Em janeiro, a previsão era que não passaria de 12,5% ao ano em 2015

Falta de diálogo
Nomeado articulador político, Michel Temer sofre resistências no próprio governo. Peemedebistas dizem que Temer é sabotado pelos petistas

Grau de investimento
O país pode perder o grau de investimento concedido pelas agências de classificação de risco. Isso encareceria empréstimos ao Brasil

executivos das duas maiores construtoras do país – Odebrecht e Andrade Gutierrez. Também levantaram denúncias de que o caixa da campanha da reeleição da presidente Dilma, em 2014, foi abastecido com recursos desviados dos contratos superfaturados no esquema do petrolão. A medida da vastidão da tempestade foi dada na semana passada quando Dilma, em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*, disse que não vai cair – reação um tanto estabanada porque, ao comentar a hipótese, a presidente da República quebrou um dos códigos do poder: em casa de enforcado, não se fala de forca.

A sensação de vertigem em meio a um redemoinho aumenta porque uma crise alimenta a outra. Ao atingir algumas das maiores empresas do país, a Operação Lava Jato contribui para acentuar a recessão da economia. A crise econômica ajuda a afundar ainda mais o governo e a tirar dele sustentação política. A crise do governo, por sua vez, piora as perspectivas da economia *(leia no quadro acima)*. Sem estabilidade política, que é capaz de dar confiança no futuro, os investidores não se animarão – e isso dificultará a recuperação do crescimento econômico. E a sensação de desgoverno dá mais fôlego para os processos judiciais que podem, no limite, custar o cargo da presidente da República.

Como escapar desse ciclo infernal? O Brasil tem condições de superar a crise sem ser engolido pelo turbilhão? Em *Uma história do povo americano*, o ensaísta inglês Paul Johnson escreveu que a ascensão dos Estados Unidos de ex-colônia do Reino Unido à maior potência mundial foi determinada por muitos fatores, "mas o mais importante é sempre a qualidade das lideranças". "Afortunadamente para a América, a geração de políticos que emergiram para liderar as colônias rumo à independência foi um dos mais formidáveis grupos de homens da história: sensíveis, mentes abertas, corajosos, bem-educados, talentosos, maduros e dotados de visão de longo prazo", diz Johnson.

Desse ângulo, há motivos para cultivar o ceticismo. Como diz o ex-ministro e economista João Sayad, a "ausência de



liderança do Brasil é gritante". "Falta ideia e falta gente", diz Sayad *(leia a entrevista na página 52)*. Não é só o mandato da presidente Dilma que está sob ameaça de ser levado de roldão por investigações policiais-judiciais. Na linha de sucessão da República, os presidentes da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), também são alvos de investigações e podem ser processados. Faltam aos partidos políticos, depauperados, quadros com as qualidades dos líderes da Independência americana mencionadas por Johnson. Em 1992, no processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor, a presença de lideranças no Congresso, como Ulysses Guimarães, Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, ajudou a superar o trauma da queda do primeiro presidente eleito após o fim da ditadura militar. Hoje, como diz o cientista político Carlos Mello, professor do Insper, em São Paulo, "está difícil distinguir quem não é baixo clero no Congresso Nacional".

A grandeza dos Estados Unidos foi feita, porém, também por instituições políticas sólidas que resistem à passagem dos homens e garantem o valor republicano da igualdade de todos perante a lei. Por esse ângulo, talvez de prazo mais longo, é possível ver a crise atual com lentes mais otimistas, como faz o cientista social Luiz Werneck Vianna *(leia sua entrevista na página 50)*. "Os ocupantes dos cargos-chaves estão correndo risco de cair, mas a possibilidade de queda mostra que as instituições estão funcionando com muito vigor. Talvez o saldo atual seja o amadurecimento da política brasileira. O parafuso está sendo apertado", diz Werneck.

Ao contrário do que disse a presidente Dilma Rousseff e alguns dos mais aguerridos defensores de seu governo, não há golpismo. Os ritos da Constituição de 1988 estão sendo cumpridos. Não há uma crise institucional. Há uma crise de governabilidade – séria, é verdade. Mas o que o governo precisa fazer para superá-la, antes de tudo, é governar. ◆

Com *Marcelo Moura, Pedro Marcondes de Moura* e *Vinicius Gorczeski*

O OTIM

Para o cientista político Luiz Werneck Vianna, as instituições brasileiras vão bem – e reclamar de golpismo é um recurso velho, que faz lembrar a era Vargas

Marcelo Moura

A presidente Dilma Rousseff foi convocada pelo Tribunal de Contas da União a explicar as pedaladas fiscais do Orçamento de 2014 e é investigada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pela denúncia de que sua campanha pela reeleição recebeu doações irregulares. Uma condenação pode abrir caminho para a cassação do mandato e do vice-presidente, Michel Temer. Os próximos na linha de sucessão da República, os presidentes da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, e do Senado Federal, Renan Calheiros, também são alvos de investigações e podem vir a ser denunciados. A remota possibilidade de uma perda total na cúpula do Executivo e do Legislativo não preocupa o cientista social Luiz Werneck Vianna. Ao contrário. A independência para conduzir investigações que põem em risco os mandatários do país, afirma Werneck, mostra a força das instituições do país.

ÉPOCA – A presidente da República e os presidentes da Câmara e do Senado enfrentam investigações que, no limite, podem lhes custar os cargos. Há risco de uma crise institucional no Brasil?

Luiz Werneck Vianna – A crise atual é um copo pela metade. Depende de como se olhe. Os ocupantes dos cargos-chave estão correndo risco de cair, mas a possibilidade de queda mostra que as instituições estão funcionando com muito vigor. Com muita rigidez. Talvez o saldo atual da crise seja, ao contrário do que veem alguns, o amadurecimento da política brasileira. Eu vejo por esse ângulo. O parafuso está sendo apertado.

ÉPOCA – O amadurecimento da política no Brasil pode ser traumático, como na Itália após a Operação Mãos Limpas, que levou à decadência dois dos maiores partidos?

Werneck – Vejo a crise brasileira como um avanço, não como retrocesso. Há um elemento de imprevisibilidade aí, mas penso que todos os atores envolvidos têm a consciência de que há muito mais a preservar do que a destruir.

ÉPOCA – O que há a preservar e o que há a destruir?

Werneck – O que há a preservar são as instituições da Constituição de 1988, que ampliou o poder de investigação de órgãos como o Ministério Público. A destruir, o poder de quem tiver cometido irregularidades. Enquanto a apuração ocorre, há uma crise de governabilidade no país.

ÉPOCA – O que explica a atual crise de governabilidade?

Werneck – A crise começou quando a presidente assumiu o segundo mandato e rompeu com a base aliada. Qualquer presidente brasileiro, desde Fernando Collor *(empossado em 1990, sofreu impeachment em 1992)*, sabe que fica muito exposto sem maioria parlamentar. Fernando Henrique Cardoso e Lula foram muito ciosos de manter o apoio do Congresso. Dilma fez outro cálculo e desestruturou sua base de poder.

ÉPOCA – Como essa crise pode ser superada?

Werneck – Não vai ser fácil. Uma boa parte dessa crise vem da crise econômica, que esvazia o apoio ao governo. Os problemas econômicos dificilmente vão embora.

ÉPOCA – A presidente Dilma chamou de golpistas aqueles que falam em seu impeachment. Há um clima de golpismo no país?

Werneck – Eu não vejo golpismo. Reclamar de golpismo é um recurso velho, que faz lembrar a era Vargas. Acho que o pacto das instituições está inteiramente preservado. O

...ISTA



Luiz Werneck Vianna
é cientista social, mestre em ciência política pelo luperj e doutor em sociologia pela USP. É autor de livros como *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil* (2007) e *A democracia e os Três Poderes no Brasil* (2002)

TSE está apurando possíveis irregularidades, o TCU está apurando, a Polícia Federal está apurando. A apuração de denúncias é um sinal de saúde de nossas instituições. O que caracteriza um golpismo é recorrer aos militares. Até agora, ninguém apelou aos quartéis. Partidários e opositores da presidente falam em apelar às ruas, mas não vejo nisso uma intenção de apelar à força. Uma guerra civil é extremamente improvável.

ÉPOCA – Um impeachment, o segundo em 30 anos de redemocratização, não abalaria a democracia?
Werneck – Prefiro que não ocorra impeachment, mas, se vier, veio. Terá vindo da lógica autônoma de instituições como a Polícia Federal, o Ministério Público, o TCU ou o TSE. São órgãos de investigação e regulação previstos na Constituição, fortalecidos por regras que a própria presidente Dilma ajudou a implementar.

ÉPOCA – O Supremo Tribunal Federal considerou constitucionais o casamento gay e a cota para negros nas universidades. Há um protagonismo desproporcional do Judiciário?
Werneck – O protagonismo do Judiciário foi criado e aprimorado por nós. Não é de hoje. Ele vem amadurecendo desde a década de 1930, por decisão da própria sociedade. Quem trouxe a Justiça do Trabalho para as relações do trabalho fomos nós. Quem trouxe a Justiça Eleitoral para as eleições fomos nós. Há mais de 80 anos. Quem criou instituições como a ação civil pública fomos nós, na Constituição de 1988. Quem deu vida às ações diretas de inconstitucionalidade foi o Partido dos Trabalhadores, durante o governo FHC. O PT mostrou a existência de um novo espaço de luta política, no Judiciário.

ÉPOCA – Como vê o novo protagonismo do Legislativo, que passou a ditar a agenda política do país?
Werneck – O presidencialismo de coalizão fortaleceu o Legislativo como mercado de trocas e lugar de favores. Quando o Legislativo assume o protagonismo, não é de se lamentar. É de se vangloriar. Finalmente, o Legislativo legisla.

ÉPOCA – Por que o Poder Executivo não consegue se impor mais no Congresso?
Werneck – Dilma não notou que as circunstâncias mudaram. O presidencialismo não pode ser mais o que foi durante o governo Lula, que desfrutou apoio parlamentar e popular por conta de programas sociais bem-sucedidos. Ela não percebeu que não poderia ser tão rígida e desafiadora ante os partidos da base aliada. Para governar, tem de ter base parlamentar que a sustente. Hoje, Dilma não tem apoio nem da bancada do partido dela. Não dá para governar sem apoio.

ÉPOCA – Quando poderemos superar a crise política?
Werneck – No curto prazo, não vejo perspectiva. Nenhum partido foi capaz de se renovar. Estão esclerosados. Olhe para a Espanha, a Itália ou a Grécia. Eles têm políticos jovens e movimentos sociais presentes na vida partidária. Aqui, há um dissídio. Os jovens no Brasil estão nas ruas contra a redução da maioridade penal, mas a Câmara não capta. Nem quer captar. Ela se divide em bancadas temáticas: a da bala, a dos evangélicos, a dos ruralistas... É sinal de que há algo muito doente. A democracia demanda partidos representativos. Tomara que uma consequência dessa crise política seja a abertura dos partidos políticos. ◆

Foto: Filipe Redondo/ÉPOCA

O CÉTI

Para o economista João Sayad, faltam a Dilma as características necessárias para exercer a Presidência – e a oposição também não se coloca como solução

O economista João Sayad, de 69 anos, é um sujeito eclético. Sem vínculo partidário, ele navega com desembaraço por diferentes correntes políticas. Foi secretário da Fazenda de São Paulo (1983-1987) no governo Franco Montoro, ministro do Planejamento (1985-1987) no governo José Sarney, secretário de Finanças (2001-2003) de Marta Suplicy na prefeitura paulistana e secretário paulista de Cultura (2007-2010) na gestão de José Serra. Professor da Faculdade de Economia e Administração da USP, com doutorado pela Universidade Yale, nos Estados Unidos, Sayad ainda teve sua fase de banqueiro, como sócio do banco SRL, comprado pela American Express, de 1988 a 2000. Em seu novo livro, *Dinheiro, dinheiro* (Ed. Portfolio Penguin), ele analisa o embate econômico interminável entre os monetaristas e os keynesianos. Embora se diga "mais para o lado dos keynesianos", Sayad afirma que os monetaristas são "sacerdotes indispensáveis" quando a inflação está em alta, como agora, no Brasil. Hoje, segundo ele, "falta ideia e falta gente" na arena política. Para Sayad, o grande desafio do país, mais que vencer a crise econômica, é superar a crise política.

ÉPOCA – Até que ponto as dificuldades políticas do governo estão agravando a situação econômica?

João Sayad – Em 100%. Se pudesse dividir as causas da crise, eu diria que a política é a mais importante. Lemos nos jornais o tempo todo a respeito de conflitos entre os que são próximos da presidente. Vemos o Congresso tomando uma porção de iniciativas que não fazem sentido, na Previdência Social, na reforma política. Fico muito preocupado com isso. Não com o impeachment, mas com a ausência de novos quadros. Nos dois partidos protagonistas, o PSDB e o PT, não há nem quadros novos, nem quadros jovens. O PMDB ora vai para um lado, ora para outro. Não se sabe qual é sua proposta. A ausência de liderança no país é gritante. Falta ideia e falta gente. Você não vê a juventude na política, que ficou marcada como uma atividade negativa. Mas a história é cheia de momentos como este. Espero que a gente consiga ultrapassá-lo, no fim do mandato da presidente Dilma. Mas não tenho muita esperança, porque não vejo um grupo político se colocando como solução.

ÉPOCA – Qual perfil deve ter um presidente da República?

Sayad – Leia a biografia do Getúlio. Converse com o Fernando Henrique e com o Lula. Você verá qual é o perfil necessário para um presidente da República. Não é o de um tecnocrata. É um sujeito que, para exercer suas funções em qualquer país do mundo, precisa ter empatia com os interlocutores, saber ouvir e atender e não atender às demandas. Para a presidente Dilma, faltam as características necessárias para exercer a Presidência. Ela não conseguiu gerar empatia, apoio, nem com o próprio PT, nem com o PMDB. Tomou muitas medidas de forma autocrática, como no caso da energia. Ainda que ela tivesse razão, despejou as medidas goela abaixo das empresas e da sociedade.

ÉPOCA – O Brasil vive hoje uma combinação de recessão com inflação e juros altos. Como o senhor vê o atual quadro econômico do país?

Sayad – Nós estamos vivendo uma crise de estagflação *(mistura de estagnação econômica com inflação alta)* e de desemprego. Houve avanços sociais e aumento de gastos públicos, que se provaram insustentáveis. A economia não cresceu para atender a tudo isso. No primeiro mandato de Dilma, o governo implementou uma política de aumento da demanda, como se todos os nossos problemas fossem apenas de falta de demanda. Houve também um crescimento de crédito para quem não tinha acesso ao crédito, que foi muito bom, mas não foi acompanhado pelo crescimento

ICO



João Sayad
é professor da Faculdade de Economia e Administração da USP. Foi ministro do Planejamento, ex-secretário estadual da Fazenda e da Cultura de São Paulo e ex-secretário de Finanças da prefeitura paulistana

da produção. O setor de serviços cresceu, pressionando demais os salários, e a indústria, mesmo com desonerações tributárias, não. Então, nós batemos no limite.

ÉPOCA – Em que medida o ajuste fiscal promovido pelo governo pode resolver esse problema?
Sayad – O ajuste pode ser decomposto em dois. O primeiro é um ajuste de gestão. Foram criados programas que cresceram muito, como o Fies *(Fundo de Financiamento Estudantil)*, que é supermeritório, mas vinha dobrando a cada ano. Não há país que aguente isso. O caso do seguro-desemprego é parecido. Não sei ao certo o que estava ocorrendo, mas havia algum tipo de fraude, porque o emprego crescia e o seguro-desemprego crescia junto. Agora, há um ajuste fiscal tradicional, com contingenciamento de gastos. Ele vai frustrar algumas demandas, mexer com programas sociais. Não com o Bolsa Família, que é consistente, mas com a Previdência, o Fies e as desonerações da folha de pagamentos, que não geraram o resultado esperado. O ajuste é necessário para evitar uma crise maior. Resolverá a questão da inflação mais que a do *deficit* público, mas não indica um novo caminho de crescimento. Em termos de futuro, estamos às cegas.

ÉPOCA – Diante da gastança de Dilma 1, havia outro caminho a seguir além do corte de despesas?
Sayad – A eleição contaminou tudo. É comum, nos anos eleitorais, que as despesas aumentem, mas houve um exagero. Do ponto de vista econômico, é natural que as economias capitalistas passem por ciclos de depressão e crescimento. Agora, esses cortes são muito complicados politicamente. Um ajuste desses é sempre difícil, mas, com uma inflação crescente e um governo politicamente fraco, com um índice de aprovação muito baixo, a dificuldade é amplificada. O país está precisando de uma grande reforma para voltar a crescer, mas não acredito que este governo irá fazê-la. Primeiro, porque precisa de um novo ambiente político. Esse ambiente em que o PSDB, que criou o fator previdenciário, vota contra ele no Congresso mostra uma guerra entre situação e oposição sem nenhum princípio. Por aí, não há solução. Você perde os fins e fica só com o meio.

ÉPOCA – O senhor acredita que o programa de concessões do governo vai dar certo e ajudar o país a sair da recessão?
Sayad – Eu gostaria que desse, mas o governo deixou uma marca de instabilidade, que deverá afetar a demanda pelas concessões. Hoje, você tem a dúvida tarifária, que será especificada no contrato. Mas aí vai o grupo de não sei de que e fecha a estrada e quebra o pedágio. Tem as questões ambientais, legítimas, mas maltratadas. Depois, há o risco da corrupção. Na cúpula do governo, você tem vozes discordantes. A presidente diz: "Vou fazer isso". Mas será que ela vai conseguir? Então, a palavra de ordem agora é paciência. Vamos esperar 2018. Se tivermos um presidente com liderança política, o Brasil poderá recuperar a confiança interna, que também falta, e a externa.

ÉPOCA – Ainda faltam mais de três anos para as eleições de 2018. Como vamos viver até lá?
Sayad – Viveremos. Acabei de ler um livro sobre a história americana, que é fascinante. Eles também passaram por muitas crises, tanto econômicas como políticas, nos séculos XIX e XX. Portanto, esta é mais uma crise, que espero que a política consiga resolver. O que talvez diferencie os Estados Unidos do Brasil é que lá houve uma preocupação de se chegar a um acordo, para evitar uma ruptura. Talvez na democracia a coisa mais importante não seja a voz da maioria, mas a propensão para fazer acordos. Isso seria fundamental no Brasil, tão cheio de ódios mútuos. ◆

Foto: Filipe Redondo/ÉPOCA

Existe mesmo uma onda conservadora?

A esquerda perdeu a hegemonia. Em seu lugar, emergiu uma cultura política popular, em que se misturam humor politicamente incorreto, moralismo de costumes e até mesmo – pasmem – ideias liberais

Fernando Schüler

Houve tempo em que a assim chamada esquerda dominava amplamente o debate público brasileiro. Seu auge parece ter sido em algum momento entre os anos 1990 e os inícios da década passada. Depois as coisas começaram a mudar.

Trata-se de uma hegemonia que vem de longe. Em seu ensaio *Cultura e política, 1964-1969*, escrito no final dos anos 1960, Roberto Schwarz observa o fenômeno e tenta algumas explicações. Em pleno regime militar, escreve, "há relativa hegemonia cultural da esquerda. Pode ser vista nas livrarias de São Paulo e Rio de Janeiro, cheias de marxismo, nas estreias teatrais... na movimentação estudantil ou nas proclamações do clero avançado". E conclui: "Nos santuários da cultura burguesa, a esquerda dá o tom".

O próprio Schwarz corroborava a dicotomia, um tanto óbvia para aqueles anos duros, em que a palavra "esquerda" surge sempre como polo positivo, e "direita" como polo negativo. Direita e esquerda não passam disso: palavras, em regra destituídas de um sentido preciso. Funcionam como peças do xadrez político, a cada momento. Não compreender isso é enxergar metafísica, no mundo plástico da política. Ou fazer o jogo. Schwarz usa o conceito nos termos dos anos 1960. Esquerda são os comunistas e a "gente boa" das universidades e da vida cultural. Direita são os militares e sua turma. Seu temor era de que a esquerda perdesse sua hegemonia cultural, com a repressão e o endurecimento do regime, após o AI-5. Seu prognóstico estava errado.

No país que emerge do regime autoritário, nos anos 1980, a hegemonia intelectual dessa mesma esquerda é brutal. O mestre Antônio Candido, em seu *Direito à literatura*, de 1988, registra o fenômeno, observando ser raro, naqueles anos, encontrar algum político ou empresário que arriscasse se definir como conservador. E arremata: são todos "invariavelmente de centro, até de centro-esquerda, inclusive os francamente reacionários".

De minha parte, guardo a memória incômoda dessa época, em que a vulgata marxista e suas variantes formavam uma espécie de atmosfera, fora da qual era difícil respirar. Estudante, em Porto Alegre, ainda lembro quando conheci, na virada para os anos 1990, os dois primeiros jovens "liberais". Observei-os como aves raras e os achei mais cultos, bem-humorados e tremendamente menos dogmáticos do que quase todos os meus amigos da "esquerda". Fiquei com a pulga atrás da orelha, confesso. Percebi que a doutrinação, na universidade, havia produzido uma limitação intelectual importante a toda uma geração. E que era preciso recuperar o tempo perdido.

Este mundo explodiu em algum momento, na virada para o século XXI. O fez por muitas razões. A primeira delas foi a ação dos intelectuais. Seja organizados em think tanks, como o instituto liberal, criado por Donald Stewart Jr., no início dos anos 1980, seja atuando de modo independente. Funcionou, para o lado contrário, o mesmo enredo descrito por Schwarz para a ascensão da esquerda, nos anos 1950 e 1960, quando ela, mesmo lamentando seu "confinamento e a sua impotência", foi "estudando, ensinando, editando, filmando, falando etc., e sem perceber contribuíra para a criação de uma



Fernando Schüler
é professor do Insper, titular da cátedra Insper Palavra Aberta e curador do Projeto Fronteiras do Pensamento



PLURALISMO
Manifestação religiosa na Câmara dos Deputados. Os evangélicos têm direito de se expressar, e o farão

geração maciçamente anticapitalista". Trocando-se os sinais ideológicos, é o que tem acontecido nos últimos dez ou 20 anos, no Brasil.

É evidente que há, nesse percurso, o efeito da internet. A hegemonia intelectual da esquerda dependia de seu controle sobre instituições. Universidades, escolas, instituições culturais. Sobre órgãos da igreja, redação de jornais e diretórios estudantis. E, por óbvio, sua eficiência brutalmente maior na ação partidária.

A internet explodiu esse mundo relativamente fechado, em que era possível sustentar uma hegemonia cultural pelo controle de posições institucionais. O poder se diluiu, ou melhor, disseminou-se pelo tecido social. Tudo isso permitiu a expressão de uma contra-hegemonia. No começo bastante tímida, feita como guerra de guerrilha, de blogs, artigos de opinião, da tradução de literatura "não alinhada", de corte liberal, antes rarefeita. Da presença cada vez maior no debate de ideias, em todos os níveis.

Por paradoxal que pareça, a eleição de Lula, em 2002, acelerou esse processo. Não contente em simplesmente ser governo, o PT fez algo que não se via, no Brasil, desde o ciclo militar: propôs uma narrativa sobre o Brasil. Nela, Lula surge como divisor de águas. Demiurgo do novo país, voltado para os "de baixo". Seu mantra? O "nunca antes neste país". Em uma sociedade plural, era previsível que essa narrativa produzisse seu contrário. E é ela que tem dado o tom de nossa guerra cultural. Engana-se quem atribui a oposição ao petismo à aversão da classe média à redução da pobreza no país. A reação diz respeito à toxina ideológica. De certo modo, como escutei de um observador arguto, tempos atrás, um tipo como Bolsonaro é produto do petismo e sua crispação política. Ocorreu o mesmo no debate entre liberais e conservadores, na era Bush e, em menor escala, no governo de Obama. Cada povo tem o Tea Party que merece.

A guerra cultural se diferencia do debate comum, no dia a dia das democracias. Na guerra cultural tudo se torna grandiloquente. Cada questão é vista como dizendo respeito a um "projeto de país", ou a "modelos de sociedade". Direitos LGBT? Querem destruir a família... Reúnem-se partidos de esquerda? Estratégia do comunismo internacional... Investiga-se o caixa dois na campanha da presidente? O lacerdismo golpista... Redução da maioridade penal? Querem criminalizar jovens negros e pardos. A guerra cultural se instala quando falta um consenso básico em torno de valores na sociedade. Um dos elementos definidores de nossa "democracia instável", na precisa definição de nosso sistema político, ▶

Foto: André Dusek/Estadão Conteúdo



RADICAL COM SINAL INVERTIDO **O deputado Jair Bolsonaro. Ele é produto da crispação política da era petista**

feita pelo cientista político Francisco Ferraz (em seu livro recente, com um título sugestivo: *Brasil: cultura política de uma democracia mal resolvida*).

De minha parte, em meio à guerra cultural, vejo elementos positivos. Se é verdade que a esquerda perdeu a hegemonia cultural, nenhuma outra parece ter entrado em seu lugar. O jogo ficou apenas mais equilibrado. O debate é mais agudo, mas há mais liberdade. Indivíduos têm mais poder de expressar opiniões e formar suas próprias redes de influência. Não há dúvida de que isso incomoda muita gente. Pior foi o tempo em que um universo restrito de intelectuais, em geral com opiniões coincidentes, comandava o debate público.

Dito isso, desconfio que a democracia, doravante, será tendencialmente mais instável e o debate político mais acirrado, com marcas de vulgaridade, na arena digital. Podemos pedir que internautas escrevam com moderação e tenham educação. Mas os incentivos caminham na direção oposta. A rede funciona ao ritmo caótico da busca de audiência, das manchetes estridentes, do tribalismo de opinião. E da bullshit, o besteirol, na impagável definição do filósofo Harry Frankfurt. Coisas que se diz e se escreve sem muita preocupação em saber se é ou não é verdade.

Bullshit define boa parte do que se habituou a chamar de onda conservadora, no Brasil atual. Dias atrás, li um estudo acadêmico sobre os sites supostamente mais influentes da "nova direita" brasileira. Boa parte deles não passava de páginas de humor politicamente incorreto. Em regra, piadas contra o governo. Fiquei imaginando o que seria de um site humorístico a favor do governo. Ou mesmo restrito apenas a piadas de "bom gosto". Imaginei uma espécie de "ministério do bom gosto", repleto de funcionários verificando tirinhas e vídeos humorísticos. Tenho vaga memória de que isso já foi tentado, por esses trópicos, com resultados funestos. Soa um tanto ridículo tentar enquadrar o humor em categorias políticas. Parece coisa de quem esteve acostumado, por muito tempo, a fazer piada dos outros, sem levar o troco.

Há, por certo, a disseminação de um certo moralismo comportamental nas redes sociais. Em parte, é uma expressão popular, em um país em que 51% da população jovem considera moralmente errado (e não apenas mau gosto) assistir a um filme pornográfico. Em parte, expressa o crescimento dos cultos evangélicos. Em 20 anos, o número de evangélicos, no Brasil, saltou de 10% para quase 23% da população. É simplesmente um direito dessas pessoas expressar sua opinião. E elas o farão.

É possível imaginar que boa parte dessas pessoas votou com o governo, nas últimas eleições, e seria um erro elementar confundir posições conservadoras e liberais com o moralismo de costumes que grassa na internet. Tome-se o debate sobre o casamento gay. Alguém pode concordar com o pastor Silas Malafaia em que não havia casais gays na Arca de Noé. Convém apenas não confundi-lo com Edmund Burke. É um direito ser contra o casamento gay, tanto quanto a favor. Sem sentido é pretender que o Estado transforme seu ponto de vista privado em regra pública, a obrigar os que pensam de modo diferente.

Quando a Suprema Corte tornou legal o casamento gay, nos Estados Unidos, não feriu os direitos de nenhum indivíduo. Simplesmente reafirmou a laicidade do Estado, cuja pedra de toque é a igualdade de todos diante da lei. Ideia perfeitamente liberal e quiçá um dos grandes movimentos de viés conservador, em nossa época. Os conservadores acham que instituições não devem mudar de uma hora para outra. O que não significa que não devam mudar nunca. E, depois, o casamento monogâmico é uma longa tradição ocidental, e os gays desejam fazer parte dela.

Trata-se de um debate que vai longe. Sou daqueles que alimentam a crença em um avanço progressivo, ainda que tortuoso, da sociedade de direitos e dos valores republicanos. Não sei por que, quando escuto o presidente Obama, essa ideia me vem com mais força. Em meio ao universo barroco, multifacetado, por vezes vulgar, que ronda nossa esfera pública por estes tempos, vamos caminhando. A Idade Média pertence ao passado, não ao futuro. ◆

Foto: Ricardo Botelho/Brazil Photo Press/Folhapress



©Sergio Zacchi / Editora Globo

Empreendedores da Yamatec (SP), uma das 20 empresas que já participaram do projeto.

extreme makeover
EMPRESARIAL 2015

MUDE O **FUTURO** DA SUA **EMPRESA**.

Toda empresa tem uma história e você pode dar um novo futuro para a sua. Estão abertas as inscrições para a **10ª edição do Extreme Makeover**, promovido por Pequenas Empresas & Grandes Negócios.

Seja uma das 3 empresas finalistas e receba 5 meses de consultoria exclusiva em tecnologia, finanças e gestão colocando sua empresa em uma nova fase de crescimento.

Inscrições no site
www.extrememakeover2015.com.br

REALIZAÇÃO: Pequenas Empresas & Grandes Negócios

PARCEIROS: Claro, DELL



HELIO GUROVITZ

O homem que tentou deter o nazismo

Das cinzas dos campos de extermínio nazistas, perguntas incômodas assombravam os vencedores ao final da Segunda Guerra Mundial. Quando os Aliados ficaram sabendo daquilo? Por que não fizeram nada? A resposta à segunda questão costumava vir embalada em argumentos desajeitados: a incredulidade diante dos relatos, a impossibilidade estratégica de agir em meio à guerra ou – o mais absurdo – a inutilidade de atos heroicos ou de resistência. Filósofos já se debruçaram sobre essa pergunta sem dela extrair nenhuma resposta satisfatória.

A primeira questão, porém, tem uma resposta bastante objetiva. A Conferência de Wannsee autorizou, em janeiro de 1942, o extermínio em escala industrial dos judeus, sob o eufemismo "solução final para a questão judaica". Àquela altura, já havia dezenas de telegramas secretos confirmando a perseguição, o confinamento em campos de concentração e o fuzilamento sumário dos judeus. Já no começo de março, de acordo com o historiador Raul Hilberg, refugiados denunciaram o extermínio às autoridades britânicas. Em 20 de junho de 1942, um relatório enviado à inteligência americana por um oficial britânico afirmava: "A Alemanha não está mais perseguindo os judeus. Está sistematicamente os exterminando". Em 8 de agosto, o líder judaico Gerhard Riegner, de Genebra, enviou informações detalhadas sobre o extermínio à Inglaterra e aos Estados Unidos. No mesmo mês, a revista *Newsweek* e o jornal *New York Times* começaram a publicar notícias mais e mais aterradoras. Até o final daquele ano, vieram à tona histórias das câmaras de gás e os nomes de Belzec, Sobibor, Treblinka e Auschwitz. Em 8 de dezembro – ainda em 1942 –, o presidente Franklin Delano Roosevelt recebeu na Casa Branca uma delegação de cinco lideranças judaicas. Seu relato era corroborado pelas informações contrabandeadas da Polônia em microfilme por um emissário que visitara o gueto de Varsóvia e um campo de onde partiam os trens abarrotados de corpos sobre cal viva para a morte em Belzec. O próprio emissário repetiria o relato a Roosevelt pessoalmente, em julho de 1943. Seu nome: Jan Karski.

Karski era um diplomata e oficial do Exército polonês. Assim que seu país foi ocupado, em setembro de 1939, foi capturado pelos soviéticos e, numa troca de prisioneiros, devolvido aos nazistas. Fugiu deles e se tornou militante da resistência, sob o codinome Witold. Passou a trabalhar como emissário e a transmitir informações na clandestinidade. Dono de uma memória prodigiosa, era uma espécie de "gravador humano" das mensagens trocadas entre os resistentes. Capturado pela Gestapo ao tentar cruzar a fronteira para a Hungria, foi torturado e tentou o suicídio – sem sucesso. Resgatado, a resistência o designou em 1942 como emissário ao governo polonês exilado em Londres. Ouviu o desespero das lideranças judaicas, testemunhou o horror no gueto de Varsóvia e, disfarçado de soldado ucraniano, num campo de extermínio.

Ao chegar a Londres, relatou o que vira não apenas ao governo exilado e a líderes judeus. Encontrou-se duas vezes com o ministro britânico das Relações Exteriores, Anthony Eden – que vetou seu acesso ao primeiro-ministro Winston Churchill. Em maio de 1943, foi para os Estados Unidos, onde passou a circular entre as autoridades americanas. Proferiu palestras e, depois do encontro com Roosevelt, decidiu escrever um livro com seu testemunho sobre a resistência polonesa e seu papel na guerra. Publicado nos Estados Unidos em 1944, *Estado secreto* se tornou um best-seller instantâneo, com mais de 400 mil exemplares vendidos na primeira edição. No fim da guerra, com o domínio soviético sobre seu país, Karski se radicou como acadêmico nos Estados Unidos. Ele era um democrata, anticomunista, e seu livro só pôde ser lançado na Polônia em 1991, depois da queda do Muro de Berlim. No Brasil, sai nesta semana, 15 anos depois de sua morte.



LIVRO DA SEMANA

Estado secreto
Jan Karski

Objetiva
448 páginas
R$ 60

O alerta de mensageiros como Karski foi insuficiente para deter a política nazista de extermínio. Nos anos 1980, ele voltou a ser reconhecido graças às palavras que pronunciou numa conferência nos Estados Unidos e a seu testemunho no filme *Shoah*, de Claude Lanzmann. "Quando a guerra chegou ao fim, entendi que nem os governos, nem os líderes, nem os intelectuais, nem os escritores sabiam o que tinha acontecido com os judeus. O assassinato de 6 milhões de seres inocentes era um segredo", disse Karski. "Nesse dia, me tornei judeu, como a família de minha mulher (...) Sou um judeu cristão. Um católico praticante. E, embora não seja um herege, acredito que a humanidade cometeu um segundo pecado original: cumprindo ordens, por negligência, por ignorância autoimposta ou por insensibilidade, por egoísmo ou por hipocrisia ou, ainda, por frieza calculista. Esse pecado assombrará a humanidade até o fim do mundo. Esse pecado me assombra. E quero que seja assim." ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br**

PROMOÇÃO

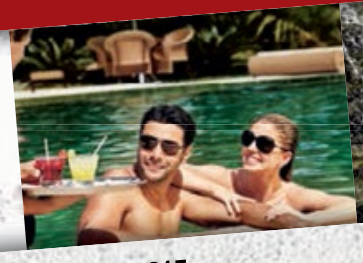
QUEM ACONTECE

VIAJA COM VOCÊ



Concorra a **50 PACOTES DE VIAGEM** com acompanhante para ***Rio Quente Resorts***.
Descubra como em **quemviajacomvoce**.com.br







Consulte regulamento no site e confira as cidades participantes. Promoção válida de **6/7** a **30/9/2015**.

Rio Quente resorts

EDITORA GLOBO

Certificado de Autorização CAIXA nº 6-1300/2015

CRIAÇÃO**EG**

UM ARTISTA NO FUN

Em *Só por hoje e para sempre – Diário do recomeço*, Renato Russo faz um relato sincero de seu vício em drogas e de sua compulsão sexual

Sergio Garcia

À s vésperas da Semana Santa de 1993, o cantor Renato Russo tomou uma decisão extrema. Depois de quase morrer de overdose mais de uma vez, internou-se numa clínica de reabilitação próxima ao Maracanã, no Rio de Janeiro. Àquela época, venerado como líder da banda Legião Urbana, ele constatou ter "chegado ao fundo do poço, sentindo angústia, solidão e dor (até física, por vezes)". O período de desintoxicação, que durou quase um mês, envolveu diversos exercícios psicológicos. Uma das terapias prescritas consistia em responder, por escrito, a perguntas feitas pelo corpo clínico, ou desenvolver temas apresentados por eles. Essas "folhas de eventos significativos", como eram chamadas, integraram o espólio do cantor, que morreria três anos depois de redigi-las. Filho único do artista, Giuliano Manfredini, de 26 anos, quis compartilhar esse diário de internação e reuniu os textos no livro *Só por hoje e para sempre – Diário do recomeço* (Companhia das Letras, 167 páginas, R$ 34,90).

Em tom confessional, Renato Russo aborda seu vício em álcool, maconha, cocaína e heroína, seus relacionamentos sempre fugazes – e alguns platônicos, como o amor que revela sentir por Dado Villa-Lobos, seu companheiro de banda. "Era um amor platônico por essência, mas em minhas fantasias, outra coisa, completamente diferente", escreveu. Relata ainda sua descrença generalizada no mundo e nas pessoas, que descambava em autodestruição. A fase de recolhimento teve reflexo direto em seu trabalho posterior, o disco ▶

Foto: Cris Bierrenbach/Folhapress

D O D O P O Ç O



CONFISSÕES
Renato Russo em 1994. Ele relatou a autodestruição como um exercício terapêutico



O descobrimento do Brasil. Um exemplo: a canção "Vinte e nove", cujo título se refere aos dias exatos de confinamento, traz o sintético verso "decidi começar a viver". Abaixo, leia um trecho da publicação em que, ao responder a um exercício terapêutico no qual precisava listar cinco comportamentos autodestrutivos de seu passado, o autor faz um retrato sombrio de si mesmo.

"1. Em agosto de 1990, quando estava morando no Marina Palace Hotel, no Rio de Janeiro, e alternando meu uso de álcool com heroína (os dois juntos não combinam), passei uma noite me queimando no rosto e nos braços com cigarros acesos. Fiquei com feridas bem visíveis, de até um centímetro de diâmetro, especialmente no braço esquerdo e na testa. Só senti um pouco de dor, e uma compulsão masoquista me levava a aumentar cada vez mais as feridas e queimaduras, que, por sorte, cicatrizaram sem deixar sequelas, em dois meses. Não me incomodei com o fato porque nesse período estava completamente anestesiado por minha dependência química. Me senti vazio de sentimentos e emoção, a não ser por ansiedade."

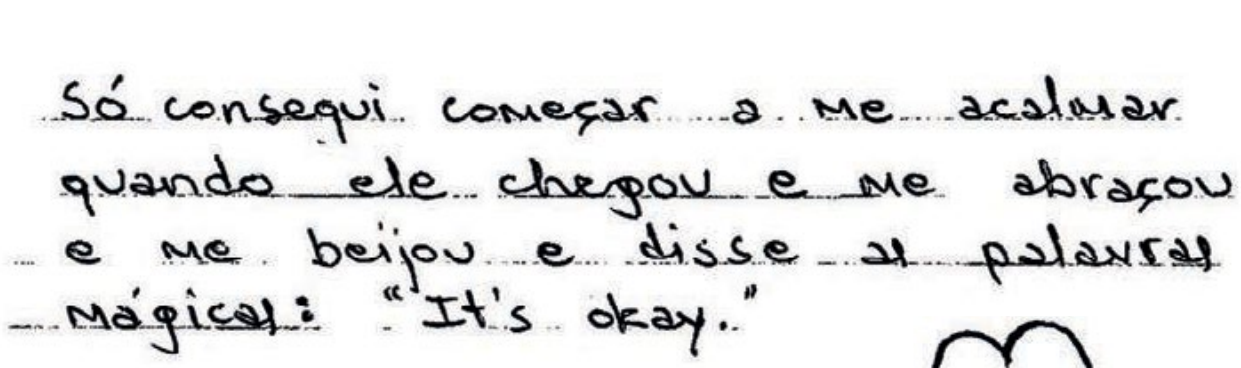
"2. Durante meu uso de heroína, entre agosto e outubro de 1990, tanto no hotel onde morava, como em viagens para shows e apresentações ao vivo pelo país (principalmente Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro), tive os primeiros sintomas de abstinência. Entrei em pânico, porque é o pior pesadelo, um vazio espiritual e uma angústia terrível, acompanhados de muita dor física e desconforto. Isso durou dois dias na primeira vez (cheguei a tomar mais de 100 mg de Valium para tentar dormir) e quatro dias na segunda interrupção do uso (porque voltei a usar a droga – que é minha droga de preferência – assim que entrei em contato com o fornecedor novamente). Lembro que da segunda vez tentei de tudo para minimizar a dor e o pânico, e nada adiantou. Nem Valium, ou massagens, preces, banhos quentes, ter companhia de amigos, outras drogas. Decidido a parar, por causa de meu trabalho (nessa época já não deixava nada interferir no meu desempenho em palco, só fora dele), voltei ao álcool, maconha e tranquilizantes. Vivia um estado de euforia ou depressão, medo ou sedação (e falta de contato com a realidade). No fundo achava muito romântico e até heroico estar me destruindo assim."

"3. Até que chegou o último show da turnê (por sinal, a mais bem-sucedida até então, a do disco *As quatro estações*). Me drogava e bebia muito, um dia antes, e sempre depois da apresentação. Íamos para Volta Redonda de ônibus, e tive que ter acompanhamento psiquiátrico a viagem inteira, além do uso de muitos sedativos e vitaminas, para diminuir meu sofrimento. Senti muita frustração e confusão (mental e espiritual até). Fiquei o dia inteiro trancado no quarto do hotel enquanto todos se divertiam, animados e sem maiores preocupações. Me lembro que rezava para que chovesse e o show fosse cancelado, já que não queria enfrentar o público. Abrimos esta última apresentação com 'A whiter shade of pale' *(clássico da banda inglesa Procol Harum, lançado em 1967)*, que descrevia meu estado perfeitamente, e, já no palco, não tive maiores problemas. Deveria ter sentido a culpa de sempre, mas o alívio por não ter que subir num palco depois desse show era tão grande, que voltei a me anestesiar (com tranquilizantes e álcool) e a me fechar em mim mesmo, com risco de vida..

"4. O período todo entre julho de 87 e maio de 88 foi marcado por meu uso intenso de cocaína e álcool. Um parente meu comprava a droga para mim, eu dava o dinheiro. Eu cheirava junto

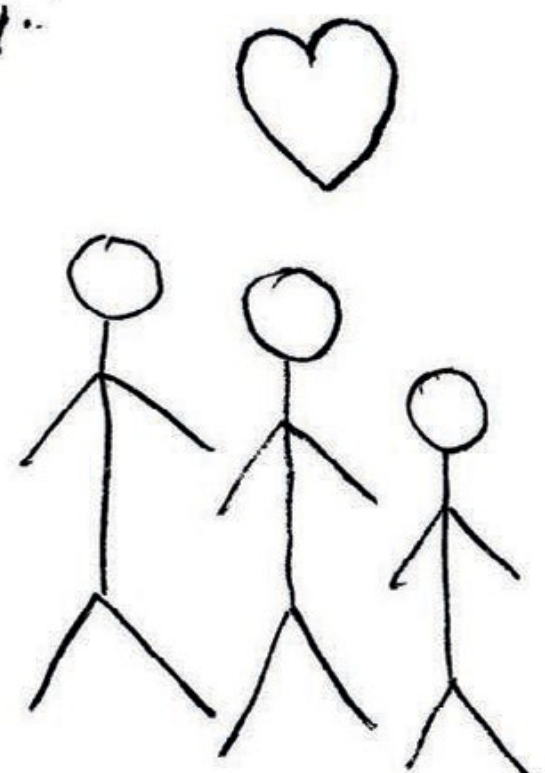
Fotos: Tasso Marcelo/Estadão Conteúdo







ANGÚSTIA
A Legião Urbana em 1993, mesma época em que Renato Russo escreveu diários sombrios *(acima, uma reprodução)*. Eles são revelados num novo livro *(ao lado)*



com meu namorado, enquanto meu parente se picava. Passamos mal muitas e muitas vezes. Foram incontáveis as semanas de completa autodestruição: não me alimentava, ficava trancado em meu quarto lendo, ouvindo música e assistindo vídeos, e dormia de dia e ficava acordado até as 8 h da manhã, sempre. Me isolei e só tinha contato com o mundo pelo telefone. Foi um período de muita compulsão sexual também, quase sempre mal resolvida, o que me trazia raiva, frustração, e me levava a exagerar cada vez mais o uso da droga. Entrei em pânico completo pelo menos uma vez, quando tive que pedir para chamarem um médico. Nem tive vergonha ou culpa, tal o meu estado. No final desse período, já tinha brigado com meu parente e com meu namorado. Meu namorado foi morar com esse meu parente e sua família (morávamos na mesma rua), e me senti frustrado e só. Quase morri de overdose incontáveis vezes (às vezes nem chegava a perceber meu estado), o que, além do medo, me causava um sentimento de culpa muito intenso e constante e um isolamento cada vez maior, um ressentimento em relação a todos que me cercavam e raiva do mundo. Nessa época não queria perceber o estado em que me encontrava e senti muita dor emocional e solidão."

"5. Após um período de abstinência devido a uma hepatite B muito séria (quase morri) e dois anos de análise, tive uma recaída e voltei ao álcool e tranquilizantes, dessa vez já consciente do meu problema: agora eu iria até o fim. Não me importava mais com nada, só tinha pensamentos e emoções extremamente negativos, minha compulsão sexual voltou (por vezes, eram cinco meninos toda noite) e eu só pensava em morrer. Foi esse período, de dois meses para cá, que foi 'o meu fundo do poço'. Fingia estar bem para o mundo, mas todos sabiam dos meus problemas. Meu analista conseguiu finalmente me convencer a uma internação e vim a achar Vila Serena. Estaria morto antes do final do ano (era esse meu objetivo), e minha autoestima era inexistente. No final só sentia raiva, autopiedade e inadequação. Foi como cheguei aqui." ◆

O HOMEM QUE AMAVA AS MULHERES

E os filmes. E a literatura. A exposição *Truffaut: um cineasta apaixonado* esmiúça o universo do gênio francês – com atenção especial a suas musas

Ruan de Sousa Gabriel



NAMORADOR
François Truffaut nas filmagens de *Beijos proibidos*. Ele namorou várias das atrizes de seus filmes

Em 1959, aos 27 anos, François Truffaut exibiu seu primeiro filme no Festival de Cannes e levou para casa o prêmio de Melhor Diretor. *Os incompreendidos* contava a história de Antoine Doinel, um garoto de 14 anos que preferia as salas de cinema às salas de aula. Doinel, interpretado pelo ator Jean-Pierre Léaud, era um *alter ego* de Truffaut. Acendia velas para o escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) e roubava fotos de Harriet Andersson, a atriz sueca que enlouquecia os homens em *Monika e o desejo*, um dos filmes mais ousados de Ingmar Bergman (1918-2007). Truffaut queria contar histórias como Balzac e retratar mulheres fortes como Bergman. Uma exposição que chega a São Paulo na próxima semana mostra que ele conseguiu.

Truffaut: um cineasta apaixonado chega ao Museu da Imagem e Som (MIS) depois de uma temporada na Cinemateca Francesa, em Paris. A exposição, que abre precisamente em 14 de julho, data em que se comemora a Revolução Francesa, reúne mais de 600 itens como livros, revistas, recortes de jornal, entrevistas, fotografias, anotações, croquis de figurinos, cartas, objetos pessoais e até o vídeo do teste de elenco de Léaud. Todas as peças foram doadas à Cinemateca pela família de Truffaut – o cineasta também tinha pendor de arquivista. André Sturm, diretor do MIS, afirma que a exposição paulistana é bem diferente da que esteve em cartaz em Paris: "A nossa versão permite que a experiência dos visitantes seja mais divertida". Na Cinemateca, a exposição se resumia a vitrines e objetos pendurados nas paredes. Em São Paulo, os cinéfilos percorrerão os corredores do MIS como se estivessem passeando por um filme. A versão brasileira também mudou de nome. Na França, era simplesmente *François Truffaut*. No Brasil, como o título sugere, a exposição permite que se explorem as paixões do diretor. Uma delas, claro, é o cinema. Outra, ainda mais intensa, são as mulheres. Poucos diretores se envolveram romanticamente com tantas atrizes. E, provavelmente, nenhum levou tantas personagens femininas fortes e fascinantes às telas.

Ao contrário da exposição francesa, a brasileira traz um setor totalmente ▶

Fotos: divulgação e Archivio Cameraphoto Epoche/Getty Images



JEANNE MOREAU

Ela enlouqueceu os cinéfilos – e Truffaut – como a Catherine de *Jules e Jim*. Os dois tiveram um romance durante as filmagens. Ambos eram casados



MARIE-FRANCE-PISIER

A personagem não ligava para o mocinho em *Amor aos 20 anos*, mas a atriz arrebatou o coração de Truffaut



FANNY ARDANT

A última mulher de Truffaut, com quem teve uma filha em 1983, um ano antes da morte dele

destinado às musas de Truffaut. Ele recebeu o sugestivo nome de "*Peeping*" ("espiadinha", numa tradução livre) e exibe imagens das atrizes com as quais o cineasta trabalhou – e que, em muitos casos, amou. "É uma sala que remete ao voyeurismo e representa a paixão de Truffaut pelas mulheres bonitas", afirma Sturm. Truffaut se apaixonou por várias de suas atrizes, como Catherine Deneuve, que dirigiu em *A sereia do Mississippi* e *O último metrô*. Ele também se envolveu com Marie-France Pisier (1944-2011) e Claude Jade (1948-2006), que interpretaram namoradas de Antoine Doinel no cinema. Marie-France e Claude atuaram juntas no antológico *Amor em fuga*, que passa em revista a vida sentimental de Doinel – e, por tabela, a do próprio Truffaut. Em 1983, Truffaut teve uma filha com Fanny Ardant, que atuou em *A mulher ao lado* e *De repente, num domingo*.

Não é difícil imaginar por que, em 1977, Truffaut rodou um filme chamado *O homem que amava as mulheres*, que traz Charles Denner (1926-1995) na pele de um dom-juan que se distraía espiando as pernas femininas. "Para mim, não existe nada mais bonito de ver do que uma mulher andando", afirma Denner, numa das cenas mais famosas do filme. "As pernas das mulheres são compassos que percorrem o globo terrestre em todos os sentidos, dando-lhe equilíbrio e harmonia."

A paixão de Truffaut pelas mulheres é a mesma paixão que o imberbe Antoine Doinel sentia pela emancipada Harriet Andersson em *Os incompreendidos*. *Monika e o desejo* chegou às telas em 1953 e escandalizou plateias com cenas de nudez e uma protagonista que lidava naturalmente com a sexualidade. O filme de Bergman antecipou a maneira como Truffaut e os jovens cineastas franceses se relacionavam com suas atrizes e retratavam as mulheres – como senhoras de seu próprio desejo, e não apenas como objetos do desejo masculino. "Os filmes de Truffaut traziam mulheres fortes, decididas, que tomavam as rédeas da própria vida. O que desencadeava a ação era o desejo dessas mulheres", afirma Pedro Maciel Guimarães – que, em agosto, ministrará o curso Truffaut, o Homem Que Amava as Atrizes... e Jean-Pierre Léaud, em São Paulo.

Truffaut era um cineasta que valorizava os roteiros, como se fosse um Balzac moderno. "Ele era apaixonado pelo lado literário do cinema, pela possibilidade de contar uma história que envolvesse o es-

Fotos: Popperfoto/Getty Images, Jean-Claude Deutsch/Paris Match via Getty Images, Francois Gragnon/Paris Match via Getty Images e Lido/Sipa/AP



Truffaut recorreu aos antidepressivos depois que a atriz terminou o romance



A namoradinha gentil e inocente do filme *Beijos proibidos* foi noiva de Truffaut

pectador e o convidasse a interagir com o que se passava na tela", afirma Guimarães, doutor em cinema e audiovisual pela Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris III). Ao contrário de Jean-Luc Godard – o filho rebelde da nouvelle vague, que transformou seu cinema em arma revolucionária –, Truffaut preferia contar histórias de amor e recorria sempre à literatura (os dois cineastas, aliás, nutriram uma rivalidade sangrenta ao longo da vida, até o ponto em que deixaram de se falar). "Truffaut era um escritor do cinema ou um escritor cineasta. Os livros eram, para ele, um material vivo", diz Serge Toubiana, diretor da Cinemateca. Toubiana foi o curador da exposição parisiense e fará uma palestra no MIS na segunda-feira, dia 13, um dia antes da abertura da mostra. Truffaut se esforçava para ser fiel aos textos literários. *Fahrenheit 451*, de 1966, adaptação da distopia de Ray Bradbury, é o melhor exemplo do respeito de Truffaut pela palavra do escritor.

Jules e Jim, filme de 1962, um dos preferidos dos fãs do cineasta, é uma adaptação do livro de Henri-Pierre Roché (1879-1959). Conta a história de dois amigos, um francês e um alemão, que se apaixonam pela mesma mulher, a emancipada Catherine (Jeanne Moreau). Truffaut também não resistiu aos encantos da atriz – embora ambos fossem casados. O diretor respeita o texto e os personagens da obra. A Catherine cinematográfica de Truffaut e a Catherine literária de Roché são bem parecidas, e a presença de um narrador foi o recurso usado para transpor o texto literário para a tela. *Jules e Jim* terá um espaço especial na exposição que desembarca em São Paulo.

A maior das homenagens "ao cineasta apaixonado", seu cinema e suas mulheres estará na sala redonda do MIS. No alto da parede estarão 20 telas que vão mostrar cenas de um de seus filmes. Cada tela exibirá a cena com cinco segundos de diferença da anterior. Quem ficar parado em frente a um dos monitores assistirá ao desenrolar da história. Os que optarem pela visão 360 graus terão a impressão de que o filme todo está acontecendo naquele exato momento – e que são parte dele. "O cinema é a ilusão da imagem em movimento. Vamos criar essa ilusão ao vivo", afirma Sturm. Quem já é apaixonado por Truffaut se sentirá no meio de um de seus filmes. Quem ainda não é corre o risco de se encantar pelo cineasta. Ou por Catherine Deneuve, Marie-France Pisier, Jeanne Moreau, Claude Jade, Fanny Ardant... ◆

Em defesa dos fracos, do

A editora de quadrinhos Marvel recomeça suas publicações do número

Nina Finco

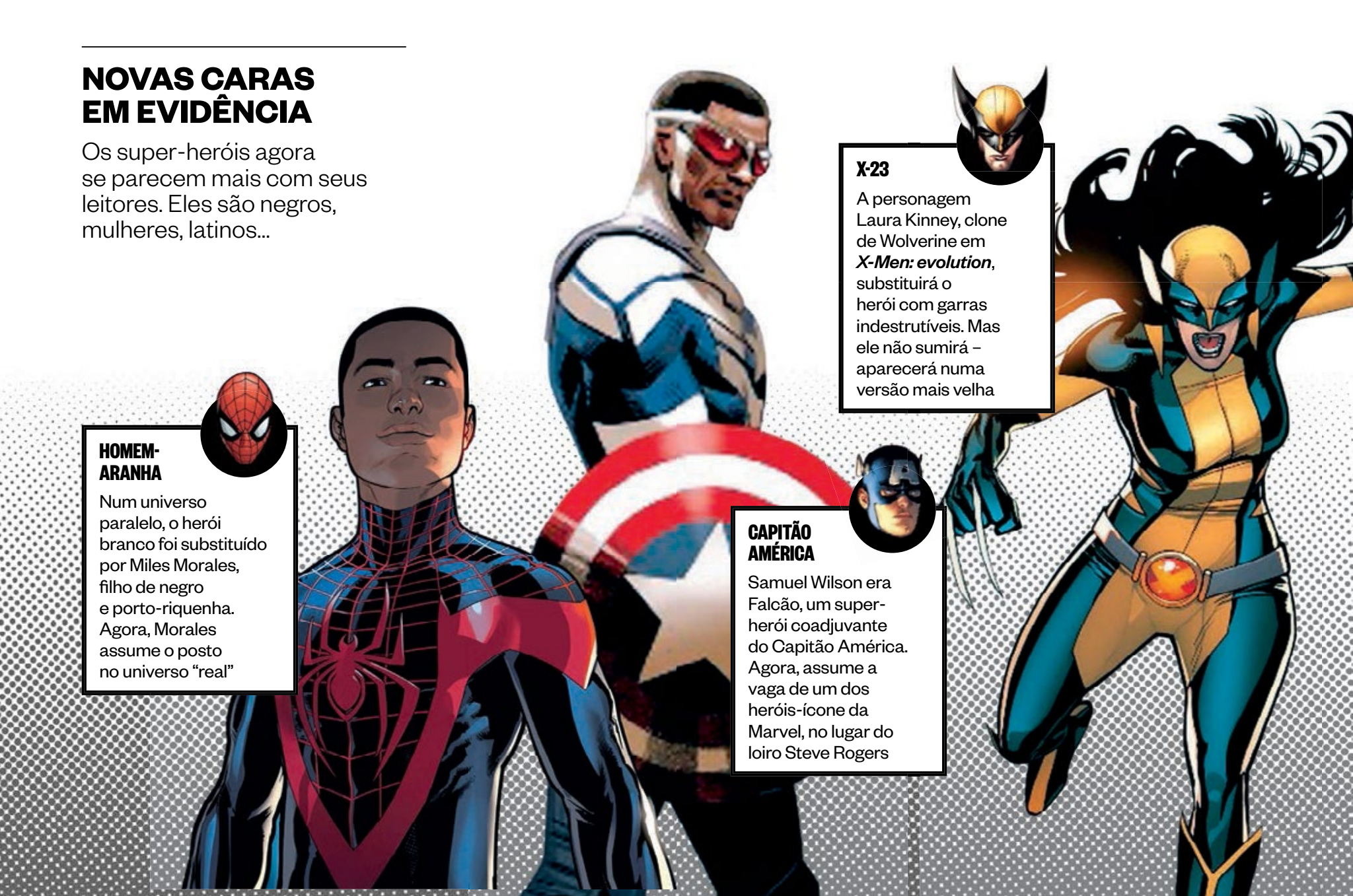
Há pelo menos 80 anos, os super-heróis salvam o dia nas histórias em quadrinhos. A fórmula que mistura habilidades sobrenaturais, identidades secretas, trajes vistosos e pancada nos vilões segue levando fãs a bancas e lojas de HQs em todo o mundo. Nos últimos anos, eles se transformaram em ícones pop – famílias inteiras vão aos cinemas ver filmes de super-heróis, e moderninhos que nunca chegaram perto de um gibi usam camisetas e tatuagens com símbolos desses combatentes do crime. Os heróis quebraram os limites das páginas de revistas, mas seus poderes não os tornaram capazes de superar outro obstáculo bem típico do século passado: a falta de diversidade. Até hoje, super-herói que faz sucesso mesmo é homem, branco e heterossexual. Eles podem até ser extraterrestres, como Thor ou Super-Homem, mas tendem a viver nos Estados Unidos, passam fáceis por suecos e se enamoram pelo sexo oposto. O que os torna, hoje em dia, diferentes de grande parte do público amplo que os admira.

Entre os curtidores de aventuras de super-heróis há mulheres, gays, minorias em geral e todo tipo de grupo que, hoje, tem voz e orgulho de sua identidade. Quadrinhos já foram culto de meninos. Hoje, são lidos por uma comunidade planetária. Como incluir, nas histórias, personagens representativos dessa diversidade toda? A dúvida vinha atormentando a Marvel, nascida há 76 anos como editora de HQs, dona hoje de um terço desse mercado e braço do gigante de mídia Disney. O mundo fantástico dos super-heróis tem resposta pronta: basta recriar o universo.

A Marvel chama isso de reboot (em português, a "reinicialização"). O passo mais recente na mudança foi o lançamento, em 1º de julho, da revista *All-New, All-Different Marvel*, com 62 páginas mostrando o visual dos personagens. O Capitão América, antes loiro, passa a ser negro. O Homem-Aranha, antes portador do sobrenome anglo-saxão "Parker", ganha ascendência latina e vira "Morales". Thor era uma montanha de músculos e Wolverine um brucutu peludo. Ambos tornam-se, agora, esguias super-heroínas. Colegas menos famosos contribuem com a diversidade. A heroína Miss Marvel, originalmente uma militar americana e loira, ganha nova encarnação como uma adoles-

NOVAS CARAS EM EVIDÊNCIA

Os super-heróis agora se parecem mais com seus leitores. Eles são negros, mulheres, latinos...



HOMEM-ARANHA

Num universo paralelo, o herói branco foi substituído por Miles Morales, filho de negro e porto-riquenha. Agora, Morales assume o posto no universo "real"

CAPITÃO AMÉRICA

Samuel Wilson era Falcão, um super-herói coadjuvante do Capitão América. Agora, assume a vaga de um dos heróis-ícone da Marvel, no lugar do loiro Steve Rogers

X-23

A personagem Laura Kinney, clone de Wolverine em ***X-Men: evolution***, substituirá o herói com garras indestrutíveis. Mas ele não sumirá – aparecerá numa versão mais velha

s oprimidos e das vendas

1 e tenta tornar seus heróis mais diversos e parecidos com o público

cente de origem paquistanesa. E Singularidade, uma personagem apresentada neste ano, chega ao mundo sem uma identidade de gênero definida. Antes dos tempos atuais de fluidez de identidade sexual, só podia ser super-heroína quem havia nascido como mulher. Para Singularidade, ser mulher é uma escolha.

A reformulação havia começado em janeiro. A Marvel havia anunciado que todas as publicações seriam zeradas, com o lançamento da série *Secret wars (Guerras secretas)*, que ocorreu em maio. Nessa nova série, o universo "real" da Marvel se mistura com um universo paralelo. Trata-se de uma tentativa de solução nova para o antigo problema da falta de diversidade nas histórias. E, até o momento, parece ser uma solução fértil para os roteiristas, interessante para os leitores e razoavelmente segura para os executivos de vendas de HQs.

Realidades alternativas rendem, há décadas, roteiros interessantes nas HQs, não só na Marvel. Os escritores podem experimentar possibilidades radicais – histórias famosas incluem "o que aconteceria se o Capitão América se tornasse presidente dos Estados Unidos?" e "e se a nave que trouxe Super-Homem ainda bebê à Terra tivesse caído na União Soviética?". E isso sem mexer na vida "real" de personagens já consagrados. Desde 2000, a Marvel vinha usando uma dessas realidades paralelas para testar a aceitação de alguns personagens novos e de personagens antigos em novas roupagens, como o Homem-Aranha hispânico. Agora, por algum misterioso evento cósmico, as realidades se sobrepõem, e as versões "paralelas" de super-heróis passam a ser as versões "reais".

"O universo Marvel como vocês conheciam acabou", disse o vice-presidente de publicações da editora, Tom Brevoort. "*(O novo Homem-Aranha)* não é um Homem-Aranha com uma observação. Agora, é o Homem-Aranha de verdade", afirmou o roteirista Brian Bendis, em entrevista ao jornal *New York Daily News*. "É nossa mensagem para crianças e adultos negros e também para todos os outros leitores." Em setembro, os "sobreviventes" de *Guerras secretas* aparecerão em HQs vendidas a partir da edição nº 1. Para quem pensava em explorar o universo dos quadrinhos, mas se sentia acanhado de começar a ler a partir da 100ª edição, surge uma oportunidade. ▶



As editoras de quadrinhos já pensavam antes em diversidade. Embora sem o vigor necessário, elas tentam há décadas contemplar mudanças sociais e no perfil dos leitores. A DC lançou a Mulher-Maravilha em 1941, como resultado do movimento feminista. A Marvel apresenta desde os anos 1960 uma variedade de personagens negros, orientais, hispânicos, gays e não americanos. Nenhum deles, porém, tornou-se tão famoso quanto ícones da própria editora, como Capitão América e Homem-Aranha, ou da concorrente, como Super-Homem e Batman. Muitos se mantiveram como coadjuvantes (caso de Samuel Wilson, o Falcão, que agora assumirá o lugar do Capitão América). E a Mulher-Maravilha continua a ser a única super-heroína amplamente reconhecida fora do círculo de fãs de quadrinhos.

Como a nova iniciativa da Marvel é muito mais radical e barulhenta que as anteriores, houve estranhamento. Desde o anúncio de que Thor seria uma mulher, em julho de 2014, há críticas. "Mudanças assim são feitas para provocar os leitores, e elas provocam", escreveu um articulista no site Breitbart. "*(Os leitores)* entendem que certas características são intrínsecas a certos personagens. James Bond e Capitão América são obviamente brancos. Thor é obviamente um homem; sugerir o contrário é tolice." O movimento da Marvel ainda poderá resultar em rejeição nas bancas. "A Marvel sempre esteve na vanguarda dos quadrinhos, abrindo espaço para super-heróis diferentes", afirma Alexandre Callari, coautor do livro *Quadrinhos no cinema – O guia completo dos super-heróis*. "Mudar as principais características dos personagens pode ser um movimento brusco. Mas, se fizerem isso de forma respeitosa com os heróis, a novidade pode ser absorvida de forma natural." A despeito da má vontade de alguns, o Thor mulher vem obtendo bons resultados. Segundo a ComicChron, grupo de pesquisa especializado em quadrinhos, as vendas da deusa do trovão vêm superando as do Thor masculino. A fórmula está não só na mudança bem-intencionada, mas também no que continuará a ser indispensável para o sucesso de qualquer história: bons roteiros. ◆



MARCIO ATALLA

Fazer abdominal não elimina as gordurinhas

Em quatro meses, perdi 16 quilos com dieta (Dukan), musculação e corrida. Perdi também 15 centímetros de barriga, mas os pneuzinhos da minha cintura continuam lá. Estou fazendo abdominais de tudo que é jeito, mas não vejo evolução. – Higor Braz, Rio de Janeiro, RJ

Você quis mudar seu estilo de vida e conseguiu. Parabéns! Já ganhou muito em qualidade e saúde. Agora ainda quer eliminar mais uma gordurinha que incomoda. E você descobriu que é possível, porque já fez o mais difícil. Eu queria chamar a atenção para alguns detalhes. Primeiro, que você emagreceu fazendo dieta, e isso pode ser perigoso. Sempre tendemos a acreditar que o objetivo foi alcançado e podemos sair da dieta. Não se aprende a comer bem, mas a seguir um cardápio restritivo, com quantidades restritivas e uma certa monotonia. Além disso, sua dieta restringiu o carboidrato por um bom tempo, o que não é uma situação sustentável, porque nosso corpo precisa de carboidrato para funcionar bem. Quando não consumimos esse nutriente, nosso organismo o produz, utilizando o carboidrato que existe dentro dos músculos, degradando a massa muscular. Com isso, perdemos força, autonomia e ficamos mais sujeitos a problemas osteoarticulares. Para quem quer emagrecer é um tiro no pé. Afinal, um corpo mais musculoso gasta mais calorias apenas para manter as funções vitais. Com a perda de músculo, há uma redução no ritmo do metabolismo basal, e passamos a gastar menos calorias. O ideal é que você faça a passagem da dieta para uma alimentação equilibrada e mais natural possível, de forma gradativa, para que não recupere o peso perdido. Quanto a perder as gordurinhas fazendo abdominal, isso não vai acontecer mesmo. Exercícios localizados promovem ganho de força e músculos, mas não queimam a gordura de forma localizada. Basta você pensar no que acontece quando faz rosca bíceps. Seu braço diminui e fica mais seco? Ou fica mais forte e musculoso? Continue com sua corrida, que vai ajudar a queimar a gordura corporal, até dos pneuzinhos. Tente fazer treinos de corrida com intervalos mais curtos e intensos, eles são mais eficientes na queima da gordura abdominal. E mantenha a musculação. Para manter ou ganhar mais massa muscular, isso é importante sempre, em todas as idades. ◆



NA LIVRARIA
Mais dicas sobre qualidade de vida e emagrecimento no livro *Sua vida em movimento*, de Marcio Atalla (Editora Paralela)

Marcio Atalla é professor de educação física e consultor do quadro "Medida certa", do *Fantástico*, da Globo.
E-mail: **matalla@edglobo.com.br**



NEGÓCIOS,
EMPREENDEDORISMO,
AUTOMOBILISMO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA,
AGRONEGÓCIO:

SUA REVISTA PREFERIDA
JÁ ESTÁ NAS BANCAS E NOS TABLETS.

GARANTA HOJE O SEU EXEMPLAR!









EDITORA GLOBO

CRIAÇÃO EG

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br





Pas-de-deux

Primeiro bailarino do Royal Ballet de Londres, aos 34 anos o brasileiro **Thiago Soares** está completando nada menos que 15 de carreira. Para comemorar, ensaia duas peças inéditas: *La bala*, do português Arthur Pitta, e *Caresse du temps*, do coreógrafo italiano Alessio Carbone. Mas nem só de clássicos será feita a celebração. Thiago também se dedica a *Paixão*, coreografia de Deborah Colker criada especialmente para ele. "Pensei num programa relevante. Queria ter obras novas, clássicas e repertório nacional. Nunca dancei com a Colker e estou muito animado. Hoje, busco colaborações com pessoas que têm algum sentido para mim. Não quero apenas massagear meu ego", diz. Outra novidade é que volta a dividir o palco com a bailarina argentina Marianela Núñez, com quem foi casado por 13 anos. "Nossa parceria profissional não acabou, o que terminou foi nosso casamento. Mas nos gostamos muito e não poderia celebrar sem ela."

Pratas da casa

Antonia Frering conheceu **Isis Valverde** bem antes do estrelato, quando a atriz tinha 18 anos e era recém-chegada de Aiuruoca, no sul de Minas. Isis fez então um curta-metragem caseiro ao lado de um dos três filhos de Antonia, Antônio Lorenzo. "O curioso é que meu filho desistiu de atuar, e eu, que o levava ao curso de interpretação, acabei me apaixonando pelo ofício e decidi ser atriz", diz Antonia, filha da socialite Carmen Mayrink Veiga. Ela convocou Isis para estrelar o filme que dirige para a campanha da marca de joias Voya, de sua filha, Maria Frering. "Não tem essa de socialite. Sou daquelas que colocam a mão na massa e fazem tudo para o trabalho sair melhor, sem frescura. Antes das filmagens, fiquei três noites sem dormir. E no set, eu e Maria tivemos de esquecer que éramos mãe e filha e agir profissionalmente."



Fotos: divulgação, Fabio Bartelt, Zanone Fraissat/Folhapress, Nicole Heiniger/divulgação Riachuelo e Marina Monteiro/divulgação



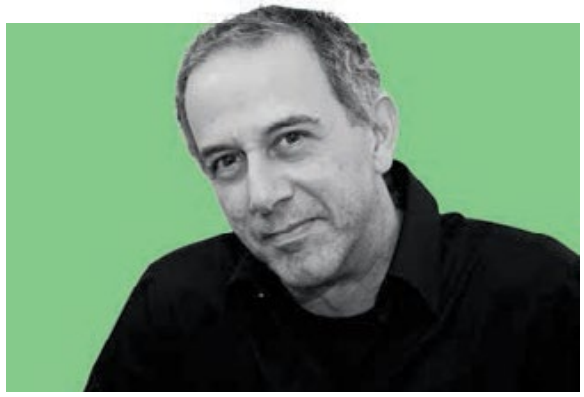
De volta ao topo

Comemorando 12 anos de carreira neste mês, **Carol Trentini** fecha o primeiro semestre estrelando campanhas internacionais de marcas como Versace, Dsquared e Chloe e ensaios nas *Vogues* da Espanha, da Ucrânia e do Japão, na qual estrelará a capa de agosto. "Nem acredito que retomei tão rápido minha vida profissional, logo depois de ter sido mãe", conta ela. Carol também conquistou um recorde: é a modelo que mais vezes apareceu na edição americana da *Vogue*, comandada pela poderosa editora Anna Wintour. Dois anos depois do nascimento de seu filho, Bento, ela e o marido, o fotógrafo Fábio Bartelt, já pensam em aumentar a família. "Estamos em uma hora bacana para ter outro. Mas, para isso, preciso diminuir o ritmo de trabalho novamente", afirma. "Engordei 11 quilos na gravidez, mas perdi tudo rápido, de forma tranquila, sem neura. Hoje, garanto que meu corpo está bem melhor do que antes."



Are baba!

De volta à TV no dia 27 na reprise de *Caminho das Índias*, a novela de Glória Perez que foi a primeira a arrebatar um Emmy internacional, **Márcio Garcia** será nomeado adido cultural da Índia no Brasil. A escolha é um reconhecimento a sua conexão com empresários de Bollywood, a indústria do cinema em Mumbai. A primeira empreitada será trazer um festival de cinema indiano para o país. "Eles produzem muitos filmes de qualidade. Antes, eram mais musicais, agora tem de tudo", conta Garcia. Enquanto isso não acontece, ele toca o longa-metragem *Predileção*, grava duas séries e desenvolve oito programas com sua produtora, a MGP, para TV a cabo. Pai de quatro filhos, ele acaba de posar para a campanha de Dia dos Pais da rede de fast fashion Riachuelo. "O bom de ter quatro filhos é que um já cuida do outro. Mas agora fechei a fábrica. Se estivesse na China, seria preso", diz.



O seriado dos pracinhas

Baterista dos Paralamas do Sucesso e escritor nas horas vagas, **João Barone** verá transformado em série de TV seu livro *1942 – O Brasil e sua guerra quase desconhecida*, sobre a participação de 25 mil brasileiros na Segunda Guerra Mundial. O programa terá quatro episódios no canal Philos. "Estou tentando tirar esse assunto do gueto acadêmico e colocar uma moldura mais pop para comemorar os 70 anos do final da batalha", diz. O pai de João, João Alberto Barone Reis e Silva, foi pracinha e lutou na Itália. E os Paralamas? "Acabamos de lançar um box com 20 álbuns pelos nossos 32 anos de carreira e vamos participar do Rock in Rio, em setembro", afirma.

Leia a coluna diária de Bruno Astuto em epoca.com.br

ENTREVISTA

Debora Olivieri
atriz

“É ridícula a censura em pleno século XXI”

Acostumada a papéis de mãe e mulheres recatadas na TV – seu último papel foi como Meire, na novela *Alto astral* –, **Debora Olivieri** tem dado o que falar... na Holanda. A atriz surpreendeu ao aparecer nua na exposição *Nest*, da fotógrafa Annette van Waaijen, nas ruas de Amstelveen, a 20 minutos de Amsterdã. Mas o governo holandês, que tem fama de liberal, censurou a nudez das imagens e colocou uma tarja sobre a genitália de Debora. “Quem diria, o neoconservadorismo a que estamos assistindo de camarote no Brasil foi parar na Holanda”, diz a atriz, que namora um holandês.



ARTE **Debora, aos 57 anos, numa das fotos em exposição. Em outra das fotos, ela recebeu um tapa-sexo**

ÉPOCA – Que censura as fotos sofreram?
Debora Olivieri – As imagens foram expostas na rua pela manhã e, no mesmo dia, colocaram tarjas vermelhas cobrindo seios e genitálias que estavam à mostra. Achei besteira terem colocado um tapa-sexo nas fotos e acho ridícula a censura em pleno século XXI. Mas o bônus foi que a mostra virou um protesto contra o conservadorismo num país dito liberal. Com tamanho sucesso e repercussão, a exposição foi prorrogada por mais um ano.

ÉPOCA – Como foi se ver nua nas ruas?
Debora – Foi um susto, porque toda vez que saio de casa dou de cara com a minha foto. Tenho 57 anos, mas nenhuma vergonha, e sou totalmente contra o Photoshop. Não tenho a vaidade de uma modelo e manipular a foto tiraria sua veracidade. No início, me sentia nua andando pelas ruas. Agora, virou ponto turístico. Todos os amigos brasileiros que me visitam querem ver.

ÉPOCA – O que espera da repercussão no Brasil?
Debora – Reconheço que é uma foto delicada, porque nunca ninguém me viu assim. A imagem é forte e fui bastante corajosa ao me expor. Sempre faço papéis comportados e nunca me chamaram para fazer personagens mais próximas da minha realidade, que frequentam boates e gostam de música eletrônica. Foi um nu artístico, acredito que as pessoas vão gostar.

Fotos: Annette Wanwaaijen e divulgação

Nas cabines de Paris

A modelo transex **Camila Ribeiro** galgou um posto a que aspiram todas as suas colegas de passarelas. Há um mês, virou manequim de cabine da grife francesa Givenchy, em Paris. “São apresentações fechadas para compradores da marca. Fico feliz pela oportunidade, mas não crio expectativas. Sei que sou uma new face brasileira buscando uma oportunidade no mercado europeu, como tantas outras”, afirma. Natural de Manaus e formada em moda, Camila garante que sua sabida sexualidade não é citada lá fora. “Ser trans não é uma questão. O que vale é o biotipo e o perfil de cada modelo.” Descoberta pela agência Joy, ela foi classificada pelo site Models.com, termômetro de sucesso no mundo fashion, como “a aposta do momento”. “Fizeram um texto muito sensível sobre mim e, em nenhum momento, fui exposta pela transexualidade. É uma quebra de estigma bastante satisfatória.”





WALCYR CARRASCO

Sonho que é pesadelo

Eu recebo centenas de pedidos de trabalho, continuamente. Acho justo. Sou um autor com exposição pública, que trabalha numa grande emissora. É justo que uma pessoa me peça trabalho, mesmo que eu não possa dar. Se não pode nem pedir, como abrir as portas? Qualquer pessoa, em qualquer profissão, tem o direito de pedir emprego. Eu já pedi muito. Consegui alguns de formas inesperadas. Para preservar minha privacidade, porém, jamais trato de um pedido de trabalho pela internet. Quando falo com um ator profissional, aconselho a procurar o departamento artístico da Rede Globo. Ele é sério. Faz cadastros e uma "filtragem" prévia. Quando uma novela começa, existe um produtor de elenco, gabaritado. Em função dos perfis dos personagens, dá ideias, mostra vídeos de desconhecidos e, se necessário, organiza testes.

Mas a maioria dos pedidos vem de pessoas que "sonham" em ser atores ou, de fato, famosas. Pedem ajuda para realizar um sonho de infância. Fico sem palavras, também tive meus sonhos de infância. Só que a palavra "sonho" é perigosa. Em geral costuma se pensar que na área artística não é preciso formação profissional. Um médico só é um médico quando faz faculdade, residência, especialização. Na vida artística, há oportunidades que parecem surgir do nada. Eu conheci, por exemplo, uma ex-bailarina do Faustão que nunca estudou dança. Mas nasceu com o dom. Fez os testes, passou, trabalhou durante seis anos e até ensinou no quadro "A dança dos famosos". Seu talento era natural. Eu sou o contrário, em termos de ritmo. Poderia ter estudado dança desde menino e provavelmente ainda seria um cabo de vassoura. Se quisesse ser bailarino, o sonho se transformaria num pesadelo dos mais terríveis. Talvez estivesse, hoje, fazendo faxina numa escola de dança. Só para ficar perto do mundo que admirava.

Há casos, sim, de pessoas que despontam para a vida artística sem experiência prévia. São situações em que o tipo físico ou a idade contam muito. Ninguém espera, por exemplo, que uma atriz mirim tenha cursado a escola de teatro. E a gente vê que algumas são maravilhosas, espontâneas, talentos únicos. Da mesma forma no futebol. Alguém acredita que se eu tivesse estudado futebol estaria contratado pelo Corinthians? Em tudo isso entra talento, sorte.

Mas o caminho mais reto é o que passa por cursos de formação. Inclusive porque, durante os estudos, há a possibilidade de comprovar se a pessoa tem real talento artístico. Os mais realistas ouvem as avaliações. E descobrem uma coisa simples, mas boa para toda a vida. Fazer arte é bom. Deixa a vida mais agradável, excitante. Só que nem todo mundo nasceu para ser famoso. Então, a pessoa pode participar de um grupo de teatro amador, criar vídeos e botar na internet, participar de um coral. Sem sobreviver disso. O sonho de viver outros personagens, cantar, dançar é realizado. Sem o ônus de um sucesso obrigatório.

O terrível é quando a pessoa decide que essa será sua profissão. Mesmo sem formação alguma. Sai de sua cidade disposta a qualquer coisa. E, na maioria das vezes, não acontece. Eu talvez seja realista demais. Mas, pelo tom dos pedidos que recebo, já sei se alguém pretende viver um sonho ou, sinceramente, destruir suas perspectivas de ter uma vida saudável. Certa vez, conversando com um psicólogo, ele se referiu a um rapaz que estava melhorando muito com a terapia.

– Já está pensando em deixar a engenharia para ser ator.

– Então desconfio do tratamento – respondi. – Por que em todos processos desse tipo a pessoa opta por uma atividade artística? Só vou acreditar em liberações que também façam artistas se apaixonarem por matemática.

> MUITOS PASSAM A VIDA PERSEGUINDO O SONHO DE SER ARTISTAS. VIVEM POBREMENTE, E NADA ACONTECE. É TRISTE

E aí é triste, porque estou ficando velho e acompanho as tragédias. Pessoas por quem a vida passa sem nunca nada realmente acontecer. Vivem pobremente, esperando uma oportunidade que não chega, ou por falta de talento real ou simplesmente por não estarem no lugar certo na hora certa. Outro dia, num evento, uma senhora de 74 anos me procurou.

– Eu preciso de uma oportunidade como atriz!

Nunca tinha feito nada, a não ser pequenas participações em peças desconhecidas. Mas passara os anos atrás desse sonho, desistindo de amores, oportunidades em outras áreas, da vida enfim. Que dor! Quando abro a internet, vejo pessoas falarem da beleza dos sonhos. Eu não.

Cada vez mais, a palavra sonho me arrepia. Facilmente, ele se torna um pesadelo. E pode destruir uma vida. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão



É homem ou mulher?

Nunca foi tão difícil responder a essa pergunta nas passarelas dos desfiles internacionais. É a moda pós-andrógina revolucionando o guarda-roupa deles e delas

Bruno Astuto, de Paris

Enquanto a Europa vivia a ansiedade de um novo ultimato dos credores à Grécia, as salas de desfile da semana de alta-costura de Paris refletiam o espírito de apostas e incertezas que assola o continente.

A grife Chanel montou, no centro de exposições Grand Palais, um cenário que reproduzia um cassino, com roletas e máquinas caça-níqueis de verdade. Os crupiês eram modelos engravatados, e as jogadoras estrelas de Hollywood, do cinema francês e da moda, como as atrizes Julianne Moore, Kristen Stewart e Isabelle Huppert. Elas usavam glamourosos vestidos e tailleurs de veludo com joias que podiam custar até R$ 10 milhões. Enquanto fingiam que faziam suas apostas, as modelos desfilavam os vestidos de alta-costura, feitos sob medida nos corpos das clientes, que demandam milhares de horas de trabalho dos artesãos da maison. As roupas custam, em média, entre R$ 150 mil e

Fotos: Catwalking/Getty Images e divulgação



NOIVO OU NOIVA? **Desfile da Gucci *(à esq.)* e a modelo Kendall Jenner vestida de noiva no desfile da Chanel *(abaixo)*. Neste ano, os estilistas foram além na hora de aproximar os gêneros**

R$ 1 milhão, dependendo do tipo de material e dos bordados aplicados. Mas a grande surpresa ficou para o final.

A tradicional noiva, que geralmente fecha as apresentações dos desfiles de alta-costura, usava um terno masculino, com penteado idem. Se não fosse pelo longo véu, dificilmente alguém identificaria se era uma garota ou um rapaz a usar o modelito.

Era uma moça, a modelo Kendall Jenner *(à dir.)*, até pouco tempo atrás conhecida por ser irmã da estrela de reality shows e exibicionista incansável Kim Kardashian. A fama de Kendall se multiplicou por ela ser filha da transexual mais célebre do mundo, Caitlyn Jenner. Caitlyn, nova encarnação do ex-atleta olímpico americano Bruce Jenner, estreará no fim de julho um reality show sobre sua nova vida como mulher. Pelo programa, receberá um cachê estimado em US$ 4,5 milhões, fora os numerosos e suculentos contratos publicitários que seus empresários negociam. Quando posou em junho pela primeira vez como mulher para a capa da revista americana *Vanity Fair*, Caitlyn se tornou a celebridade que mais rápido amealhou novos seguidores nas redes sociais, batendo, por exemplo, o antigo recorde de Barack Obama no Twitter. A transgênero conquistou 1 milhão de seguidores em apenas quatro horas, contra cinco horas do presidente. Ninguém esperava, porém, que sua influência – e a ideia da fluidez de gênero – ultrapassaria as fronteiras das confusões de sua trepidante família para conquistar as passarelas internacionais.

Nos desfiles de moda masculinos de Paris, Milão e Florença, no final de junho, muitas marcas decidiram apresentar também roupas femininas ou mulheres usando peças típicas do guarda-roupa masculino. O novo estilista da italiana Gucci, Alessandro Michele, liderou o movimento. Sugeriu camisas com ▶

UM SÉCULO DE MISTURA

Antes de chegar à pós-androginia, os estilistas brincaram muito com os limites entre a moda masculina e a feminina



ANOS 20

Blazer nela

Coco Chanel se inspirou no blazer de caçada de seu amante, o duque de Westminster, e criou uma peça nova para as clientes



ANOS 60

Poder

Yves Saint Laurent apresentou em 1966 sua releitura do smoking – uma nova visão de roupa para mulheres poderosas



ANOS 80

Saia nele

Jean Paul Gaultier lançou em 1984 saias para homens. Em 1985, batizou sua coleção de verão "Um guarda-roupa para dois"



ANOS 90

Elegância

Nos anos 1990, a ideia de "Lesbian chic" se difundiu. Um ícone foi a modelo Ève Salvail, lésbica e cheia de atitude com cabelos curtinhos ou raspados

laçarotes de seda no pescoço, estampas românticas e mangas com babados para eles, e ternos com botões cruzados, jaquetas curtas e alfaiataria militar para elas. "Muitas garotas bonitas podem se parecer com os homens, mas, para um homem se parecer com uma mulher, talvez aí esteja a história do mundo", diz ele. Nas vitrines da Gucci em Paris e Milão, é difícil diferenciar os modelos masculinos dos femininos.

Riccardo Tisci, da grife francesa Givenchy, colocou em sua passarela masculina 11 looks de sua coleção feminina de alta-costura. E o mais recente caso de sucesso financeiro do mundo da moda, o estilista Heidi Slimane, da lendária marca francesa Saint Laurent, alcançou um espetacular crescimento mundial de 27% nas vendas no ano passado, justamente brincando com a falta de fronteiras entre os guarda-roupas de homens e mulheres. Nenhuma grife de luxo, fora a Saint Laurent, cresceu dois dígitos no período, por causa do desaceleramento da economia chinesa e do refreamento do consumo dos mercados russo e árabe. A Saint Laurent, em momento de expansão, vai abrir sua primeira loja no Brasil em setembro, em São Paulo, confiando no frisson que vem causando mundo afora.

Para suas campanhas publicitárias, Slimane tem optado por modelos sem muitas curvas, com admitida inspiração em astros de rock como Marilyn Manson, Courtney Love e David Bowie, que sempre brincaram com a confusão de gêneros. A androginia não é exatamente uma novidade no mundo fashion. Nos anos 1920, Gabrielle "Coco" Chanel pegou de seu amante, o duque de Westminster, a ideia de transpor para o guarda-roupa de suas clientes os blazers de tweed que ele usava em suas caçadas no interior da Inglaterra. No final dos anos 1960, o próprio Yves Saint Laurent criou o smoking feminino. Nos anos 1980, Jean Paul Gaultier e seus amigos desfilavam de saias numa Paris em ebulição. Na década seguinte, o movimento "Lesbian chic" colocou o vestuário unissex na ordem do dia. "Mas o que estamos vivendo agora é uma verdadeira revolução pós-andrógina", diz o editor de moda Godfrey Deeney, do jornal francês *Le Figaro*. "As formas das roupas estão cada vez mais unissex, e o que as diferencia entre homens e mulheres são os adornos, os bordados, os enfeites, ou a ausência deles."

Não se trata, portanto, de uma mulher usar uma roupa de homem ou vice-versa – é a mesma peça podendo ser perfeitamente vestida pelos dois, sem diferenciação na modelagem. E se trata, também, de uma nova oportunidade para as grifes, com uma clientela ávida por comprar, em dobro, o que eles e elas estão usando. "O gênero realmente perdeu a importância", diz uma vendedora de uma das butiques parisienses da Gucci. "Homens e mulheres têm procurado a loja atrás dos mesmíssimos modelos." ◆

Fotos: Sasha/Getty Images, Reg Lancaster/Getty Images, The Life Picture Collection/Getty Images e Thierry Orban/Sygma/Corbis

Nos últimos 140 anos, tivemos carro a álcool, Lava Jato, Pré-Sal e crise do petróleo.

E a economia, quando vai sair do fundo do poço?

---

140 ANOS ESTADÃO

De 1875 para cá, o Estadão esteve presente em todas as grandes mudanças do País. E vai continuar ao seu lado. Sempre. Porque, neste tempo todo, só uma coisa não mudou: o seu direito de querer saber.

O BRASIL PRECISA SABER. LEIA O ESTADÃO.

QUER SABER? ESTADÃO

WMcCANN | ESTADÃO

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA



Cinema
2 horas

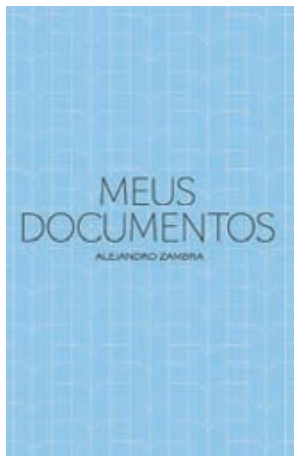
De ladrão a herói

A Marvel traz às telas mais um personagem que pretende conquistar o público: o ***Homem-Formiga***, estrelado por **Paul Rudd**. *(Leia mais sobre quadrinhos a partir da página 68)* Na trama, Scott Lang é um ladrão que deve aceitar que há um herói vivendo dentro dele – o Homem-Formiga. Ele tem de ajudar seu mentor, o Dr. Hank Pym (Michael Douglas), um dos fundadores dos Vingadores, a proteger o segredo por trás do traje de super-herói. Com sua habilidade de encolher o próprio tamanho e expandir a força, o Homem-Formiga e o Dr. Pym enfrentam o vilão Jaqueta Amarela e cometem um roubo que salvará o mundo. **Estreia no dia 16/7.**

Livro
1 hora

Documentos de todos

É um livro de contos? Ou um romance? O leitor é quem decide. ***Meus documentos***, do escritor chinelo Alejandro Zambra, pode ser lido como 11 arquivos guardados naquela pasta que todo mundo tem no computador. Os contos (ou capítulos) de Zambra têm muito a dizer aos brasileiros – que, como os chilenos, conhecem bem as dificuldades de lidar com um passado de autoritarismo. O livro traz histórias irônicas, melancólicas e bem-humoradas sobre ser professor e ser aluno, parar de fumar, ser jovem, perder as ilusões e a privacidade. **Cosac Naify, 224 páginas, R$ 32,90.**





Teatro
2 horas

Saindo da rotina

A morte veste jeans é uma comédia de humor inteligente e ácido, que fará com que os espectadores se identifiquem com a protagonista. Os atores **Fabio Taboulka** e **Lari Martins** contam a história de Mylena Miranda, uma jovem que resolve largar tudo para ir atrás de seus sonhos. Sua vida monótona muda completamente quando uma visita inesperada abre sua mente para novas experiências. **Teatro João Luiz Fiani, Curitiba, até 26/7.**



Exposição
2 horas

À deriva no mar do Rio

Durante a comemoração do aniversário de 450 anos do Rio de Janeiro, o Espaço Cultural Furnas inaugura a exposição ***Rio de mar,*** que apresenta o trabalho do fotógrafo José Diniz. Estão expostas 30 fotografias capturadas à altura da superfície do mar. A paisagem do Rio de Janeiro é vista pela linha d'água – principal característica do trabalho do fotógrafo. Com um olhar e um ângulo diferentes, José Diniz nos leva a apreciar a beleza da Cidade Maravilhosa de uma forma inesperada e inovadora. **Espaço Cultural Furnas, Rio de Janeiro, até 6/9.**

Fotos: divulgação



Festival
2 horas

Uma noite no museu

Em sua terceira edição, o festival ***Noturno nos museus*** acontece em diversos museus privados e públicos de Belo Horizonte e conta com uma programação especial. Neste ano, 34 instituições abrem suas portas durante a noite e madrugada. Além de conhecer os acervos permanentes, os visitantes poderão ver shows musicais, peças de teatro, apresentações de dança, performances de artes visuais e exposições como ***(Re)Conhecer***, que está em cartaz na Casa do Baile e justifica a candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha ao título de Patrimônio Cultural da Humanidade da Unesco. **Belo Horizonte, 17/7.**

Infantil
2 horas

Para pais e filhos

Não apenas as crianças vão se encantar com o espetáculo ***Disney live! O caminho mágico de Mickey & Minnie.*** Com uma mistura de efeitos, ritmos, varinha de condão e fórmulas mágicas, pais e filhos poderão viajar pelos mundos dos protagonistas mais amados da Disney, como Rapunzel, os bonecos de *Toy story*, Pato Donald e Aladim. **Teatro Bradesco, São Paulo, de 17 a 24/7.**





CD
1 hora

De volta às origens

Drone, o sétimo álbum da banda inglesa **Muse**, é o mais sombrio e conceitual que o grupo já gravou. No disco, a banda explora o estilo mais pesado e direto que a tornou famosa. Uma pegada mais rock, mais guitarra, com um toque de surrealismo e ficção. **Warner Music, R$ 29,90.**

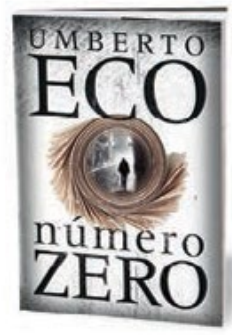
Por **Guilherme Evelin**, gevelin@edglobo.com.br,
com **Ariane Freitas**, atfreitas@edglobo.com.br

LIVROS

MAIS VENDIDOS

Realidade ou ficção

Número zero, de Umberto Eco, faz uma crítica do mau jornalismo. Parece sob encomenda para alguns dos blogueiros que infestam a rede.



FICÇÃO

1	**Cidades de papel** | John Green | Intrínseca	85/2
2	**Toda luz que não podemos ver** | Anthony Doerr | Intrínseca	10/1
3	**As espiãs do dia D** | Ken Follett | Arqueiro	6/10
4	**Se eu ficar** | Gayle Forman | Novo Conceito	45/5
5	**Número zero** | Umberto Eco | Record	1/*
6	**Para onde ela foi** | Gayle Forman | Novo Conceito	35/*
7	**A Guerra dos Tronos – Vol. 1** | George R.R. Martin | Leya Brasil	101/4
8	**Como eu era antes de você** | Jojo Moyes | Intrínseca	16/8
9	**After 3** | Anna Todd | Paralela	2/3
10	**Para sempre Alice** | Lisa Genova | Nova Fronteira	9/7

NÃO FICÇÃO

1	**Correr** | Drauzio Varella | Companhia das Letras	5/2
2	**1808** | Laurentino Gomes | Globo Livros	238/1
3	**Brasil** | Lilia Moritz Schwarcz; Heloisa Starling | Companhia das Letras	7/4
4	**O capital no século XXI** | Thomas Piketty | Intrínseca	30/8
5	**Destrua este diário** | Keri Smith | Intrínseca	79/3
6	**O diário de Anne Frank** | Anne Frank| Record	50/*
7	**A teoria de tudo** | Jane Hawking | Única	19/*
8	**Sniper americano** | Chris Kyle | Intrínseca	19/*
9	**Sonho grande** | Cristiane Correa | Sextante/GMT	108/5
10	**Os Guinle** | Clovis Bulcão | Intrínseca	2/9

INFANTOJUVENIL

1	**Minha vida fora de série** | Paula Pimenta | Gutenberg	1/ *
2	**A herdeira – Vol. 4** | Kiera Cass | Seguinte	8/2
3	**O Pequeno Príncipe** | Antoine de Saint-Exupéry | Agir	476/1
4	**Eu fico loko** | Christian Figueiredo de Caldas | Novas Páginas	20/4
5	**Diario de um banana – Vol. 9** | Jeff Kinney | Vergara & Riba	13/3
6	**Invasão do mundo da superfície** | Mark Cheverton | Galera Record	10/5
7	**A seleção** | Kiera Cass | Seguinte	45/6
8	**Jumbo Coloriamo** | Yoyo | Yoyo Books	3/*
9	**Macaquinho adora brincar** | Igloo Books | Zastras	3/*
10	**Diário de um banana – Vol. 1** | Jeff Kinney | Vergara & Riba	56/7

E-BOOKS

1	**Grey** | E.L. James | Intrínseca	3/1
2	**Desculpa, eu te amo** | Jodi Ellen Malpas | Planeta do Brasil	1/*
3	**A mágica da arrumação** | Marie Kondo | Sextante	7/3
4	**After 3** | Anna Todd | Paralela	2/*
5	**Correr** | Drauzio Varella | Companhia das Letras	2/*

O número à esquerda indica há quantas semanas o livro figura na lista; à direita, sua posição na semana anterior. Consulte listas completas e fontes de pesquisa em epoca.com.br



RUTH DE AQUINO

O golpe é só uma fantasia

O golpe contra a presidente Dilma Rousseff não passa de uma ficção. Por que então tanta especulação sobre "o golpe"? A alguém deve interessar esse blá-blá-blá sobre a ameaça de um golpe iminente, ali, ao dobrar uma esquina de nossa História. "O golpe" derrubará Dilma numa saidinha de banco – o BNDES talvez?

"Eu não vou cair. Eu não vou, eu não vou", disse Dilma ao jornal *Folha de S.Paulo*. "As pessoas caem quando estão dispostas a cair. Não tem base para eu cair. E venha tentar, venha tentar." A presidente agora deu para repetir o que fala, em refrões. É quase um rap. O rap da Dilminha. Nisso, ela está certa. O rap é popular e, se até Lula diz que a presidente está "no volume morto", ela precisa aumentar o som.

Não é a primeira vez que Dilma se repete. Em setembro de 2010, ao se opor a um plebiscito sobre legalização do aborto, disse: "Não acho que quem ganhar ou quem perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder". Deu para entender? Você pode assistir ao vídeo no YouTube. E rir. Mas essa declaração em 2010 foi premonitória. O Brasil inteiro perdeu em qualidade de vida. Só quem não perde são os político$.

Dilma sempre se confundiu ao falar de improviso, sempre tropeçou nas palavras. Não são as gafes seu problema maior. São as mentiras. Foram muitas e, por isso, a massa no Brasil perdeu de vez a confiança nela e no PT. Juros, contas, ajustes fiscais, repasses – tudo era mentira durante a campanha. E censura velada. Na semana passada, o ex-diretor do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Herton Araújo reafirmou ter sido impedido, em 2014, de divulgar o aumento da extrema pobreza no Brasil.

Para salvar o país de suas pedaladas, Dilma se rendeu ao arrocho fiscal e por isso tem sido encurralada por gregos e troianos. Mas a presidente eleita não será derrubada por um golpe. Isso não existe. Este país não quer golpe, nem de direita nem de esquerda. Se houvesse um plebiscito à grega no Brasil, o resultado seria nem sim nem não, muito pelo contrário.

Os ministros e os blogueiros chapa-branca ignoram as críticas do próprio PT a Dilma e alimentam a tese da "ameaça golpista" da direita. O motivo é claro. Nada como transformar a presidente em vítima, para tentar recuperar um naco do apoio popular perdido. Esquecem que quem transformou Dilma em vítima de vaias e panelaços foi Dilma. Quem transformou Dilma em algoz dos trabalhadores demitidos e prejudicados pela inflação foi... Dilma. Quem colocou Dilma no "volume morto" foi... Lula.

O PAC – Programa de Aceleração do Crescimento, para quem já esqueceu o significado – foi abandonado, e a sigla da vez se tornou o PPE, Programa de Proteção ao Emprego. O PPE se propõe a preservar o emprego de quem ganha até R$ 6 mil. Como? Reduzindo jornada e salário em 30%, por um ano. Para compensar o corte salarial, seriam usados recursos de um fundo que está sem fundos, o FAT, de Amparo ao Trabalhador. Mais uma promessa vazia da presidente.

O mico da semana do Planalto foi usar, como garoto-propaganda do PPE, Charles Chaplin no filme clássico *Tempos modernos*. Que lambança. Chaplin abraçado às engrenagens, numa sátira às péssimas condições de trabalho na Revolução Industrial, rindo de si próprio (e dos trabalhadores brasileiros) com a seguinte legenda em maiúsculas: "Jornada de trabalho menor... e meu emprego garantido!". A imagem foi apagada rapidinho na página do governo federal no Facebook. Pegou mal.

O momento da presidente nunca foi tão delicado. Suas contas de 2014 podem ser rejeitadas em agosto pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Sua conduta na campanha pode ser condenada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que a julga por abuso de poder econômico. Seu ministro da Fazenda, Joaquim Levy, pode ser alvo da criPTonita – e aí, adeus ajuste.

> "EU NÃO VOU CAIR. EU NÃO VOU, EU NÃO VOU". A PRESIDENTE DEU PARA REPETIR O QUE FALA, EM REFRÕES. É O RAP DA DILMINHA

Até agora não há nada contra Dilma, e ela não deve cair. Mas, se isso ocorrer, o Brasil carece de líderes confiáveis. Quem seria o presidente? O enigmático vice Michel Temer, que não articula nada e já tenta sair de fininho? O imprevisível Eduardo Cunha, presidente da Câmara, líder da direita evangélica do PMDB? O tucano Aécio Neves, que agradeceu ter sido reeleito "presidente da República"? O PSDB não pode afirmar, em convenção, que "está pronto para assumir" o país. Não está vago o posto de presidente. Esse açodamento é no mínimo inoportuno. Abre o flanco para quem adora falar de "golpe".

Temos uma presidente fraquíssima – e um monte de partidos, aliados ou não, contra ela. Quem, afinal, apoia Dilma? "Eu não vou, não vou, não vou cair". Só se repete assim quem tem medo. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA **raquino@edglobo.com.br**

Existe atendimento de emergência em oncologia? Agora existe.

HOSPITAL

O Einstein inaugurou o primeiro pronto atendimento oncológico em um hospital geral no Brasil. Formado por uma equipe de enfermagem especializada e médicos oncologistas de plantão, esse novo serviço oferece maior segurança e conforto ao paciente oncológico em situações de emergência.

Cada dia mais completo.
Cada dia mais Einstein.

Responsável Técnico: Dr. Miguel Cendoroglo - CRM 48.949 SP

www.einstein.br
Central de atendimento: (11) 2151-1233

MORUMBI
R. Ruggero Fasano, s/nº – Bloco A
De segunda a sexta, das 8 às 17 horas.

60 anos

ALBERT EINSTEIN
SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA
Sua saúde é o centro de tudo.

Leo Burnett Tailor Made

Preservar o meio ambiente com ações concretas. Esta é uma marca do Grupo Petrópolis.

O Grupo Petrópolis, fabricante das cervejas Itaipava e Crystal, do energético TNT, entre outras marcas, é uma empresa 100% brasileira e que produz muito mais do que você pode imaginar. Implantou o Projeto Ama, que além de fazer o plantio de mais de um milhão de mudas, investe em educação ambiental. O respeito ao meio ambiente é mais do que uma ação, é um compromisso com a vida.

Grupo Petrópolis. Patrocinador oficial da prosperidade para os brasileiros.

GRUPOPETRÓPOLIS
VOCÊ É NOSSO MAIOR COMPROMISSO

Fabricante das cervejas Itaipava e Crystal, do energético TNT, entre outras marcas.